Márcia Mineiro | Rian Santos
(Org.)

A aula que eu não tive, mas adoraria ter

Autoras e autores

Paloma Lima
Édson Lopes
Ana Paula Souza
Karine Cardoso
Caio Almeida
Laila Dias
Raissa Carvalho
Rian Santos
Thayná Lima
Danilo Sampaio
Willian Malheiro
Tainá Ferraz

Pedro & João editores

A aula que eu não tive, mas adoraria ter

Pedro & João editores
20 Anos

Advertência:

Este *e-book* reúne capítulos desenvolvidos por alunos, cujas ideias, opiniões e interpretações refletem exclusivamente o ponto de vista de seus respectivos autores. O conteúdo de cada capítulo é de inteira responsabilidade dos estudantes que o redigiram, não representando necessariamente a visão da organização, dos coordenadores do projeto ou dos editores. O objetivo desta coletânea é promover o pensamento crítico, a expressão criativa e o aprendizado colaborativo. Eventuais imprecisões, posicionamentos controversos ou linguagem utilizada devem ser compreendidos no contexto pedagógico e autoral em que foram produzidos.

Márcia Mineiro | Rian Santos
(Org.)

A aula que eu não tive, mas adoraria ter

Autoras e autores

Paloma Lima
Édson Lopes
Ana Paula Souza
Karine Cardoso
Caio Almeida
Laila Dias
Raissa Carvalho
Rian Santos
Thayná Lima
Danilo Sampaio
Willian Malheiro
Tainá Ferraz

Pedro & João editores
20 Anos

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Márcia Mineiro; Rian Santos [Orgs.]

A aula que eu não tive, mas adoraria ter. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 137p. 16 x 23 cm

ISBN: 978-65-265-2390-2 [Digital]

1.Didática. 2. Ciências Contábeis. 3. Atividades Potencialmente Lúdico-Pedagógicas. 4. Bacharéis na docência. 5. Ensino Superior. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta
Arte da Capa: https://pixabay.com/illustrations/background-art-abstract-watercolor-2548758/
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

Sumário

7 — Apresentação
Márcia Mineiro

13 — Capítulo 1
Discussões sobre o ensino: a mediação didática no Ensino Superior
Márcia Mineiro

43 — Capítulo 2
Do Outro Lado da Sala: A Experiência de Ensinar para Compreender
Paloma Lima
Édson Lopes

63 — Capítulo 3
A Jornada de Ser Professor: Lições Além da Sala de Aula
Ana Paula Souza
Karine Cardoso

73 — Capítulo 4
Entre teoria e prática: a aula que queríamos ter tido
Caio Almeida
Laila Dias

87 — Capítulo 5
A sala de aula silenciosa: A falta de participação no processo de aprendizagem
Raíssa Carvalho
Rian Santos

101 — Capítulo 6
Percepções e experiências: Perspectiva de uma aula inclusiva
Thayná Lima
Danilo Sampaio

Capítulo 7
Nova perspectiva do ensinar Contabilidade para os discentes e docentes
Tainá Ferreira
Willian Malheiro
113

Apresentação das autoras e dos autores (em ordem alfabética)
133

Apresentação da obra: A proposta

De forma geral, é comum escutar das(os) discentes reclamações referentes a aspectos pedagógicos e didáticos de seus docentes. Aqui, antes de continuar, preciso fazer um esclarecimento: estou falando de discentes do curso de Ciências Contábeis - um bacharelado, logo, um curso que forma profissionais liberais, que atuarão no mundo do trabalho prestando serviços contábeis, porém sem qualquer direcionamento à docência.

Assim, fica mais fácil depreender que os professores desses alunos são em maioria bacharéis (como eles serão), por conseguinte são "não-licenciados". Os cursos de licenciatura têm por finalidade formar profissionais voltados ao ensino, portanto, neles há componentes curriculares especificamente voltados para questões pedagógicas (mais amplas ligadas à Educação) e didáticas (mais específicas ligadas ao ensino).

A queixa de muitos alunos - por hipótese - tem a ver com a falta de formação para a docência que seus professores parecem apresentar. Eles reclamam que seus docentes "sabem para eles mesmos" ou corriqueiramente se queixam dizendo: "sabem, mas não sabem 'passar'". Frase que - com questões subjacentes ligadas a uma Pedagogia Tradicional e Conservadora predominante na realidade brasileira - diz muito sobre a tipologia dos problemas enfrentados nas salas de aula do ensino superior, em especial no curso de Ciências Contábeis.

Saber o conteúdo e não saber como mediá-lo para que o aluno também o saiba é uma questão eminentemente didática. Envolve: saberes técnicos, pedagógicos, didáticos, sensíveis, políticos, éticos, entre outros.

Desde 2014 venho trabalhando ideias de uma pesquisa que relacionasse mediação didática, ludicidade e Ciências Contábeis. Elementos que eu já estudava de forma não sistemática desde minha graduação em Pedagogia e de forma prática pela atuação

quando lecionava no referido curso. Tais ideias foram materializadas em um projeto de pesquisa institucional chamado: *Ludicidade no Ensino de Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB),* o qual tinha como um de seus objetivos específicos: *Apresentar atividades de potencial lúdico-pedagógico que podem ser utilizadas nas aulas de Ciências Contábeis ensejando a aprendizagem discente*.

Ele foi aprovado pelo comitê de ética, submetido às instâncias cabíveis da UESB (Consepe) e foi colocado em ação. Mas foi interrompido sucessivas vezes por motivos plausíveis: minha saída para doutorado, uma pandemia, licença legal e saída para pós-doutorado. Embora com dificuldade, pelo contexto de paradas e recomeços, a persistência foi mantida e diversos constructos foram elaborados em função dessa pesquisa (apresentações de trabalhos em congressos, capítulos de livro, artigos e agora este livro).

Em 2024, lecionei um componente curricular optativo - chamado "Tópicos Contemporâneos em Contabilidade, com ênfase em Ensino (TCC - Ensino)" - que me permitiu dar concretude ao supramencionado objetivo específico do projeto. Dessa forma pude trazer para o referido curso, valores e saberes relativos à Educação, à Pedagogia Universitária, à Mediação Didática, à Mediação Cognitiva e à Mediação Didática Lúdica todas ligadas à Ciência Contábil. É como se no meio do oceano de saberes técnicos - conteúdos pragmáticos da Contabilidade - eu pudesse criar uma ilha de conhecimentos didáticos e educacionais, sugerindo e referendando as atividades potencialmente lúdico-pedagógicas como estratégias coadjuvantes no ensino de Contabilidade.

Para essa matéria costumam vir alunos de dois matizes: os frustrados e os esperançosos. No primeiro caso (quantitativamente maior) estão os alunos decepcionados com as aulas, com o fazer docente, com a mediação didática de seus professores (da categoria investigativa: 'bacharéis na docência') e no segundo caso estão os que querem retornar à faculdade para lecionar e fazer diferente, aliás, fazer melhor que seus professores, mas que já perceberam

que não há qualquer matéria dedicada a ajudá-los a conhecer sobre o universo do 'lecionar'.

É junto a esses discentes que no primeiro dia de aula eu perguntei: Que aula você teve, mas gostaria que fosse melhor aqui na universidade? Que assuntos foram trabalhados de forma que não os ajudou a aprender? Que atividades de potencial lúdico-pedagógico você proporia para ela? Como seria a aula dos 'sonhos' para esses conteúdos? *Como seria a aula que você não teve, mas gostaria de ter?*

E em meio a esses questionamentos os alunos começam a se dar conta da falta de formação para a docência que seus professores - talvez - carreguem e que isso é fruto do currículo dos bacharelados. Que a construção identitária docente e formações continuadas voltadas para a docência talvez amenizassem as questões de que eles se ressentem. Que seus professores estavam fazendo o melhor que lhes era possível, com seus conhecimentos didático-pedagógicos. E que, sobretudo, não se pode mudar o passado, apenas se pode trabalhar em prol do futuro. Apenas se pode plantar sementes de mudanças educacionais, na esperança de um futuro melhor, na esperança de futuras aulas melhores.

Imbuídos desse sentimento propus aos alunos da turma de TCC-Ensino de 2024 que construíssemos aulas que contemplassem seus sonhos da 'melhor aula possível', aulas planejadas, cuidadosamente pensadas, ricamente elaboradas com conteúdos bem sequenciados e dispositivos de potencial lúdico-pedagógico-didático para remediar, ainda que sutilmente, seus supostos ressentimentos das pregressas aulas que, para eles, foram pouco efetivas.

A proposta foi aceita e acolhida pelos alunos que - inicialmente - ficaram na dúvida sobre qual aula, qual assunto, mais lhes fazia falta ou mesmo que tivesse sido boa, mas que pudesse ser melhor. Superadas essas dúvidas iniciais, à medida que fomos discutindo aspectos pedagógicos, didáticos, de aprendizagem, de emancipação crítica, fomos nos preparando para construir subsídios das aulas que eles gostariam de ter e que em breve transformariam em realidade, apresentando-as para os colegas.

A partir daí, os discentes começaram a perceber que, até mesmo para quem tem a formação didático-pedagógica, não é fácil conceber uma aula que encante e seja efetiva à maioria dos alunos, especialmente no ensino superior. As dúvidas e uma série de inseguranças começaram a surgir: plenamente natural de acontecer quando se está planejando e desejando o melhor. Nesse momento, começaram a ter empatia genuína com a possível dificuldade de seus professores.

E se essas questões fossem partilhadas em forma de livro? Se nesse material - produzido a várias mãos - pudesse compartir a reflexão que eles foram vivenciando ao longo da matéria e culminasse com o resultado de suas preparações para a 'aula dos sonhos'. Esses planos de aula e elucubrações poderiam colaborar de forma concreta com os docentes que já atuam (e estejam em contínua formação didático-pedagógica), bem como, os futuros docentes que estão em preparação para adentrar o Ensino Superior. É isso que pretendemos nessa proposta, a qual acaba convergindo para minha pesquisa institucional de propor e formatar material didático com atividades de potencial lúdico-pedagógico para o ensino de Ciências Contábeis em perspectiva emancipatória, crítica e potencialmente lúdica.

Antes de continuar é necessário informar que embora esse material tenha sido gestado e produzido em ambiente acadêmico-universitário, no qual a linguagem é formal, erudita e 'científica', adotamos propositalmente uma linguagem menos formal, mais casual e que procura ensejar diálogo com o leitor, por isso nos sentimos autorizadas(os) para escrever em primeira pessoa - do singular e do plural - sem o distanciamento exigido pelo discurso em terceira pessoa do singular.

E para concluir essa parte de apresentação inicial esclarecemos que ***em nenhum momento este material tem, nem teve intenção de criticar o trabalho de nenhum colega.*** As pessoas e os trabalhos são diferentes e cada profissional tenta realizar o seu melhor. A perspectiva foi muito mais formativa para que futuramente esses discentes possam se tornar bons docentes, bem como pudessem

‘calçar os sapatos alheios’: conhecer bem o caminho que o(a) professor(a) caminha para lecionar. Conhecer por experiência própria as dificuldades da relação ensino e aprendizagem pela perspectiva do professor - sendo professor por ‘um’ dia - pode levar os discentes a atitudes mais participativas nas aulas e mais empáticas para com o trabalho didático de seus docentes.

Escrito no friozinho gostoso do inverno e revisado nos primeiros dias da primavera em Vitória da Conquista -Bahia,
Márcia Mineiro

Capítulo 1: Discussões sobre o ensino: a mediação didática no Ensino Superior

Márcia Mineiro[1]

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor
(Paulo Freire, 2013)

Problemas pedagógico-didáticos

Durante minha pesquisa institucional e de doutorado investiguei, junto aos discentes de Ciências Contábeis, sobre a mediação didática (lúdica ou não) de seus professores. Os dados revelaram mais do que a mediação didática lúdica, acabaram apontando para outros aspectos que compõem o processo de ensino (mediação didática) e aprendizagem (mediação cognitiva) (Mineiro, 2021).

Um desses aspectos foram "os problemas didático-pedagógicos" que os alunos detectam, mas que nem sempre sabem colocar uma "nomenclatura" neles. Isso é comum em nossa vida quando nos falta conhecimento: sabemos que estamos passando por algum problema, mas não sabemos o que é, sua causa, suas consequências… apenas nos damos conta dos sintomas e nos queixamos deles.

Perdi a conta das vezes que ouvi as seguintes reclamações nos corredores da universidade: "*A professora Fulana não tem*

[1] Docente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: marcia@uesb.edu.br

didática". E eu respondo: "*Puxa, que pena! E o que é didática?!*". A pessoa queixosa identifica na hora que ela não sabe o conceito de didática… ela identifica sintomas do problema didático, mas não sabe o que é didática. Também escuto: *"Professor Fulano sabe o assunto, mas não sabe passar"*. Sempre brinco na minha resposta a esse comentário dizendo assim: *"Não sabe passar ferro?"*. Risos e deboches à parte, nesses diálogos temos questões importantes referentes à Didática e à Pedagogia que preferi sintetizar no quadro 1.

Durante nossas aulas em TCC os colegas-discentes foram relatando os problemas didático-pedagógicos de seus professores (me incluo nesse rol). De início não sabiam "diagnosticar", apenas reconheciam sintomas… à medida que fomos estudando sobre a mediação didática e a mediação cognitiva eles foram atribuindo nomes aos problemas e já detentores dos conceitos e nomenclaturas, escreveram seus capítulos e ao longo da leitura desse livro você poderá constatar isso.

Quadro 1 - Aspectos nos diálogos

Aspecto	Discussão
Saberes docentes	'O professor sabe'... Então, na atuação do professor estão envolvidos 'SABERES' os quais são de muitas naturezas diferentes, tais como: *saberes didáticos* (ligados ao ensino, à mediação didática), *saberes pedagógicos* (ligados ao fazer do dia-a-dia na educação, de cunho mais amplo que o fazer para 'lecionar'), *saberes técnicos* (o conhecimento do assunto a ser trabalhado), *saberes sensíveis* (o conhecimento dos aspectos lúdico-socioemocionais da relação ensino e aprendizagem) (d'Ávila; Sonnevile, 2008), s*aberes digitais* (saber empregar as digitalidades no trabalho docente) etc. A frase do diálogo enseja, portanto, que o professor tem saberes técnicos, porém não têm saberes didáticos. Saberes, epistemologicamente são diferentes de *'competências e habilidades'*, termos usurpados pela lógica neoliberal que se imiscuiu na Educação.

Problema didático	É essa a essência do diálogo: a ausência de saberes didáticos da professora Fulana. Didática é a área científica da Pedagogia que estuda o processo do 'ensino' ou também chamado de 'mediação didática'. Ela se preocupa com os objetivos, planejamentos, conteúdos, métodos, recursos e avaliações. Problemas nesses aspectos revelam problemas didáticos (Libâneo, 2004). Portanto, um professor que sabe o conteúdo, porém não sabe uma forma (maneira, método) para que esse conteúdo seja melhor compreendido pelo aluno tem um problema didático. Simplificadamente ele 'não tem didática', pois sabe o conteúdo, mas não como fazer para que o outro compreenda.
Palavras e ideários pedagógicos	As palavras que escolhemos para compor nossas falas revelam o que a gente pensa ou, pelo menos, revelam contextos, conhecimentos, ideologias ou as ideologias nas quais foram doutrinadas (foram impostas sem a pessoa se desse conta e/ou concordasse), ou seja, as palavras são formas subjacentes de mostrar concepções. A palavra 'passar' traz todo o ideário pedagógico tradicional (ou conservador) (Mizukami, 1986) . Essa corrente pedagógica acredita que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é um ser 'sem luz' (*a - lumni*, em latim: sem luz) que precisa ser preenchido de conhecimentos, pois seria uma 'tábula rasa', por isso faz sentido achar que o professor (que fala e sabe tudo, que tem as '*competências e habilidades*') irá PASSAR o conteúdo/conhecimento para o aluno (indivíduo passivo a ser 'moldado'('modelado', 'adestrado', 'treinado'), pois é incompetente e inábil – 'para atender às *exigências* mercadológicas'). O conhecimento não é passado! Ele é construído e assimilado… exige o esforço e a participação ativa e consciente de quem está aprendendo, muito menos sai 'pronto' das 'falas' do professor, esse mesmo professor é um 'aprendente', também precisou assimilar conceitos e construir seu conhecimento.

Fonte: Elaboração própria.

Preferi não trazer os elementos da minha tese de forma direta e deixar o espaço para que os coautores desse material pudessem falar por si.

Preparação da matéria e das aulas

O componente curricular do qual este livro é oriundo chama-se Tópicos Contemporâneos em Contabilidade - ênfase em ensino contábil. É um toque de flexibilidade no fluxograma do

curso, pois permite ao docente tratar de assuntos pertinentes à Contabilidade que estejam mais próximos a suas pesquisas, estudos e áreas de interesse. Cada docente confere uma ênfase diferente o que torna essa matéria 'singular' e enriquecedora.

<table>
<tr><td colspan="4">UNIVERSIDADE XXXX XXXX XXXX[2]</td></tr>
<tr><td colspan="2">PLANO DE CURSO</td><td colspan="2">Professora: Márcia Mineiro de Oliveira</td></tr>
<tr><td colspan="4">Componente Curricular: Tópicos Contemporâneos em Contabilidade (ênfase em Ensino Contábil)</td></tr>
<tr><td>Carga Horária: 60h</td><td>Créditos: XXX</td><td>Código: XXX</td><td>Período: 2024-1</td></tr>
<tr><td colspan="4">EMENTA</td></tr>
<tr><td colspan="4">Estudo e discussão de assuntos relevantes e emergentes em Ciências Contábeis</td></tr>
<tr><td colspan="4">OBJETIVO GERAL</td></tr>
<tr><td colspan="4">Analisar o Ensino de Contabilidade do ponto de vista didático-pedagógico com auxílio de temáticas contemporâneas da Ciência Contábil.</td></tr>
<tr><td colspan="4">OBJETIVOS ESPECÍFICOS</td></tr>
<tr><td colspan="4">Conhecer características gerais de cada abordagem do processo ensino e aprendizagem;
Reconhecer suas concepções de ensino e aprendizagem e suas implicações.
Inventariar o perfil do docente e do discente no Ensino Superior;
Levantar saberes necessários à educação.
Diagnosticar os problemas da Educação Superior
Identificar os principais estilos de aprendizagem;
Compreender a importância dos estilos de aprendizagem para o docente e o discente;
Conceituar mediação (didática, cognitiva e pedagógica);
Conceituar didática;
Estabelecer a relação didática entre conteúdos e objetivos;
Reconhecer o papel do planejamento na didática;
Distinguir os tipos de planejamento pedagógico-didático (PPP/PU/PD/PA);
Inventariar os elementos constitutivos de cada tipo de plano;
Compreender o conceito e o papel didático de procedimentos metodológicos;
Diferenciar Metodologias Passivas, Ativas e Participativas;
Compreender a relação entre os procedimentos metodológicos e as tendências pedagógicos;
Diferenciar testar, medir e avaliar;</td></tr>
</table>

[2] Suprimimos informações específicas para resguardo didático-ético

Conhecer os princípios básicos da avaliação; Levantar os problemas da avaliação; Identificar o papel dos recursos no trabalho didático; Elaborar um plano de aula. Os outros objetivos específicos serão elaborados pelos discentes posto que neste componente curricular tem-se a pretensão de prover entre docente e discentes, uma maior atualização em temas ainda em estudo na área contábil mediada pelos conhecimentos didáticos.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I UNIDADE Abordagens/concepções/tendências da Educação: Tradicional; Comportamentalista; Humanista; Cognitivista; e Sociocultural. Problemas da Educação Superior; Perfil/formação docente e discente (saberes de cada um); Estilos de Aprendizagem;	Mediação didática; Procedimentos metodológicos: Metodologias Passivas; Metodologias Ativas; Metodologias Participativas/Colaborativas. Planejamento: Projeto Político Pedagógico; Plano de Unidades; Plano de Disciplina; Plano de Aula. Recursos; Avaliação.	II UNIDADE Preparação das aulas: Objetivos; Conteúdos; Plano de aulas; Recursos; Procedimentos Metodológicos; Avaliação. III UNIDADE Completar com informações discentes (os alunos decidirão o tema contábil de suas aulas).

METODOLOGIA DE ENSINO
A metodologia se coadunará com a corrente pedagógica sócio-interacionista com aspectos cognitivistas para efeitos emancipadores.
PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS
Para alcançar os objetivos serão utilizadas as seguintes estratégias: Exposições dialogadas; Seminários; Dinâmicas de grupo; Atividades individuais; Trabalhos de grupo; Estudos dirigidos; Murais; Quizes; Interações com vídeos, entre outros.

Serão utilizados durante a disciplina: lousa eletrônica, OpenBoard, Playposit, Edpuzzle, QCMCam, Lino, Padlet, Vizia, Socrative, Kahoot, Nearpod, PearDeck, Slido, Livesheetsworks,Textos e artigos digitalizados, Produtos Google (Classroom, Docs, Planilhas, Jamboard, Desenhos, Apresentações, Forms, Meet, Agenda, YouTube), Kumospace, Power point, entre outros.
AVALIAÇÃO
Os instrumentos usados ao longo do curso para avaliar a aprendizagem dos alunos serão: testes objetivos e dissertativos, atividades individuais e em grupo. Todo conteúdo terá sua avaliação própria e elas estão classificadas em: Participação (peso 20%), Atividade (peso 30%) e Avaliativa (peso 50%).

CRONOGRAMA

N.	**Assunto planejado:**
Aula 1	Apresentação da matéria, levantamento de frustrações e expectativas
Aula 2	Sondagem sobre abordagens pedagógicas; concepções pedagógicas
Aula 3	Tendência pedagógica tradicional
Aula 4	Tendência pedagógica comportamentalista e humanista
Aula 5	Tendência pedagógica cognitivista e sociocultural
Aula 6	Problemas na educação superior: docentes
Aula 7	Problemas na educação superior: discentes
Aula 8	Problemas contextuais
Aula 9	Entrevista com o artista: aspectos da educação e didática
Aula 10	Atividade: mural coletivo
Aula 11	Estilos de aprendizagem
Aula 12	Mediação Didática e Mediação Cognitiva
Aula 13	Didática
Aula 14	Recursos e avaliação didática
Aula 15	Metodologias (Tradicional, Ativa, Participativa/Colaborativa)
Aula 16	Metodologias (Tradicional, Ativa, Participativa/Colaborativa)
Aula 17	Ludicidade no Ensino Superior
Aula 18	Ludicidade no Ensino Superior
Aula 19	Planejamento didático: Plano de Curso
Aula 20	Elaboração de plano de curso pelos discentes
Aula 21	Plano de Aula
Aula 22	Plano de Aula
Aula 23	Elaboração de plano de aula pelos discentes
Aula 24	Apresentação da aula de 1ª dupla
Aula 25	Apresentação da aula de 2ª dupla
Aula 26	Apresentação da aula de 3ª dupla
Aula 27	Apresentação da aula de 4ª dupla
Aula 28	Apresentação da aula de 5ª dupla

Aula 29	Apresentação da aula de 6ª dupla
Aula 30	Avaliação geral e entrega final de trabalho

REFERÊNCIA BÁSICA

ARAÚJO, José Carlos S. Da metodologia participativa. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.) **Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem**. Curitiba: CRV, 2017 [p.17-47].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Ed.Cortez, 2006

MINEIRO, M.; D'ÁVILA, C. Como aprendem estudantes universitários? Estudo de caso sobre estratégias e estilos de aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, [s.l.], v. 20, n. 64, p. 93-122, 26 mar. 2020. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/25976/24092 Acesso em: 10 jun. 2020

MINEIRO, Márcia; D'ÁVILA, Cristina. Práticas pedagógicas críticas no Ensino Superior: Educação Emancipadora em curso de Bacharelado de Ciências Contábeis. REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA, v. 13, n. 31, p. 902–924, 14 nov. 2021. Disponível em: https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/download/1177/963/3153 Acesso em: 10 dez. 2021

MINEIRO, Márcia**. O essencial é invisível aos olhos: a concepção dos estudantes sobre a mediação didática lúdica na educação superior**. 2021. 445 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação (Faced), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/33486/1/Tese%20-%20Marcia%20Mineiro%2007.05.2021fv.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

A ser complementada com informações discentes (os alunos informarão)

Esse plano de curso se refere à construção realizada para o primeiro semestre de 2024. A experiência docente tem me mostrado que cada turma, cada semestre é uma realidade totalmente distinta. Por isso, ao receber a atribuição da disciplina costumo atualizar materiais, ajustar a ordem dos conteúdos, bem como inserir pelo menos duas aulas como reserva técnica para imprevistos. Pois imprevistos acontecem[3] e não pode pegar o professor totalmente

[3] Nesse semestre, por exemplo, tivemos duas portarias de luto suspendendo as atividades letivas e uma chuva torrencial que impediu o trânsito e o acesso à

desprevenido: ter reserva de tempo e atividades secundárias que podem ser realizadas de forma alternativa para compensar alguma eventualidade. Destarte, o plano de curso (também conhecido como plano de disciplina ou de ensino) deve ser revisto antes de cada recomeço.

O planejamento de ensino

Há palavras e expressões que são bastante genéricas, caem no senso comum e as pessoas repetem sem efetivamente saber o conceito delas. Empiricamente, chamam minha atenção alguns exemplos: ludicidade, lúdico, didática, metodologia de ensino, entre outras.

Nesse momento, vou direcionar minhas palavras para a didática e a metodologia de ensino. A Pedagogia é a ciência da e para a Educação (Libâneo, 2004) e a didática é o ramo basilar do conhecimento Pedagógico que estuda: Objetivos, conteúdos, meios e recursos. Segundo Libâneo (2004, p. 25) "ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino". É durante a formação docente que o professor realiza mais intensamente estudos sobre a didática, sobre como lecionar, ou em outras palavras, como realizar a 'Mediação Didática', bem como os aspectos envolvidos nessa mediação, sobretudo planejar AÇÕES, estabelecer como empreendê-las e como avaliá-las. No trabalho didático tudo – absolutamente tudo! – é norteado pelas 'ações' ou OBJETIVOS. São eles que direcionam escolhas (de conteúdos, de métodos, de recursos, de atividades, de avaliações).

Preciso fazer uma ressalva: estou partindo de um ponto de vista bem simplificado, pois o estabelecimento de conteúdos é muito mais complexo que se possa supor. Envolve ideologias e uma superestrutura política que 'dita' conteúdos que 'devem' ser

---

universidade. Em outros períodos tivemos queda de energia - algo que no turno noturno (em que Ciências Contábeis é realizado) impede a realização das aulas, entre outras intempéries.

trabalhados para atender interesses que, nem sempre, estão explícitos. Tais conteúdos, por sua vez, são prescritos por instâncias de poder normativo alinhadas com um pensamento sócio-político-econômico. Em linhas gerais trata-se do currículo - seara que não vou adentrar neste material, apenas quis deixar exposta a 'não-ingenuidade' quanto a ele, especialmente porque no caso de Ciências Contábeis o currículo prescrito pelo 'mercado' e entidades por ele controladas é um assunto que merece mais atenção, profundidade e extrema criticidade.

Ressalva feita, retomo sobre os objetivos. Para esvaziar a compreensão deles desviando o olhar da essência para a aparência e de modo a atender interesses (que nem sempre estão explícitos na política educacional brasileira) em diversos documentos, em variadas universidades (especialmente naquelas da iniciativa privada, controladas por grandes grupos econômicos) desmantelam-se os 'objetivos' e em seu lugar aparecem 'competências e habilidades'. Ora, quem precisa de competência é o incompetente e quem precisa de habilidade é o inábil. Elas são construídas - querendo ou não - quando se tem um objetivo, entretanto não ter um objetivo (ou, melhor, não saber qual ele é explicitamente) paralisa/enceguece a pessoa que não sabe para onde vai e poderá ir para qualquer lugar que lhe 'obriguem' ir.

Isto posto, partimos em nossas aulas do elemento 'Objetivo' para começar a pensar o planejamento da Mediação Didática. E surgiu a incógnita nas perguntas dos alunos participantes da matéria: Todos os objetivos são iguais? Se não, qual a diferença entre eles? (Nobre leitor(a) as(os) discentes dessa turma são '*outliers*' - são fora da curva!! Brilhantes e naturalmente curiosos (como os bons aprendentes e bons pesquisadores são!))

Foi preciso elencar 4 tipos de objetivos[4], a *priori:* a) objetivos gerais, b) objetivos específicos, c) objetivos de ensino e d) objetivos de aprendizagem. Sobre a) e b) a distinção explicativa recai sobre a ação propriamente dita: ela é 'de curto prazo', mais simples,

[4] Há vários outros. Aqui só irei trabalhar esses quatro.

pontual, um passo que será seguido por outro...? Se sim... então, estamos falando do objetivo específico. Já se é ação que para ser atingida precisa que diversas outras ações sejam empreendidas antes, ou seja, é de âmbito macro e médio/longo prazo... trata-se, então, de objetivo geral.

Na língua portuguesa (e me atrevo a dizer, que nos idiomas em geral) a ação é representada por VERBO. Logo, para cada ação, para cada objetivo há somente um verbo em sua forma original (infinitivo). Isto parece ser óbvio, mas o fato é que a coisa mais corriqueira é encontrar nos planejamentos (projetos de pesquisa, plano de aula, plano de unidade, plano de curso, projeto político pedagógico, entre outros) na parte que se destina aos objetivos, construções contendo mais de um verbo por tópico de objetivo. Outro equívoco frequente é usar verbos de grande amplitude (aqueles que requerem inúmeros passos até ser atingidos) figurando como objetivos específicos. O contrário também é válido, lamentavelmente. Para prosseguir, ainda preciso mencionar outro equívoco bastante comum sobre os objetivos: sua não verificabilidade, nem exequibilidade.

Explico: o objetivo traçado é humana e materialmente possível de ser alcançado? Isto é ser exequível! Há alguma maneira que permita saber de forma objetiva e irrefutável se o objetivo traçado foi alcançado? Isto é ser verificável! Suponha que um objetivo presente em um plano qualquer seja: conscientizar sobre a importância de não sei o que. Posso até tentar (e conseguir) sensibilizar as pessoas a ficarem cientes da importância de algo (seria até exequível), mas como vou verificar de forma pragmática e quantificável a consciência da pessoa? (Ficou bem positivista essa frase, não?! Lamento! Muito do que envolve a didática é assim, porém isso não quer dizer que ela está alijada - como é de interesse de muitos - da sensibilidade, da interatividade, da afetividade e da subjetividade. (Mas isso é assunto para outro momento - a didática sensível (d'Ávila, 2016, 2022).

Em suma: objetivos - segundo a ação que descrevem - podem ser gerais ou específicos e os erros mais comum ao traçá-los

são: não usar o verbo no infinitivo, usar mais de um verbo no infinitivo por objetivo, não hierarquizar os verbos (específicos e gerais), não escolher adequadamente os verbos que sejam ao mesmo tempo verificáveis e exequíveis. Mas ainda falta falar sobre os tipos de objetivos com relação ao sujeito que terá que alcançá-lo: os objetivos de ensino - que são para que o professor alcance e os objetivos de aprendizagem - que são para que os alunos alcancem.

Lá vou eu falar mais obviedades: ensinar é diferente de aprender! Seria maravilhoso se eles acontecessem em simultaneidade, mas a realidade mostra que são ações com sujeitos agentes diferentes, sem relação de 'causa e consequência' necessária: Não é porque o professor ensinou que o aluno aprendeu, nem o aluno aprendeu porque o professor ensinou.

Em uma das atividades realizadas nesta matéria apresentei um arquivo coletivo (do tipo apresentações do *Google*) compartilhado para todos os alunos com várias charges, tirinhas, ilustrações e memes e pedi que eles colocassem um comentário, como se fosse um 'mural coletivo virtual'. Quem quisesse também poderia comentar o comentário do colega... Uma das tirinhas da Turma da Mônica que compunha a atividade trazia um diálogo entre o Cebolinha e o Cascão a respeito do cachorro do Cebolinha (Floquinho). Não reproduzo a imagem aqui para evitar questão sobre direitos autorais. De início o Cebolinha, para se gabar, conta para o Cascão que ensinou o Floquinho a assoviar. Em pouco tempo caminhando juntos, o Cascão se dá conta e questiona mais ou menos assim: *"– Ué, mas eu não ouvi ele assoviar ainda!"* e então, de forma genial, como só as crianças conseguem, o Cebolinha descortina o óbvio: *"– Eu disse que eu ENSINEI ele. Não disse que ele APLENDEU !"*.

Por isso que para o ensino (a mediação didática do professor) há objetivos diferentes dos objetivos da aprendizagem (a mediação cognitiva do aluno). O professor tem diante de si uma hercúlea missão de ensinar, mas não pode assumir, como faz crer o discurso socialmente aceito/difundido, de que ensinar é fazer o outro aprender! Ensinar não é fazer o outro aprender! *Ensinar é*

auxiliar na aprendizagem do outro. O papel de aprender é individual, impessoal e intransferível (não é possível terceirizar: 'Oh...estuda para mim, aprende aí por mim que eu vou prestar um concurso semana que vem', Imagine estar com dor de cabeça e pedir para alguém tomar um remédio por você... Ainda que ela tome esse remédio, você não vai se curar, sua dor persistirá. Aprender, assim como tomar um medicamento para sua cura, é intransferível. Ninguém faz por você! O professor não pode aprender pelo aluno, nem o fazer aprender. Ele pode reunir condições para transpor o assunto da forma mais acessível possível, mas se o aluno vai aprender... isso é com ele!

Apesar dessa obviedade, não raras são as vezes que vemos pessoas dizerem que o problema da aprendizagem é que os professores não estão ensinando, não sabem ensinar, não querem ensinar. Simplificar problemas complexos oferecendo respostas /soluções simplórias é mostra inequívoca de ignorância (às vezes, é má fé mesmo! Mas vou preferir ver o lado bom das coisas).

Durante a elaboração de um planejamento o professor deve se atentar para o fato de que há objetivos que são dele e objetivos que são para que o aluno alcance. Num plano de ensino que planeja todo o semestre de uma matéria na universidade, por exemplo, os objetivos são para que os alunos atinjam. Aí mora um dos equívocos mais corriqueiros dos planos: traçar objetivos para o professor e não para a aprendizagem do aluno. Costumo dizer que no documento do plano de curso está escrita com 'tinta invisível' a seguinte frase antes de qualquer objetivo: '*Ao final do curso o aluno será capaz de:*'. Portanto, os objetivos que estão no plano de curso são de aprendizagem, são para que o aluno atinja com o auxílio do trabalho do professor.

No plano de aula aí sim, o professor pode apresentar objetivos de ensino - nos seus procedimentos metodológicos - além dos objetivos de aprendizagem específicos daquela aula. Para exemplificar, veja, por favor, o plano de aula no capítulo três da autoria de Ana Paula Silva Souza e Karine Santos Silva Cardoso. Elas fizeram questão (algo que não é obrigatório, mas sim,

desejável) de apresentar de forma distinta objetivos de ensino e objetivos de aprendizagem.

O trabalho didático eminentemente planejado precisa ser racionalizado e organizado para possibilitar estabelecer uma ponte entre o assunto a ser conhecido e o aluno. Esse caminho precisa ser previamente pavimentado, aí reside o trabalho didático de planejamento que o professor realiza ele pensa ações e estabelece atividades e maneiras para permitir uma caminhada sem tropeços, ou com poucos tropeços, por parte do aluno. Ambos, professor e aluno, estão em um mesmo veículo, professor vai na direção e o aluno é o copiloto, lamentavelmente, em caso de acidente todo mundo se fere.

Sobre as etapas de planejamento, que o professor realiza, elas ocorrem antes do encontro em sala de aula. É um trabalho prévio. Atividade docente é exaustiva, porque acontece antes durante e após o encontro da sala de aula. Leva muito tempo preparar uma boa aula, e após essa aula, a correção de atividades, retorno informacional aos alunos, reajuste nos planos e o ciclo recomeça. Costumo dizer que o trabalho docente se assemelha a uma festa de aniversário de crianças em casa: tem a preparação da festa repleta de detalhes, tem durante a festa com uma sequência de ações e tem o 'pós-festa' limpando a casa e fazendo uma análise de tudo para da próxima vez fazer melhor (ou decidindo nunca mais permitir tinta guache à vontade!).

Em moldes contábeis, sobre o trabalho docente pode-se fazer uma metáfora com uma máquina industrial que trabalha 3 turnos, logo seu processo de depreciação será acelerado. Não se espanta tantos casos de adoecimento - físico e mental - dos professores. Para além de uma produção académico laboral em ritmo acelerado, há ainda diversas cobranças pessoais, institucionais e sociais. O planejamento, então, pode vir a minimizar problemas nesse tão tumultuado contexto.

Geralmente ao adentrar a sala de aula universitária o professor é solicitado a entregar um documento chamado Plano de Ensino (PE) (plano de curso/ plano do semestre). Ele será entregue

à coordenação do curso e aos alunos. Apesar de ser um documento simples há muitos detalhes que fogem ao olhar do leigo e do profissional liberal que está atuando como professor sem ter uma formação docente adequada. Esse planejamento é válido para todo um semestre. Ele faz parte, por adesão, de um planejamento muito maior que engloba a instituição: o Projeto Político Pedagógico (PPP). Este é muito mais amplo e aponta as diretrizes gerais que sustentam e norteiam o fazer educacional de toda a instituição, bem como apresenta as expectativas, o contexto sócio-econômico-estrutural e os indivíduos que convivem naquela comunidade acadêmica. Trata-se de um planejamento de longo prazo. Por sua vez, o PPP é composto pelo Projeto de vários cursos, no caso da universidade. É por exemplo, no Projeto do curso de Ciências Contábeis em que está a matriz curricular que será seguida, juntamente com todas as ementas das disciplinas e as referências bibliográficas básicas.

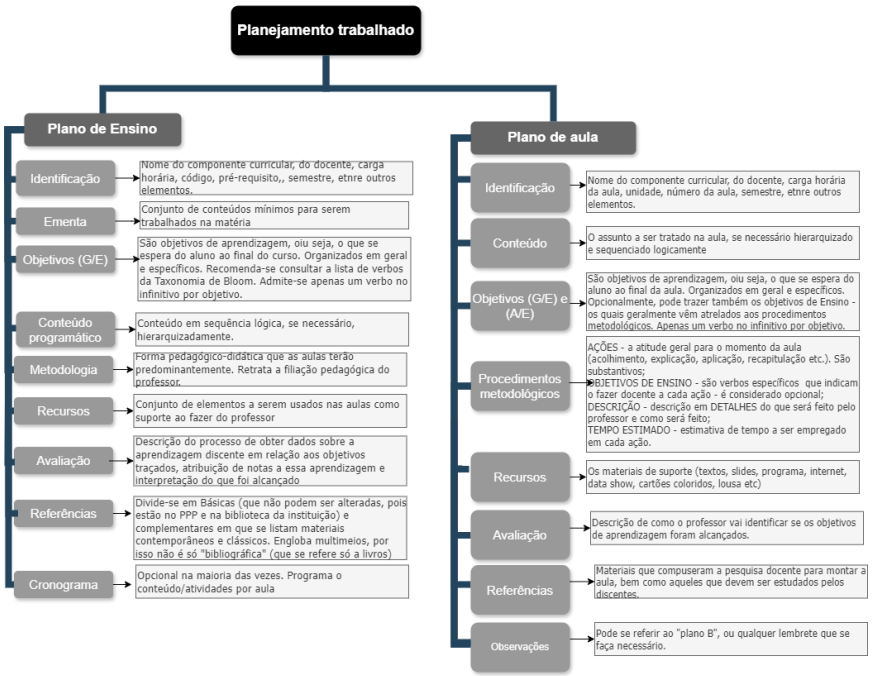
Há um planejamento que acompanha o docente dia-a-dia: o plano de aula. É o documento ligado ao curto prazo, ao que é operacional e mais imediato. Inclusive quando um professor vai participar de seleção ou concurso subentende-se - ainda que o edital não verbalize - que este documento será elaborado pelo candidato, posto que é um instrumento de trabalho que revela os saberes didáticos do profissional. Ele também conta com alguns elementos identificadores e outros que detalham o fazer do professor durante aquela aula. Costumo dizer que um plano de aula bem construído permite a um colega lecionar a mesma aula de forma bem similar - nunca igual, pois não há (nem deveriam cogitar a existência de) padrão[5] no fazer docente. Professores e alunos são

[5] As ideias de padronização na educação - seja no fazer docente, na tentativa de avaliação, ou outra etapa, nada mais é do que a política da eficiência/eficácia (lógica de mercado liberal e neoliberal) se apossando dos espaços de artesania humana, em que a prática educativa que é singular e subjetiva, passa a ser mercadoria e 'vendida em atacado' desvalorizando o professor, chamando-o de ferramenteiro, facilitador, tutor entre outros nomes… desqualificações para o processo, o saber e para o fazer docente.

pessoas, são seres únicos, logo cada aula é única e genuína. A mesma aula preparada pelo mesmo professor, do mesmo conteúdo, para duas turmas diferentes, tem resultados completamente distintos, porque pessoas e contextos são singulares!

Aliás, por falar em padrão, não há "norma da ABNT" para os componentes, nem para o *layout* de um plano de aula. Há sim, elementos mínimos e uma premente busca por funcionalidade. Ele precisa ser compreensível e útil como um "computador de bordo" para o fazer docente. Se o plano de aula estiver confuso e/ou atrapalhando mais que ajudando, então ele está equivocado carecendo de múltiplos ajustes. A principal relação que ele traz é com relação às atividades que serão empreendidas escalonadas ao longo do tempo disponível para a aula. Aí está uma variável complicadora: o fator tempo por vezes é imponderável. O que se pensa para ser realizado em três minutos pode acabar levando quinze. Desta maneira, o plano de aula precisa trazer uma espécie de "plano B" em suas entrelinhas ou mesmo como elemento estrutural.

Figura 1 - Planejamentos trabalhados em Tópicos Contemporâneos de Contabilidade.



Fonte: Elaboração própria

Durante as aulas do componente curricular TCC, trabalhamos dois tipos de planejamento que estão resumidos na figura 1. Há ainda outro planejamento pouco usual/conhecido, mas que é bastante relevante para professores com mais experiência: o Plano de unidade. Nele o docente racionaliza o que fará ao longo de toda uma unidade, permitindo sequenciar melhor os conteúdos, organizar melhor os recursos que serão necessários, as atividades requeridas, bem como escaloná-las no tempo disponível.

Em linhas gerais, a figura 2 busca ilustrar os planos que atravessam o trabalho docente.

Figura 2 - O planejamento na Educação



Fonte: Elaboração própria.

Ao longo da matéria ainda discutimos sobre a importância do sequenciamento e escolha de conteúdos em acordo com a ementa, bem como sobre a avaliação - aquela que costuma ser a vilã do processo de ensino e aprendizagem, mas que deveria ser cada vez mais desmistificada, pois é na verdade um componente do processo, se bem construída traz vantagens para professores e alunos, bem como aprimora os fazeres. Mas este assunto, talvez fique para uma vindoura possibilidade de trabalho acadêmico.

Mediação Didática Lúdica no Ensino Superior

A aprendizagem significativa mobiliza razão e emoção, tem passos e elementos - não é feita de qualquer forma, nem a esmo - demanda:

a) Do aluno: Estudo criterioso - esta é a parte 'chata', mas imprescindível para que ele consiga realizar a "Mediação Cognitiva" (d' Ávila, 2008; Mineiro, 2021) dele;

b) Do professor: Preparo e supervisão constante para auxiliar o aluno a realizar a mediação cognitiva dele, assim o professor está realizando sua "Mediação Didática" (d' Ávila, 2008; Mineiro, 2021) - trata-se de um trabalho hercúleo que o professor tem: preparar-se; ler e conferir as produções individuais; escolher bons textos; aconselhar em dúvidas; manter-se *relativamente* (eu disse 'relativamente', porque ensinar é um ato político!) 'neutro' e

objetivo, enquanto o aluno ainda não tenha sua 'bagagem conceitual' (em termos técnicos: subsunçor).

A mediação didática (o fazer do professor criando uma ponte entre o assunto trabalhado e a aprendizagem do aluno), de forma simplista, como já disse, ocorre em três tempos: Antes, durante e depois da aula! O professor trabalha em ciclo intermitente, em processo de exaustão, por vezes em mais de uma instituição, para assegurar financeiramente seu sustento - visto que é projeto vencer a educação 'pelo cansaço', precarização e sucateamento.

Compreendendo isso, reconhece-se que é mais prático passar textos para ler e fazer prova (preferencialmente de marcar). A pergunta que não quer calar é: será que a aprendizagem seria a mesma?! Escolher a forma de fazer o objetivo de aprendizagem ser alcançado é parte da 'Mediação Didática'! Essa escolha pode ser inadequada por cansaço, por desconhecimento formacional, ou por postura pedagógica tradicional escolhida conscientemente.

Será que a linguagem lúdica ao se fazer presente no trabalho docente, rompendo com a lógica 'conservadora' de apenas ler, *assistir* (atenção: não disse 'interagir', eu disse 'assistir') a aula e fazer a prova, teríamos algum tipo de melhoria na relação de ensino e aprendizagem?! Se a forma escolhida para aproximar o aluno do assunto em questão envolve a linguagem sensível, bem-humorada, leve, que fomente envolvimento integral (razão e emoção), aí estamos falando da "Mediação Didática Lúdica" (Mineiro, 2021; Mineiro; d'Ávila, 2020).

Sobre a ludicidade em si, o que se percebe é uma confusão - entre os próprios pesquisadores - relativa ao seu conceito, que para uns é sinônimo de jogo e brincadeira, para outros é diversão. Trata-se de um termo não devidamente dicionarizado, aliás bastante banalizado no linguajar cotidiano[6], e que vem sendo alvo dos meus

[6] Todo mundo usa, mas não sabe explicar o que é, não sabe o real conceito. Por exemplo: *"Ah, nessa empresa as coisas são lúdicas, temos muita ludicidade aqui"*. Quando você pergunta: *"Ok, e o que é ludicidade? O que é lúdico?"* Aí a pessoa diz

estudos desde o início da minha carreira como professora na universidade... ou seja, já tenho alguns "bons janeiros" debruçada estudando a ludicidade de forma mais aprofundada em meio à vastidão de trabalhos rasos que são produzidos e que favorecem ao capital interessado em desviar o olhar da educação ao que realmente é sua essência e pode ser elemento emancipador de consciências.

Ao longo dos estudos e pesquisas que realizo deparei-me com diferentes concepções que desaguam em diferentes conceitos sobre a ludicidade e que revelam dois grandes paradigmas lúdicos: o lúdico real e o lúdico total. O primeiro, trata a ludicidade como ela é: um fenômeno subjetivo interno, portanto diferente para cada indivíduo, não pressupõe todos felizes 100% do tempo como o segundo paradigma faz, para o qual a ludicidade é meio e não um fim em si mesma. Inseridas nesses paradigmas encontram-se - em apertadíssima síntese - basicamente quatro concepções que reuni na figura 3.

O cérebro é plástico e astuto (Fonseca, 2011), ele trabalha para organizar e guardar os conhecimentos, e mais importante: ele faz "*backup*" guarda em mais de uma área cerebral, é como se armazenasse "no HD, no *drive*, no *pendrive*, no *CDRom*", em outras palavras: na área linguística, na área afetiva, na área racional, na área racional lógico-matemática, na área motora, na área visual, na área olfativa... (Gardner, 1995). As informações que o cérebro detecta que foram salvas apenas "na área de trabalho" cerebral, na primeira oportunidade ele "deleta" para ter mais espaço de armazenamento. Assim, a mediação didática precisa se cercar de

---

um monte de coisas (é jogo, é colorido, é alegre, é prazer...) menos um conceito assertivo sobre o termo. Esse desconhecimento e banalização conceitual são um passo para a usurpação/deturpação (desontologização) da ludicidade, assim fica fácil 'usá-la' a serviço da lógica de mercado enfraquecendo seu potencial emancipatório. Para mais sobre essa discussão veja "Ludicidade e Neoliberalismo: compreendendo interrelações pela perspectiva de B. C. Han" (2024) que escrevi com minha supervisora no pós-doutorado, a professora Dra. Lúcia Gracia Ferreira.

diferentes formas para que possa ser possível acessar e mobilizar diferentes formas de assimilação e retenção do que foi trabalhado. O assunto em estudo precisa alcançar essas diferentes áreas cerebrais.

Figura 3 - Concepções de ludicidade



Fonte: Elaboração própria.

Todavia, o ensino superior, aliás, o ensino como um todo, por questões históricas e tradicionais da ciência positivista centralizou-se em acessar/mobilizar apenas a parte racional do cérebro. Ora pelo campo linguístico, ora pelo campo lógico-matemático, em detrimento do campo sensível (artístico, musical etc.). A mediação didática de potencial lúdico trabalha com o propósito de equilibrar essa mobilização: racionalidade e sensibilidade precisam caminhar juntas, tendo por parâmetro a ludicidade enquanto eixo estruturante da práxis docente.

Por esse motivo, ao sentir-se e trabalhar fluindo pela lógica lúdica, o docente assume-a como subjetiva, como finalidade em si mesma, transgredindo a idéia utilitarista de 'USAR' a ludicidade. Ela não é 'utilizável', ela é (deveria ser) inerente na mediação didática. Por este pensar é que uma atividade não 'É' lúdica, mas sim ela 'PODE SER' lúdica. Dependerá do indivíduo que subjetivamente sente a ludicidade internamente.

Quadro 2 - Grupos das Atividades Potencialmente Lúdico-Pedagógicas



Fonte: Elaboração própria com base em Mineiro (2021)

Emprego a nomenclatura de Atividade Potencialmente Lúdica (APL) para toda e qualquer atividade que possa suscitar a ludicidade. Aconteça onde acontecer: numa festa, no trabalho, no jardim, na escola… não importa. E faço a distinção para o propósito do professor. Seu trabalho didático tem objetivo: fomentar a aprendizagem do aluno! O objetivo de aprender é da didática! Não é da ludicidade! Se ao mover-se ludicamente o professor acaba empreendendo situações em que a aprendizagem acontece, que bom! Mas esse é um 'efeito-colateral' (um epifenômeno)! O objetivo da ludicidade é existir por si mesma, sem um para quê, sem um porquê, ou seja, de forma autotélica! A finalidade da ludicidade é ela mesma. A finalidade da didática é propiciar condições para a aprendizagem do aluno.

Dentro do rol de atividades didáticas, cujo propósito é a aprendizagem, ou seja, de cunho educativo-pedagógico, algumas de forma indireta podem - eu disse 'podem', não quero dizer que 'vão' - fomentar a ludicidade. A essas atividades eu atribuo o nome de Atividades Potencialmente Lúdico-Pedagógicas (APLPs) e costumo agrupá-las - apenas para melhor compreensão - em quatro conjuntos: os Jogos educativos, as metáforas lúdicas; as dinâmicas; e as vivências. Construí o quadro 2 para resumir esses grupos.

Com base nessa explicação da APLPs os estudantes, meus coautores neste livro, empreenderam suas aulas, na maioria das vezes criando atividades que se 'encaixam' (ou não!) nesses agrupamentos.

Avaliação e Aprendizagem

De início parto minha reflexão sobre o processo avaliativo, entendendo-o como um *elemento normal* do fazer educativo, por muitos é tido como um 'momento extraordinário' do cotidiano ensino-aprendizagem... precisa de uma 'semana de prova', um *layout* diferente em sala de aula, a postura do professor se assemelha à de um investigador de polícia à caça de 'pesca'('cola'), já a do aluno oscila entre a de decorar tudo, pescar/colar tudo ou de um nervosismo somático... talvez estas 'mudanças de ritmo' desaparecessem se fosse levado em conta o objetivo da avaliação: A melhoria contínua do processo de ensino e aprendizagem. É para aprimorar a qualidade do aprender e do ensinar que se deve avaliar. Simples assim!

Desde ponto percebo outro elemento-chave: trata-se de um momento para os dois sujeitos serem avaliados: Professor e aluno! As práticas da mediação didática do docente estão sendo investigadas, assim como a aprendizagem propiciada pela mediação cognitiva do discente também. Por derivação, a instituição e todo o sistema educativo também está em xeque...Ou seja, a avaliação busca uma compreensão da completude do sistema educacional e dos sujeitos nele envolvidos, em outras

palavras um dos postulados da avaliação é a integralidade. No que se refere aos sujeitos a avaliação é integral na medida em que busca compreender o sujeito de forma completa: emoção e razão, cognição e afeição.

Ainda na problematização da avaliação engloba-se a necessidade de compreender três ações presentes na etapa avaliativa, mas que, todavia, não são compreendidas adequadamente, na realidade muitas vezes são confundidas: Testar (ou examinar), medir e avaliar. Em síntese apertada, *Testar ou examinar* é submeter a um teste, a um exame, coletar uma amostra (que deve ser o mais 'homogênea' possível) e compará-la como os objetivos pretendidos; *Medir* é a quantificação... uma tentativa de atribuir números (uma nota), dentro de uma escala previamente definida, para a comparação que se obteve entre o real coletado e o ideal planejado - os objetivos presentes nos planos traçados; Já o *Avaliar* é compreender o que este número significa dentro de uma contextualização maior, que considera objetivos, conteúdos, sujeitos, suas limitações e potencialidades, cognição, emoção, estruturas e conjunturas.

No ensino superior, é comum que nos deparemos com um fenômeno: cicatrizes de avaliações pregressas. Isso ocorre não só com alunos, mas também com os professores. No caso dos alunos é mais visível: alguns mal escutam falar em 'prova' e desencadeiam reações inimagináveis - desde dor de cabeça, 'piriri', até crise de ansiedade - já os professores, expõem cicatrizes de forma mais velada: tentam reproduzir, de forma inconsciente muitas vezes, o que vivenciaram quando eram alunos, só que dessa vez em uma posição de poder, realizam uma espécie de 'vingança tardia conta quem não é culpado'. Nos dois casos, ressignificar a avaliação ajudaria bastante: trazê-la para o que realmente é: apenas mais uma etapa da aula ou apenas mais uma etapa da aprendizagem, não pode ser evitada nem pode desaparecer, pois integra o processo de verificar o que foi obtido em relação aos objetivos para fundamentar uma decisão: voltar e reexplicar/reestudar o assunto, ou sentir-se apto a seguir para o próximo assunto.

Essa é a função da avaliação: servir como um 'controle de qualidade': do ensino do professor e da aprendizagem do aluno. Ou seja, tê-la como elemento de 'coação' é equívoco!

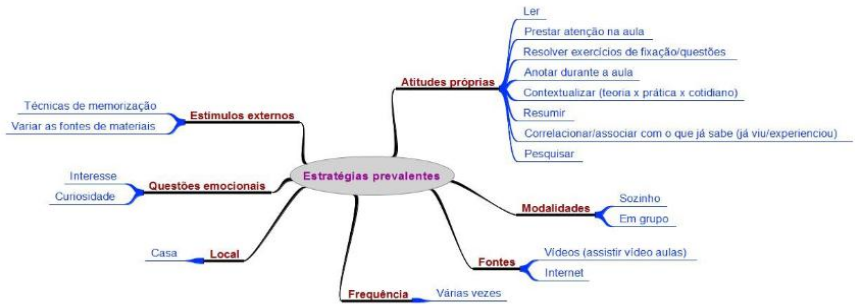
Por falar em aprendizagem, é imprescindível que o professor compreenda como seu aluno aprende, caso contrário… como ele poderá atuar no sentido de facilitar essa aprendizagem? As pesquisas (Mineiro, 2021; Mineiro; d'Ávila, 2020) indicam que os adultos demonstram um entrave na aprendizagem que não é perceptível junto a alunos de tenra idade: o orgulho/vergonha de errar. A autoconsciência e autocobrança no adulto é maior e sua estrutura mental parece estar um pouco mais sobrecarregada. Por medo de errar, por se sentir desconfortável de não aprender rápida ou facilmente o adulto 'trava' sua aprendizagem. Receia o julgamento dos pares e pior: 'do mercado' (entidade fantasmagórica que assombra tudo e todos no curso de Ciências Contábeis). As estratégias para compreender, assimilar e memorizar um assunto são variadas - diferem de pessoa e de assunto, entre outras variações.

De forma destacada identifica-se que o assunto quando é apresentado de forma contextualizada e conexa à realidade favorece à aprendizagem dos adultos. O oposto - assuntos desconexos - não são impeditivos para que se aprenda, todavia, a conceituação abstrata parece ancorar-se mais fracamente na estrutura cognitiva do adulto e em termos de memorização, esta fica prejudicada requerendo mais estratégias discentes.

Alinhar o que está sendo explicado, associando-o com a realidade, bem como criando outras associações - as mais inusitadas possíveis - é outra estratégia de aprendizagem que adultos usam (na realidade, todas as pessoas, independentemente da idade, aqui se mencionam adultos por ser o alvo do ensino superior e porque eles apresentam uma estrutura cognitiva mais ampla. Associar o assunto com uma imagem, um caso real, um 'meme de internet' comprova o que David Ausubel (2009) chama de 'não-linearidade', uma das características da Aprendizagem Significativa (AS).

A figura 4 apresenta um mapa mental construído com as respostas dos alunos de Ciências Contábeis sobre o que eles fazem para aprender (compreender, assimilar e memorizar).

Figura 4 - Estratégias de aprendizagem prevalentes



Fonte: Mineiro e d'Ávila (2020, p.108)

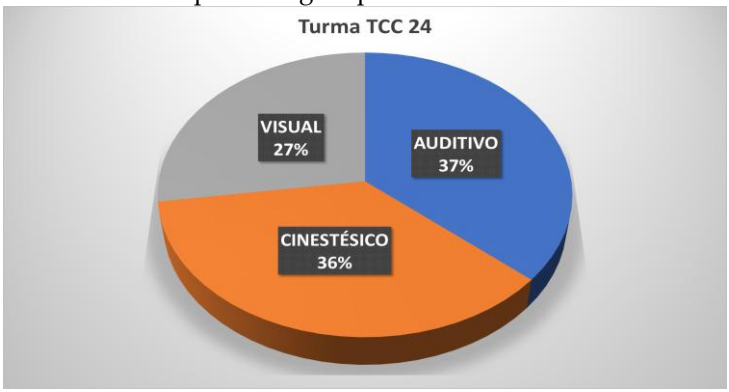
Discentes revelaram que há muita interferência nas suas formas de aprender: desde estímulos externos (os materiais serem variados, bem diagramados, propiciadores de memorização), passando pelo local, a frequência de estudo, a modalidade social, as atitudes individuais (ler, anotar durante a aula, resumir, fazer pesquisa, fazer associações etc.) até mesmo questões de fundo emocional (como interesse e curiosidade - tendemos a aprender mais as coisas pelas quais nos interessamos e estamos curiosas).

E cada pessoa tem um canal prevalente para acessar sua estrutura cognitiva desencadeando seu processo de compreensão, de assimilação e memorização. Nem teóricos, nem teorias são unânimes sobre a aprendizagem, trata-se de uma área de estudos vasta e que instiga pesquisas. Então, longe de vaticinar uma única resposta, apenas propusemos apresentar aos alunos de TCC uma dessas teorias da aprendizagem, conhecida como VAK, cujo nome é um acrônimo para os canais prevalentes para o acesso cognitivo: Visual, Auditivo e Cinestésico (em inglês *Kinesthetic*). Sintetizando e simplificando, essa teoria diz que há pessoas que aprendem vendo, outras que aprendem ouvindo e outras que aprendem se exercitando. Isso não é fixo, pode mudar ao longo da vida e o ideal

é que a pessoa possa desenvolver os três canais de aprendizagem para que não haja uma preponderância considerável de um canal sobre o outro.

Usando uma versão simplificada do teste de Neil Fleming e Colleen Mills (1992 *apud* Schmitt; Domingues. 2016) tentamos identificar qual era o principal canal para facilitar a aprendizagem dos alunos da turma de TCC e o resultado encontra-se representado no gráfico 1

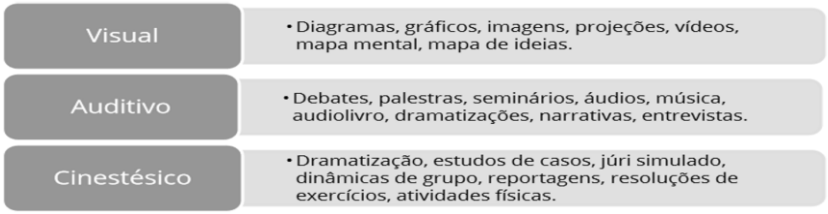
Gráfico 1 - Canal de aprendizagem prevalente na turma de TCC 2024



Fonte: Elaboração própria

Perceba, caro(a) leitor(a) que nessa turma para que o docente consiga realizar uma mediação didática que efetive uma mediação cognitiva, a metodologia, as atividades e os recursos precisam ser diversificados, sob pena de não fomentar a aprendizagem. Apenas 27% da turma aprende prevalentemente 'vendo' *slides*, lendo textos, fazendo anotações - forma que costuma ser predominante no ensino superior. Apostar somente nesse 'fazer docente costumeiro' nesta turma é praticamente uma sentença de reprovação no quesito aprendizagem. O trabalho, pelo perfil discente encontrado, precisa ser repleto de atividades que envolvam movimento (canal cinestésico), conversas e socializações (canal auditivo).

Figura 5 - Algumas técnicas/atividades baseadas nos estilos de aprendizagem VAK



Fonte: Adaptado de Mineiro e d'Ávila (2020, p.104).

Muitas vezes, nós professores nos perguntamos: por que o trabalho flui em uma turma e na outra não?! É óbvio, mas nem sempre nos damos conta: As pessoas que ali estão são diferentes! Aprendem de forma diferente, enriquecer nossas aulas com atividades, recursos e explicações que atinjam os diferentes canais de aprendizagem discente é um desafio didático que precisa ser aceito e perseguido.

Acredito ter sucintamente apresentado o que foi estudado neste componente curricular optativo e que me causou muito contentamento lecionar. Cada vez que tenho a experiência de ensinar elementos vivos da didática, minha atual área de dedicação acadêmico-investigativa, vivencio um mundo completamente novo. Esta turma, em especial, apesar de contar com discentes de variados semestres conseguiu se integrar, mantiveram a solidariedade, respeito e alegria ao longo das aulas. Descobrimos juntas(os) que aparentemente estamos na universidade, mas no fundo, não saímos da quinta série! Para mim, foi uma experiência leve, alegre e que me fez criar laços de afetividade com as(os) discentes. Pude "calçar os sapatos deles" e procurei fazer com que eles "calçassem os sapatos dos professores". Só assim, percebemos que todos temos dificuldades e estamos fazendo o nosso melhor. Foi uma oportunidade para me assegurar de que uma professora precisa levar a sério sua prática docente, como explica Freire (2013), ensinar bem o que sabe, lutar para que as condições de formação

sejam as melhores possíveis, dando protagonismo aos seus alunos e ao seu próprio fazer docente.

Referências

AUSUBEL, David Paul. **Adquisición y retención del conocimiento:** una perspectiva cognitiva. Cognición y desarrollo humano. Barcelona: Paidos Iberica Ediciones S A, 2009.

D'ÁVILA, Cristina. **Decifra-me ou te devorarei:** o que pode o professor frente ao livro didático? Salvador, BA: Edufba, 2008.

D'ÁVILA, Cristina; SONNEVILE, Jacques. Trilhas percorridas na formação de professores: da epistemologia da prática à fenomenologia existencial. *In*: D'ÁVILA, Cristina Maria; VEIGA, Ilma P. A. (org.). **Profissão docente:** Novos sentidos, novas perspectivas. 1. ed. Campinas: Papirus Editora, 2008. p. 23–44.

D'ÁVILA, Cristina. Razão e sensibilidade na docência universitária. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 113–118, 2016.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática Sensível:** Contribuição para a Didática na Educação Superior. 1. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2022.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas:** A Teoria na Prática. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 1995.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem:** Abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Sao Paulo: Atlas, 2004.

MINEIRO, Márcia. **O essencial é invisível aos olhos:** a concepção dos estudantes sobre a mediação didática lúdica na educação superior. 2021. 447 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade

de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33486. Acesso em: 25 ago. 2023.

MINEIRO, Márcia; D'ÁVILA, Cristina. Como aprendem estudantes universitários? Estudo de caso sobre estratégias e estilos de aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, [*s. l.*], v. 20, n. 64, p. 93–122, 2020.

MINEIRO, Márcia; D'ÁVILA, Cristina. Construindo Pontes: A Mediação Didática Lúdica no Ensino Superior. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 37, p. 146–172, 2020.

MINEIRO, Márcia; FERREIRA, Lucia Gracia. **Ludicidade e Neoliberalismo:** compreendendo interrelações pela perspectiva de B. C. Han. 1. ed. Campinas: Pontes, 2024.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino - As Abordagens do Processo**. 1. ed. São Paulo: E.P.U., 1986.

SCHMITT, C. da S.; DOMINGUES, M. J. C. de S. Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo. **Avaliação,** Campinas/SP. v. 21, n. 2. p. 361-385, jul. 2016

Capítulo 2: Do Outro Lado da Sala: A Experiência de Ensinar para Compreender

Paloma Lima[1]
Édson Lopes[2]

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." - Paulo Freire

A escolha da matéria

No cenário do ambiente universitário, que cria diversas expectativas para os novos ingressantes que sonham com o crescimento profissional ao cursarem Ciências Contábeis, encontramos pólos que se divergem conforme o transcorrer do tempo, isto porque a visão que temos enquanto estudantes de Ensino Médio é completamente diferente da visão que temos enquanto estudantes universitários, o acúmulo de funções que possuirmos ao ingressarmos de fato na vida adulta nos leva muitas vezes à reflexão de que o nosso tempo é amplamente sagrado. Desta forma, ao nos depararmos e compararmos sobre o que nos é oferecido no espaço educacional e aquilo que esperávamos, nós somos confrontados com o sentimento de frustração, e muitas vezes questionamos as nossas próprias escolhas.

Nesse sentido, nós, discentes do curso de Ciências Contábeis, nas matérias pertencentes ao nosso curso de formação, optamos por conhecer a matéria Tópicos Contemporâneos em Contabilidade, referida disciplina em primeiro momento, nos

[1] Estudante de Ciências Contábeis do VII semestre em 2024-1 e-mail: contatopalomaslima@gmail.com
[2] Estudante de Ciências Contábeis do VII semestre em 2024-1 e-mail:edsonsouzalopes49@gmail.com

capacitou a atribuir nomes e identificar os problemas pedagógico-didáticos que reconhecemos conforme foi discutido no transcorrer das aulas.

Foi interessante perceber como quase nenhuma experiência é individual, notamos isso quando os discentes narraram suas vivências e sentimentos durante todo percurso educacional. Similarmente, nossa disciplina de estudo, também mostrou o outro lado da moeda, nós que estamos do lado de cá podemos muito bem apontar erros e fazer nossas próprias ponderações, mas e se estivéssemos do outro lado?

Nessa perspectiva, nossa professora, Márcia Mineiro, nos proporcionou a experiência em sermos o lado docente por um dia, e que experiência, querido(a) leitor(a), na proposta oferecida, deveríamos escolher a matéria e dar uma aula que queríamos ter tido, mas que não conseguimos ter.

Referida experiência nos fez refletir do ponto de vista operacional do docente, então se já temos consciência do papel do professor e da sua importância para formação do indivíduo, tanto no âmbito intelectual quanto nas próprias experiências cotidianas, ao fazermos o seu papel, mesmo que de forma simplória e por apenas um dia, agora podemos voltar nosso olhar para o professor com muito mais respeito sobre a sua profissão.

Por outro lado, essa mesma vivência nos permitiu verificar e reconhecer que muitas vezes nossos próprios docentes não fazem todo processo preparatório que antecede o momento das aulas, motivo que pode ser atribuído ao fato dos nossos professores não possuírem curso de Licenciatura e/ou, mesmo que conheçam os conhecimentos pedagógicos, não os apliquem na prática, gerando em nós, estudantes, um sentimento de frustração ao vermos profissionais tão bem qualificados e de postura excelente no mercado de trabalho não conseguirem transparecer parte dos seus conhecimentos de forma didática ao empreender seu trabalho como docente.

A vivência da matéria

A escolha da matéria basilar, que é lecionada por diversos professores, chamada "Estudo das Demonstrações Contábeis", como alvo para construção da "aula que sempre quisemos ter", foi, justamente por referida disciplina ser conhecida entre os alunos informalmente como "divisor de águas" no curso de Ciências Contábeis em nossa universidade. Esse 'apelido' foi atribuído justamente pela disciplina dividir a turma entre "regulares", que seguem o transcurso normal do curso e aqueles considerados "irregulares" (ou dessemestralizados), por perderem na matéria gerando o encadeamento de diversas matérias posteriores.

Isso nos induz ao levantamento de por qual motivo tantos alunos perdem nessa matéria? O que e por qual razão não conseguiram aprender o conteúdo? Quais as dificuldades que sentiram? Será que esses alunos obtiveram todo amparo por parte do docente para concluir com êxito a matéria? Esses questionamentos nos intrigam, justamente por nunca sabermos das respostas, pois é a partir delas que medidas podem ser tomadas e algo pode ser mudado.

Os problemas pedagógico-didáticos vividos na matéria

Os desafios pedagógico-didáticos enfrentados nessa disciplina foram vastos e marcantes, afetando diretamente tanto o processo de aprendizado em sala de aula quanto o emocional da turma por ser uma matéria que trancaria o curso para os estudantes caso ocorresse a hipótese de perderem na matéria. Esses problemas surgiram de diversas fontes e se manifestaram de diferentes maneiras, umas das formas mais simples era como o professor aplicava seu conteúdo em sala de aula e sua didática.

Um dos problemas mais recorrentes era a falta de conexão entre o conteúdo teórico apresentado em sala de aula e sua aplicação prática dentro de sala. Muitas vezes, o plano de curso da

matéria não se tornava adequado era estruturado de maneira que os estudantes aprendessem conceitos abstratos sem entender como esses conhecimentos poderiam ser utilizados em situações reais. Isso levou à desmotivação e à falta de engajamento, pois nós não conseguíamos visualizar a relevância do que estávamos aprendendo para nossas vidas cotidianas e futuras carreiras.

Outro desafio significativo é a inadequação dos métodos de ensino utilizados. Métodos tradicionais que se baseiam principalmente em formas rígidas e memorização de fatos que podem não ser eficazes para todos os alunos, especialmente para aqueles com estilos de aprendizado diferentes. Com isso sentimos falta da diversidade de estilos de aprendizados que requer abordagens variadas que incluam atividades práticas, discussões em grupo, projetos colaborativos e uso de tecnologias educacionais. A falta de desses recursos faz com que adaptação desses métodos possa resultar em aprendizado superficial e incapacidade em desenvolver habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade.

Além disso, a disponibilidade e qualidade dos recursos didáticos ofertados também desempenharam papel crucial nos desafios pedagógico-didáticos vivenciados na turma. Muitas vezes enfrentamos limitações na elaboração de determinada atividade que necessitava da capacidade de fornecer materiais atualizados e relevantes. Livros didáticos desatualizados, falta de acesso à tecnologia adequada e recursos limitados para atividades práticas que levou a limitar significativamente a compreensão e envolvimento dos alunos na matéria.

Métodos de avaliação que se concentrava apenas em testes padronizados ou em memorização de informações que poderiam não fornecer uma imagem completa dos saberes a serem adquiridos pelos alunos. Com isso, sentimos a falta das Avaliações formativas, *feedback* contínuo e a inclusão de diferentes tipos de avaliação (como projetos, apresentações) que são essenciais para uma avaliação mais precisa e abrangente do aprendizado dos alunos sem sala.

Para abordar esses desafios, era de fundamental importância que educadores e instituição adotassem uma abordagem holística e adaptativa no desenvolvimento e implementação de currículos. Isso incluiria a revisão constante dos programas de estudo para garantir a relevância do conteúdo, a integração de métodos de ensino inovadores que promovam o envolvimento dos alunos e o bem-estar em sala de aula.

Sabemos que para promover uma aprendizagem significativa e eficaz é necessária uma colaboração próxima entre professores, administradores e alunos. Os professores têm o papel fundamental de identificar as dificuldades individuais dos alunos, e desta forma, realizar a adaptação das estratégias de ensino para atender a essas necessidades. Administradores devem apoiar os educadores fornecendo formação profissional contínua, acesso a recursos educacionais atualizados e criando um ambiente que valorize a inovação e a excelência no ensino. Alunos têm um papel crucial de fazer *feedbacks* do aprendizado em sala de aula sempre trazendo ideias e inovações tendo o interesse pela educação, fazendo a "lição de casa", preparando-se para a aula e colaborando com educadores para promover um ambiente de aprendizagem positivo e estimulante.

Em conclusão, os problemas pedagógico-didáticos vividos nessa disciplina são complexos e multifacetados, mas não são insuperáveis. Com compromisso renovado com a melhoria educacional, abordagem adaptativa às necessidades dos alunos e recursos educacionais adequados, é possível melhorar significativamente a qualidade do ensino e proporcionar experiência de aprendizado enriquecedora e transformadora para todos nós.

Preparação da matéria

Ao preparar a matéria para ser aplicada em sala de aula envolveu um processo complexo que combina pesquisa meticulosa, adaptação didática, seleção criteriosa de recursos e planejamento para

promover a aprendizagem dos alunos de maneira eficaz. Este processo não apenas requereu conhecimento substancial do conteúdo a ser ensinado, mas também habilidades pedagógicas para tornar o material acessível e envolvente para os estudantes.

A primeira etapa na preparação da matéria para sala de aula foi a escolha do tema. Um processo para selecionar um assunto que seria relevante para os alunos e alinhando com os objetivos educacionais estabelecidos. Isso envolveu considerar o currículo institucional, os interesses dos estudantes e a importância do tema para a formação deles.

Após a escolha do tema, foi essencial realizar pesquisa detalhada para obter informações precisas e atualizadas. Isso incluiu consultar fontes confiáveis, como livros didáticos, artigos acadêmicos, *sites* especializados e outras publicações relevantes Um dos principais desafios na preparação e da disciplina para sala de aula ocorreu com adaptação do conteúdo para o público-alvo. Isso envolveu não apenas simplificar termos técnicos e conceitos complexos, mas também encontrar maneiras criativas de apresentar o material para torná-lo compreensível e interessante para os alunos. E isso tudo, nobre leitor, dá trabalho! Muito trabalho.

A escolha da linguagem adequada e o uso de exemplos práticos e a forma de como o conteúdo foi abordado foram estratégicas importantes nesse processo tão importante. Utilizamos de recursos didáticos variados, essencial para enriquecer o aprendizado dos alunos em sala de aula. Isso incluiu *slides*, jogos educativos, exercícios práticos entre outros. A escolha dos recursos aconteceu de forma cuidadosa, levando em consideração a sua relevância para o tema, a idade dos alunos e os objetivos de aprendizagem. Além de apresentar o conteúdo principal, foi importante preparar atividades complementares que estimulassem a participação dos alunos e promovessem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Como sucedeu com as discussões em grupo, debates, estudos de caso, simulações, entre outros.

E essas atividades foram planejadas de forma a incentivar a reflexão crítica e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e

sociais. Antes de ministramos a aula, foi preciso revisar cuidadosamente o material preparado, antecipar possíveis dúvidas dos alunos e planejar a estrutura da aula para otimizar o tempo disponível. Mantendo a gestão eficaz do tempo que é um fator crucial para garantir que todos os aspectos do conteúdo sejam abordados de maneira equilibrada e que haja espaço suficiente para atividades interativas e discussões e o *feedback* dos alunos também que foram valiosos para ajustarmos o ensino e melhorar futuras apresentações dos próximos conteúdo.

Por conseguinte, preparar uma matéria para ser aplicada em sala de aula é um processo desafiador, porém gratificante, que exige habilidades técnicas, criatividade e comprometimento com o ensino e aprendizado. Superar esses desafios requereu de nós planejamento cuidadoso, flexibilidade e uma abordagem centrada no aluno, buscando sempre proporcionar uma experiência educacional enriquecedora e significativa.

O plano de curso

<table>
<tr><td colspan="3">UNIVERSIDADE xxxx xxxx[3]</td></tr>
<tr><td colspan="3">PLANO DE CURSO</td></tr>
<tr><td colspan="3">Professor(a): Edson Lopes e Paloma Lima</td></tr>
<tr><td colspan="2">Componente Curricular: Estudo das Demonstrações Contábeis</td><td>Código: xxxxx</td></tr>
<tr><td>Carga Horária: 60h</td><td>Créditos: xxx</td><td>Período: 2024-1</td></tr>
<tr><td colspan="3">EMENTA</td></tr>
<tr><td colspan="3">Conceitos de Circulante, Longo Prazo, Permanente, Resultado de Exercícios Futuros e Patrimônio Líquido; Contas de Resultados; Demonstrações Contábeis segundo a Lei das Sociedades Anônimas. Fluxos de Caixa.</td></tr>
<tr><td colspan="3">OBJETIVO GERAL</td></tr>
<tr><td colspan="3">Compreender os cálculos e os conceitos essenciais, aplicando-os conforme exigido na legislação pertinente acerca das Demonstrações Contábeis.</td></tr>
<tr><td colspan="3">OBJETIVOS ESPECÍFICOS</td></tr>
</table>

[3] Suprimimos informações específicas para resguardo didático-ético.

a) Conhecer detalhadamente os conceitos essenciais da Contabilidade;
b) Compreender a estrutura de cada demonstrativo;
c) Identificar a importância dos demonstrativos e suas implicações na Contabilidade cotidiana;
d) Aprender o devido preenchimento e cálculo das Demonstrações Contábeis;
e) Familiarizar-se com as Demonstrações do ponto de vista tecnológico;
f) Realizar o estudo da Legislação pertinente e suas exigências.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I UNIDADE
1) Conceitos de;
a)Circulante;
b)Longo prazo;
c)Permanente;
d)Resultados de exercícios futuros;
e)Patrimônio líquido.
2) Lei das Sociedades Anônimas;
3) Conhecer a estrutura dos demonstrativos:
a)Balanço Patrimonial;
b) Demonstração do Resultado do Exercício (DRE);
c)Demonstração das mutações do patrimônio líquido;
d)Demonstração dos fluxos de caixa;
e)Demonstração do Valor Adicionado (DVA);
f) Notas Explicativas.
II UNIDADE
1) Iniciar a prática de elaboração das demonstrações:
a)Balanço Patrimonial;
b)DRE;
c)Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido (DMPL).
d)Demonstração dos Fluxos de Caixa;
e)Demonstração do Valor Adicionado (DVA);
f) Notas Explicativas;
III Unidade
1) Diálogo da importância das demonstrações vistas no decorrer da unidade.

METODOLOGIA DE ENSINO

A metodologia de ensino utilizada na disciplina é a metodologia ativa.

RECURSOS DIDÁTICOS

Tecnologia Educacional: Utilização de dispositivos tecnológicos como computadores, *tablets, softwares* educacionais e recursos online para enriquecer as aulas e facilitar a aprendizagem; Produtos *Google (Classroom*, Docs, Planilhas,

Desenhos, Apresentações, *Forms, Meet,* Agenda, *YouTube*), Livros Didáticos e Recursos Impressos: Utilização de livros, apostilas, folhetos e material impresso para fornecer informações complementares e exercícios de fixação; Material Audiovisual: Uso de vídeos, animações, podcasts e apresentações multimídia para apresentar conceitos de forma visual e dinâmica, entre outros.
AVALIAÇÃO
Nota 1 a)Participação (Assunto: Lei das Sociedades anônimas) ---------- 3,00 b)Atividades aplicadas pelo docente ---------- ---2,00 c)Prova Objetiva ---------- ---5,00 Conteúdo da avaliação: Conceitos e Estrutura das demonstrações Nota 2 a)Atividades aplicadas pelo docente---------- ---------- -- 4,00 b)Avaliação 1 ---------- ---3,00 Conteúdo da avaliação: Balanço Patrimonial; DRE e Demonstração das mutações do patrimônio líquido. c)Avaliação 2 ---------- --3,00 Conteúdo da avaliação: Demonstração dos fluxos de caixa; Demonstração do Valor Adicionado (dva); Notas Explicativas. Nota 3 Rotação por Estações Por meio de um sorteio, o docente irá dividir a turma em quatro grupos que serão responsáveis pela elaboração de uma discussão das seguintes estações (temas/etapas): a)Conceitos essenciais b)BP, DRE e DMPL c)DFC, DVA e NE d)Importância das demonstrações contábeis discorridas no decorrer do semestre. Orientações: Nesse momento, os discentes com suas respectivas estações, deverão organizar um debate/ discussão com os principais pontos de sua escolha, o objetivo da roda de conversa é resgatar todas as informações que foram tratadas no decorrer do semestre. Nota ---------- 10,00
CRONOGRAMA

Horário das aulas: seg 19h/ sex 19h
I UNIDADE
11/03 – aula 01 – Introdução a disciplina, apresentação inicial dos conceitos de Circulante, Longo prazo, Permanente, resultado de Exercícios Futuros e Patrimônio Líquido.
15/03 – aula 02 – Conceito detalhado de Circulante
18/02 – aula 03 - Conceito detalhado Longo Prazo
22/03 – aula 04 - Conceito detalhado de Permanente
25/03 – aula 05 - Resultados de Exercícios Futuros
29/03– dia não letivo (feriado sexta feira da paixão[4])
01/04 - aula 06 - Patrimônio Líquido
05/04 - aula 07 - Contas de Resultado
08/04 - aula 08 - Continuação de Contas de Resultado
12/04 - aula 09 - Lei das Sociedades Anônimas
15/04 - aula 10 - Conhecer a estrutura dos demonstrativos - Início do próximo assunto: BP
19/04 - aula 11 - Balanço Patrimonial
22/04 - aula 12 - DRE
26/04 - aula 13 - Demonstrações das Mutações do Patrimônio Líquido
29/04 - aula 14 - Demonstração dos Fluxos de Caixa
03/05 - aula 15 - Demonstração do Valor Adicionado
06/05 - aula 16 - Notas Explicativas
10/05 - Avaliação da I Unidade
II Unidade
13/05 - aula 01 - Iniciar a Prática de Elaboração das Demonstrações
17/05 - aula 02 - Balanço Patrimonial
20/05 - aula 03 - DRE
24/05- aula 04 - Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido
27/05- Avaliação 1
31/05 (dia não letivo – de acordo com calendário acadêmico 2024.1)
03/06 - aula 05 - Demonstração dos Fluxos de Caixa
07/06 - aula 06- Demonstração do Valor Adicionado (DVA)
10/06 - aula 07 - Notas Explicativas
14/06 - Avaliação II
III Unidade
17/06 - aula 01 - Diálogo da Importância das Demonstrações vistas no decorrer das unidades
21/06 – (provável liberação da turma – São João)

[4] Nosso cronograma seguiu as datas reais do calendário do semestre 2024-1, para que pudéssemos "simular" de forma mais próxima da realidade a montagem de um planejamento para as aulas do semestre.

24/06 – feriado de São João 28/06- aula 02 - Roda de conversa 01/07 (provável dia não letivo em vista do feriado da independência da Bahia dia 02/07) 05/07 – aula 03- Roda de conversa 08-/07 - aula 04 - Roda de conversa 12/07 – Entrega do resultado letivo 15/07 – Dia da prova final
REFERÊNCIA BÁSICA
PEREIRA, Antonio Gualberto. **Análise das Demonstrações Contábeis**.. Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br. Acesso em: 13 maio 2024. MARTINS, Roberto Sousa. **Análise das Demonstrações Contábeis**: 1,2 Edição. Cecierj, 2020. Disponível em: https://canal.cecierj.edu.br. Acesso em: 10 maio 2024. MISSAGIA, Luiz Velter Francisco. **Manual de Contabilidade**. Biblioteca Unisced, 2021. Disponível em: https://biblioteca.unisced.edu. Acesso em: 10 maio 2024. NBCTSP. **Apresentação das Demonstrações Contábeis**. Conselho Federal de Contabilidade. Disponível em: https://cfc.org.br. Acesso em: 10 maio 2024.
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
CAVALCANTE. Francelio. **Demonstrações Contábeis**. Elaboração e Análise. Disponível em: https://sgw.crcse.org.br/storage/conteudo/1/18/20190702103700_5d1b5dfc08e01.pdf. Acesso em 11 mai. 2024. MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis:** Contabilidade empresarial. Atlas, 6ª ed., 2010.Acesso em 11 mai. 2024.

Preparação da aula

Preparar uma aula sobre o estudo das demonstrações contábeis foi um desafio que exigiu grande dedicação e criatividade por parte dos professores, sobretudo pelo fato do tema ser abrangido principalmente por conteúdos de natureza teórica, o que acarreta sobremaneira os discentes durante o processo de aprendizado.

Desde o início, nós percebemos a necessidade de tornar a aula mais leve e dinâmica, principalmente porque a aula escolhida tinha natureza teórica, afinal eram conceitos essenciais da

Contabilidade. O desafio principal era fazer com que os alunos absorvessem o conteúdo sem ficar cansativo, monótono ou até mesmo tradicional.

Ademais, para tornar a aula mais interativa, nós, como professores decidimos utilizar uma combinação de recursos visuais trazendo slides dinâmicos (metáfora lúdica), conjuntamente com o material teórico preparado (exposição dos conceitos contábeis). De forma que, foi realizada a associação entre os conceitos trabalhados e personagens fictícios, de forma a envolver os discentes em uma explicação que contava uma história.

Finalmente, os professores organizaram um jogo ao final da aula (chamado: "Quem sou EU?") utilizando os personagens presentes nos slides (que estavam associados aos conceitos contábeis). De modo que, a atividade, além de revisar os principais conceitos abordados, criou um ambiente de interação entre os discentes, que discutiram entre si temas e questões que foram trabalhadas no decorrer da aula, concluindo a aula com um clima leve e garantindo uma maior assimilação dos estudantes.

Mediação Didática Lúdica no Ensino Superior

A prática didática da docência possui um conjunto de atividades que a caracterizam, como compreender o currículo no qual sua disciplina se insere e o objetivo que se quer atingir na formação dos alunos. Com isso, a fim de didatizar o ensino de Ciências Contábeis é preciso selecionar o material didático, elaborar as avaliações e dar *feedback* aos alunos; orientá-los, dentre outras. Assim, é necessário compreender, dominar e articular esse conjunto de atividades que compõem o trabalho docente, a fim de que se tenha sucesso profissional na atuação efetiva em situações específicas de ensino e aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, a relação entre o processo de ensino-aprendizagem eficaz e os saberes docentes é evidente, pois é o aperfeiçoamento desses saberes que permite aos professores desenvolverem diferentes técnicas para a mediação de suas atividades diárias dentro da

universidade e, ainda, facilita a orientação do professor a respeito de suas próprias responsabilidades dentro desse processo.

Escolha da metodologia de ensino

A escolha inicial baseia-se principalmente no fato da maioria de nós, discentes, termos contato durante quase toda nossa vida educacional pautada na metodologia tradicional, na qual somos moldados e temos que agir conforme "manda o figurino", caso contrário, haverá "consequências". Essa metodologia de ensino poda o aluno, que muitas vezes deixa de expressar ideias, pensamentos, questionamentos e ações pelo medo de ser julgado por seus próprios docentes e pelo ambiente educacional que cobra essa postura rígida do professor.

No que tange à metodologia escolhida, optamos pela Ativa (Araújo, 2017), tanto pelo fato supracitado, quanto pelo fato de sermos adultos em um ensino superior, que é um período mais que necessário para adotar medidas divergentes do que aquelas inseridas pelo método tradicional. Dentro da metodologia ativa, o papel do docente é de orientar e fornecer as informações preliminares para que os discentes não tenham dificuldade no desenvolvimento de suas atividades, de forma que, as atividades desenvolvidas estimulem à participação, autonomia e inovação por meio da ação dos próprios alunos.

Como a matéria possui caráter tanto teórico quanto prático (exigindo cálculos e preenchimento de demonstrações contábeis) a adoção da presente metodologia, indica que apesar de ser considerada "ativa" ainda está sujeita a adoção estruturas indicadas pelos docentes, que apresentam previamente atividades que serão desenvolvidas pelos alunos, que, neste momento desenvolvem o seu papel de protagonista no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o papel do professor é propor situações-problema e orientar o processo, enquanto os discentes assumem uma postura ativa ao aplicar os conteúdos estudados e refletir criticamente sobre os resultados, inclusive levantando

questionamentos e sugestões. Vale destacar que, embora haja essa orientação docente, a metodologia ativa difere das metodologias participativas ou colaborativas, pois não se limita à interação ou discussão, mas exige que o estudante construa conhecimento efetivamente crítico a partir da prática, desenvolvendo autonomia durante o processo.

O plano de aula

O plano de aula foi a peça-chave para organização do que seria trabalhado em aula no dia escolhido, por meio dele conseguimos observar a clara distinção dos objetivos do discente e os objetivos do docente. É como se passasse uma pergunta na mente do professor, 'como fazer para que meus alunos alcancem os objetivos específicos a fim de se chegar ao objetivo geral?'.

Quando o profissional da educação entende o que se pretende alcançar ao final da aula, as suas ações se tornam mais claras, afinal é ele quem vai instruir e orientar os alunos durante a aula, e é nesse momento que se passa uma segunda indagação na mente do professor "que ações eu posso realizar para auxiliar/ amparar os meus alunos nesse processo". Ao construir o plano de aula, com esses e demais questionamentos, é que conseguimos compreender a real importância de se planejar cada dia de aula.

UNIVERSIDADE XXXXXXXXX
Curso: Ciências Contábeis
Componente curricular: Estudo das Demonstrações Contábeis
Duração:50 minutos – Unidade: I, aula 1
Docentes: Edson Lopes e Paloma Lima

Plano de aula

Tema/Conteúdo: Conceitos de circulante, longo prazo, permanente, resultados de exercícios futuros e patrimônio líquido.
Objetivo Geral: Conhecer detalhadamente os conceitos essenciais da Contabilidade

Objetivos Específicos: 1)Compreender os significados de prazo para a Contabilidade. 2)Familiarizar-se com o significado de Curto e Longo Prazo. 3) Conhecer o conceito de circulante e não circulante. 4) Entender o que é ativo. 5) Identificar as contas participantes do grupo Ativo Circulante. 6) Reconhecer os tipos de Ativo Circulante e Não Circulante. 7) Inteirar-se sobre o Ativo permanente. 8) Atualizar-se sobre os Resultados de Exercícios Futuros. 9) Reconhecer o que é o Patrimônio Líquido. 10)Diferenciar as Contas que compõem o Patrimônio Líquido.
Avaliação: Avaliação: Jogo "Quem sou eu?"
Descrição: Os docentes irão organizar os discentes em duplas e/ou trios e relatar as instruções do jogo dispostas no material "Quem sou Eu?" (cujo material também deverá ser entregue aos alunos para consulta durante o jogo).
Após a devida instrução, os docentes irão sortear as cartas com os personagens para cada aluno, de modo que, nenhum aluno pode vislumbrar a carta que foi sorteada devendo segurá-la rente à parte anterossuperior da cabeça, compreendida entre os olhos e a região do cabelo (testa). O objetivo dos discentes é descobrir qual Personagem (conceito contábil) que eles são fazendo perguntas aos demais membros da dupla e/ou trio, conforme o exemplo abaixo:
(Personagem sorteado pelo discente: Ciro- Ativo Circulante)
O discente irá fazer perguntas como:
"Minhas principais contas incluem caixa, estoques e contas a receber?"
"Eu sou essencial para a liquidez imediata da empresa?"
"Eu sou uma parte do patrimônio líquido?"
A partir da resposta dos demais componentes do grupo, é que o discente irá delinear o caminho para descobrir qual personagem ele é.

Desenvolvimento da aula					
	Ação	**Procedimentos metodológicos**	**Tempo**	**Recursos**	**Observação**
1	Recepcionar os alunos da turma e conduzir a organização de sala.	Iniciar a recepção dos alunos no momento de chegada do horário da aula (20h:50m) e conduzir a organização de sala.	2′		Professores: Edson Lopes e Paloma Lima
2	Início da Aula Expositiva	Exposição da proposta de apresentação de conteúdo da aula Explicação dos conceitos de circulante Explicação dos conceitos de Longo Prazo Explicação dos conceitos de Permanente	20′′	Slide (Metáfora de potencial Lúdica)	Professor Edson Lopes A metáfora lúdica apresenta-se como uma abordagem que utiliza elementos do humor para fazer comparações e criar significados. Esse meio visa tornar a apresentação mais leve, envolvente e acessível, o que contribui para compreensão de significados ou conceitos complexos de forma mais divertida.
3	Finalização da Aula Expositiva	Continuidade da exposição dos conteúdos selecionados para a aula. Explicação dos conceitos de Resultados de Exercícios Futuros.	15′′	Slide (Metáfora de potencial Lúdica)	Professora Paloma Lima

		Explicação do Conceito de Patrimônio Líquido e seus componentes.			
4	Aplicação de "Avaliação" para ponderar se os objetivos específicos foram alcançados.	Os docentes irão organizar os discentes em duplas e/ou trios e relatar as instruções do jogo dispostas no material "Quem sou Eu?"	15'	Figuras dos Personagens(conceitos contábeis)	Professores: Edson Lopes e Paloma Lima O jogo "Quem Sou Eu" é uma atividade interativa em que os participantes tentam adivinhar a identidade de uma pessoa, personagem, objeto ou conceito por meio de perguntas e respostas. Cada jogador recebe uma carta ou etiqueta com o nome de alguém ou algo, que é colocado na testa sem que ele veja. Os jogadores fazem perguntas de "sim" ou "não" para os outros participantes, tentando descobrir sua própria identidade com base nas respostas recebidas. O objetivo é ser o primeiro a adivinhar corretamente quem ou o que você é. No caso da aula, foi adaptada para conceitos contábeis como personagens.

Referências
Básicas:
PEREIRA, Antonio Gualberto. **Análise das Demonstrações Contábeis**.. Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br. Acesso em: 13 maio 2024.
MISSAGIA, Luiz Velter Francisco. **Manual de Contabilidade**. Biblioteca Unisced, 2021. Disponível em: https://biblioteca .unisced.edu. Acesso em: 10 maio 2024.
NBCTSP. **Apresentação das Demonstrações Contábeis**. Conselho Federal de Contabilidade. Disponível em: https://cfc.org.br. Acesso em: 10 maio 2024.

Complementares:
MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis: Contabilidade empresarial**. Atlas, 6ª ed., 2010. Acesso em 11 mai. 2024.

Atividade e avaliação

Na aula de Estudo das Demonstrações Contábeis, onde foram abordados conceitos essenciais para Contabilidade, realizamos uma aula com a metodologia ativa, sendo composta por: conteúdo teórico e posteriormente a aplicação de uma atividade dinâmica e interativa chamada "Quem Sou Eu?", na qual os personagens representavam conceitos contábeis importantes. Nossa perspectiva ao criar essa atividade foi facilitar a associação entre os conceitos e os personagens, tornando o aprendizado mais leve e envolvente.

A atividade foi interessante e proporcionou uma forma inovadora de abordar e revisar os conceitos teóricos que foram discorridos durante a aula. A dinâmica permitiu que os alunos participassem ativamente, tornando a aula mais divertida e menos monótona. No entanto, após a conclusão da aula, foi obtido o *feedback* por parte dos discentes, que realizaram algumas ponderações, na qual descobrimos que a associação entre os personagens e os conceitos contábeis não foi tão fácil quanto esperávamos, pois, alguns alunos

tiveram um pouco de dificuldade em conectar os personagens com os conceitos de forma clara. Isso nos mostrou que, embora a intenção fosse boa, a execução poderia ser aprimorada para garantir uma melhor compreensão dos discentes.

Esse tipo de reflexão é imprescindível, é o que chamamos de "práxis", houve planejamento, cuidado na execução, obtenção de retorno informacional dos maiores interessados e culminou na reflexão para melhorias que poderiam (deveriam!) ser empreendidas futuramente. Isso é fazer realmente um Ensino (superior, ou não) de qualidade, reflexivo e aprimorado. O professor não deve achar que porque planejou, sua aula dará certo e será 100% bem acolhida pelos discentes. É preciso estar aberto às ponderações construtivas que podem (devem!) chegar. Inclusive esse momento de ponderações - tanto docentes, quanto discentes - é uma etapa fundante da avaliação! É onde começa a melhoria contínua do fazer docente (e discente, também, por que não?!)

Ademais, em nosso momento avaliativo, os colegas-discentes também informaram que sentiram a ausência de um espaço para perguntas e respostas durante a aula (visto que escolhemos a "aula expositiva" para a primeira etapa da aula). Todavia, devido ao tempo limitado, algumas atividades precisaram ser encurtadas, que foi o caso do espaço para perguntas e respostas, o que poderia ter enriquecido ainda mais aquele momento de aprendizado.

A experiência de ser docente, nos fez ressignificar o árduo trabalho do profissional da educação, pois, preparar conteúdo, materiais, dinâmicas e estar pronto para imprevistos não é uma tarefa fácil. Essa aula reforçou a necessidade de contínua adaptação e melhoria constante na metodologia de ensino, visando sempre o melhor atendimento frente às demandas dos discentes.

Referências

ARAÚJO, J.C. Da metodologia ativa à Metodologia participativa. *In*: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. **Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017. p. 17–54.

Capítulo 3: A Jornada de Ser Professor: Lições Além da Sala de Aula

Ana Paula Souza[1]
Karine Cardoso[2]

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. - Paulo Freire"

A realidade da profissão docente é frequentemente marcada por julgamentos e críticas, muitas vezes sem o devido reconhecimento do esforço e da complexidade envolvidos na preparação de uma aula. Preparar uma aula bem estruturada é um processo que exige tempo, dedicação e um profundo entendimento dos conteúdos a serem ensinados. Não se trata apenas de "transmitir informações", mas de encontrar maneiras de envolver os alunos, estimular o pensamento crítico e adaptar o material para atender às diversas necessidades e estilos de aprendizagem dos estudantes. Este processo envolve a elaboração de planos de aula detalhados, a criação de atividades interativas, a avaliação contínua do progresso dos alunos e a constante atualização dos conhecimentos.

Nessa jornada, na disciplina de Tópicos Contemporâneos em Contabilidade, nós, graduandos do curso de Ciências Contábeis, tivemos a experiência de sermos professores por um dia, em frente a outros alunos. A conclusão que podemos tirar desse "um dia" é que a realidade de ser professor é algo totalmente diferente do que imaginamos ou mesmo julgamos. Não foi apenas

[1] Estudante de Ciências Contábeis do 9° semestre em 2024-1 e-mail: anapszap@gmail.com
[2] Estudante de Ciências Contábeis do 9° semestre em 2024-1 e-mail: karine.ssi@hotmail.com

"um dia" na frente da sala de aula, mas todo um processo e planejamento de vários dias para tentarmos ministrar uma aula que nunca tivemos, mas gostaríamos de ter. Caros leitores, podemos assim dizer que deu muito trabalho!

Apesar de todo esse esforço, é comum que os professores sejam julgados por pais (não tanto no caso do Ensino Superior, mas frequentemente nos outros âmbitos da educação formal), alunos e até mesmo por outros profissionais da educação. Muitas vezes, a complexidade do trabalho do professor é subestimada, e os desafios diários que eles enfrentam são ignorados. Comentários como "é só dar aula" ou "eles têm férias longas" são comuns e demonstram uma falta de compreensão e valorização social sobre o que realmente significa ser um educador.

E qual seria a causa dessa desvalorização? Um projeto de empobrecimento e sucateamento da educação que visa debilitar a possibilidade de compreensão e reivindicação crítica de uma sociedade melhor por parte de pessoas dotadas de formação educacional crítica e, talvez, também seja uma tentativa de vender a educação pública - desvalorizada, criticada, "ineficiente" - para a iniciativa privada, com a argumentação de maior "eficiência" , quando na verdade não se trata de "eficiência"(atendimento de objetivos com menor consumo de recursos), nem "eficácia" (atendimento de objetivos), mas sim de lucros privados e prejuízo público. Fazer a sociedade desacreditar/desvalorizar a educação (especialmente a educação pública) é um passo importante na obtenção de respaldo social para privatizar e negar de vez um direito que pode mudar mentes e atitudes. Essa é a hipótese com a qual trabalhamos, mas sabemos que problemas complexos não têm soluções simples, muito menos causa única.

No entanto, é importante reconhecer que, assim como em qualquer profissão, os professores também têm a responsabilidade de buscar constantemente o aprimoramento de suas práticas. À medida que a ciência da educação avança, novos métodos de ensino são desenvolvidos, e é fundamental que os docentes se mantenham atualizados. A utilização de tecnologias educacionais,

metodologias participativas e colaborativas de aprendizagem e abordagens diferenciadas para a inclusão de todos os alunos são apenas alguns exemplos de práticas que podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Para muitos professores, o desejo de melhorar é uma motivação intrínseca. Eles entendem que o aprendizado é um processo contínuo e que o desenvolvimento profissional é essencial para oferecer a melhor educação possível. No entanto, há exceções, em que alguns docentes podem parecer desmotivados, o que se reflete em aulas mal preparadas com conteúdos ultrapassados. Especialmente aqueles que já estão perto da aposentadoria e/ou que têm a sala de aula como trabalho secundário - sua forma principal de sustento é outra atividade profissional - algo comum em cursos de bacharelado: os professores durante grande parte do dia trabalham como contadores, advogados, dentistas, médicos, engenheiros… e em apenas algumas horas do dia exercem a docência, sua fonte de renda principal é outra que não o ensino, logo lecionar está em segundo plano em seu planejamento - salvo exceções.

A vivência da matéria

A vida pós ensino médio é cheia de incertezas e perguntas do tipo, e agora o que irei fazer? Um curso? Uma graduação? Me inserir no ambiente de trabalho? Ou simplesmente deixar a vida me levar? Qualquer caminho que escolhemos seguir vem recheado de medo e angústia, pois na maioria das vezes são adolescentes conhecendo a vida pela primeira vez, tentando dar o seu primeiro voo longe do ninho da sua mãe.

A graduação é um sonho para muitos jovens assim como foi para nós, e para alcançar esse sonho é preciso tempo e dedicação, pois não é tão simples entrar em uma universidade pública tão concorrida. Mas com muito esforço sonhos se realizam e assim o nosso se realizou, deixamos nossos pais, família e partimos em

busca de viver esse momento tão único a quilômetros de distância de nossas cidades natal.

Com a maturidade aprendemos que nem tudo são flores, mas até sabemos disso já foi tempo suficiente para nos decepcionar. Colocamos expectativas e elas não foram atendidas, esse é o principal motivo para nós ter escolhido a disciplina de "Contabilidade Introdutória I" para elaborar "a aula que eu não tive, mas adoraria ter", ao nos deparar com as aulas do primeiro semestre no curso de Ciências Contábeis, o que era para ser um semestre empolgante por ser o primeiro contanto com a graduação, não aconteceu dessa forma, nos deparamos com aulas que não pareciam ter sido planejadas, sem sequência de assunto, que nos fizeram questionar é mesmo isso que quero para mim? Apesar dos desafios continuarem firmes e hoje podemos vivenciar o que seria ou um pouco do que deveria ser uma aula para alunos do primeiro semestre.

O plano de curso

UNIVERSIDADE xxxx xxxxx xxxx[3]		
PLANO DE CURSO		
Professor(a): Ana Paula e Karine Cardoso		
Componente Curricular: Contabilidade Introdutória		Código: xxx
Carga Horária: 60 horas	Créditos:xxx	Período:
EMENTA		
Evolução e importância da Contabilidade no mundo moderno. Conceitos fundamentais da Contabilidade: bens, direitos, obrigações, ativo, passivo, despesa, receita, inventários, fatos contábeis administrativos, escrituração e lançamentos. Noções de débito e crédito. Métodos de Contabilidade das escolas Italiana e Americana.		

OBJETIVO GERAL

[3] Suprimimos informações específicas para resguardo didático-ético

Compreender os conceitos fundamentais da Contabilidade e sua evolução no mundo moderno.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Debater a importância da Contabilidade na gestão de recursos financeiros; Dominar os conceitos de bens, direitos, obrigações, ativo, passivo, despesa, receita, inventários e fatos contábeis administrativos; Desenvolver habilidades na escrituração contábil e na realização de lançamentos; Entender os métodos de Contabilidade das escolas Italiana e Americana; Aplicar corretamente os princípios de débito e crédito na elaboração de registros contábeis.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
I Unidade: Evolução da Contabilidade e sua importância no mundo moderno. Noções de débito e crédito. Conceitos fundamentais da Contabilidade. II Unidade: Métodos de Contabilidade das escolas Italiana e Americana. Escrituração e lançamentos contábeis. III Unidade: Demonstrativos contábeis básicos.
METODOLOGIA DE ENSINO
A matéria baseará na metodologia participativa e abordará as seguintes: Aulas expositivas dialogadas; Estudos de caso para aplicação prática dos conceitos; Exercícios individuais e em grupo para a fixação do conteúdo; Uso de recursos audiovisuais para melhor compreensão dos temas abordados.
RECURSOS DIDÁTICOS
Quadro branco e marcadores; Projetor multimídia; Apostilas e materiais de apoio; Exemplos de demonstrativos contábeis; *Software* de Contabilidade.
AVALIAÇÃO
I Unidade: Prova (Peso 50%). Trabalho em grupo (Peso 20%). Exercícios (Peso 20%). Participação (Peso 10%) II Unidade: Prova (Peso 50%).

Trabalho em grupo (Peso 20%). Exercícios (Peso 20%). Participação (Peso 10%). III Unidade: Trabalho individual (Peso 70%). Exercícios (Peso 20%). Participação (Peso 10%).
REFERÊNCIA BÁSICA E COMPLEMENTAR
PADOVEZE, Clóvis Luís. Manual de Contabilidade básica: Contabilidade introdutória e intermediária: textos e exercícios. São Paulo: Atlas, 2011. IUDÍCIBUS, Sérgio et al. *Contabilidade Introdutória*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 15 mar. 2019.

Plano de aula

UNIVERSIDADE xxxxxxxxxxxx
Curso: Ciências contábeis
Componente curricular: Contabilidade introdutória I
Duração: 50 minutos – Unidade: II unidade, aula 3

Docentes: Ana Paula Silva Souza e Karine Santos Silva Cardoso

Plano de aula

Conteúdo: Débito e créditos contábeis e métodos das partidas dobradas
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:
Objetivo Geral: 1) Compreender os conceitos de débitos e créditos
Objetivos Específicos: 1) Elaborar os razonetes T; 2) Diferenciar débito e crédito; 3) Compreender os métodos das partidas dobradas; 4) Aplicar as fórmulas de lançamento
OBJETIVOS DE ENSINO:
Objetivo Geral: 1) Explicar os conceitos de débitos e créditos
Objetivos Específicos: 1) Citar os razonetes T; 2) Diferenciar débito e crédito; 3) Demonstrar os métodos das partidas dobradas; 4) Identificar os fórmulas de lançamento

Avaliação: A avaliação da aprendizagem será feita pela observação da participação dos alunos nas atividades empreendidas.

Referências:

Básicas:

Ferrari, Ed. Luiz. **Contabilidade geral**: teoria e 1.000 questões 13°. ed. rev. - Niterói, RJ: Impetus, 2013.

Complementares:

COSTA, M. H. B.; LOPES, A. B. Estrutura do capital e custo da dívida: evidências empíricas no mercado brasileiro. **Revista Contabilidade & Finanças,** v. 20, n. 50, p. 28-43, 2009. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34155. Acesso em: 16 jun. 2024.

SCHMIDT, Paulo. A classificação da contabilidade dentre os ramos do conhecimento humano. **Caderno de Estudos**, São Paulo, FIPECAFI, v. 10, n. 17, p. 9-22, jan./abr. 1998. Disponível em: https://revistas.usp.br/cest/article/view/5621/7151. Acesso em: 16 jun. 2024.

Desenvolvimento da aula					
	Ação	**Procedimentos metodológicos**	**Tempo**	**Recursos**	**Observação**
1	Saudação aos alunos de forma alegre e sucinta**.**	1. Ao entrar na sala cumprimentar os alunos com um boa noite e perguntar como estão, em seguida ligar os equipamentos que serão utilizados na aula.	2′		Ana Paula e Karine Cardoso
2	Revisão dos conceitos estudados na aula anterior, que servirá de base para o desenvolvimento da aula e demarcar os conteúdos a serem tratados no dia.	2. Aula expositiva[1], com ajuda dos recursos disponíveis a professora irá comentar brevemente sobre os assuntos abordados na aula anterior. 3. A revisão é necessária para que se possa introduzir o novo assunto, caso não possa contar com os recursos tecnológicos, o professor deve por segurança levar impresso em tópicos os assuntos que se pretende falar ou fazer perguntas sobre tal assunto aos alunos ou ainda usar o quadro.	5′	Notebook, Slide.	Ana Paula
3	Introdução ao assunto sobre razonetes T e débito e crédito.	3. Leitura da parte teórica com a ajuda dos *slides*, aula expositiva, aplicação de exercícios na parte prática, sempre dialogando com os alunos, deixando espaço para dúvidas, fazendo perguntas ao passo que for explicando, de forma dinâmica.	5′	Computador, *slides* e quadro branco, piloto	Karine Cardoso
4	Concretização do conteúdo: jogo - "Quem quer ser um Contador?"	4. Durante a exposição dos conteúdos faremos pequenas pausas para avaliar a compreensão sobre o assunto. O jogo consiste em fazer uma pergunta a algum aluno (o aluno pode ser algum voluntário ou sorteio) sobre o assunto que	10′	Notebook, Slide. Doces Material impresso	Ana Paula e Karine Cardoso

[1] A escolha pela "Aula expositiva" (uma técnica eminentemente tradicional) se deu em função da circunstância do tempo para a execução da aula. Entendemos que abrir para o diálogo poderia tomar tempo e preferimos deixar as perguntas discentes para o final.

		foi passado, caso ela acerte ganhará uma recompensa (que pode ser: doces, canetas) cada rodada será um aluno diferente a responder, a resposta servirá de *feedback* ao professor, caso o aluno não tenha dificuldade ao responder significa que seu objetivo está sendo cumprindo, ao notar dificuldades é importante o professor retomar o assunto e explicar novamente. 5. Levar impresso todo o material da aula para que em caso de imprevisto a aula possa ser dada sem prejuízo aos alunos. Nesse sentido o professor tem à disposição o quadro branco, então é importante levar pilotos e o material impresso.		(princípios contábeis e casos contábeis fictícios para exercício) Lousa e piloto	
5	Introdução assunto sobre Partidas dobradas.	6. Leitura da parte teórica com a ajuda dos *slides*, aula expositiva, aplicação de exercícios na parte prática, sempre dialogando com os alunos, deixando espaço para dúvidas, fazendo perguntas ao passo que for explicando, de forma dinâmica. 7. Levar impresso todo o material da aula para que em caso de imprevisto a aula possa ser dada sem prejuízo aos alunos. Nesse sentido o professor tem à disposição o quadro branco, então é importante levar pilotos e o material impresso.	23’	computador, *slides* e quadro branco, piloto.	Ana Paula

Atividade e avaliação

Na aula de Contabilidade Introdutória I, primeiramente foi feita uma revisão da aula anterior, para que os alunos pudessem relembrar os conceitos aplicados e criar a conexão com o assunto a ser explorando. Foram abordados o conceito e origem sobre razonetes, método das partidas dobradas e as fórmulas de lançamento.

Em decorrência do tempo, a aula acorreu de forma expositiva, mas de uma forma leve e dentro do planejado, como forma de aproximar o assunto dos alunos, levamos memes "educativos", que expressaram conceitos aplicados na aula e após cada explicação aplicamos os exemplos. Como forma de avaliação, a cada assunto abordado fizemos o jogo "quem quer ser um contador?", optamos por fazer o jogo a cada assunto, também como forma de *feedback*, pois podemos analisar se eles compreenderam o assunto ou ainda restava dúvidas.

A aula que eu não tive, mas adoraria ter foi uma experiência única em nossas vidas, a aula ocorreu sem imprevisto, mas o nervosismo sempre nos acompanha, junto com a sensação de que poderíamos fazer melhor, foi uma ótima oportunidade poder realizar todas as etapas que antecedem a aula, como o planejamento a preparação dos materiais e poder sempre procurar o melhor para os alunos. Nos mostrou que uma aula vai muito além do que apenas alguns minutos na sala de aula, e o planejamento é essencial. Apesar do nervosismo, entendemos que quando se tem compromisso, gosto pelo trabalho e o desejo de sempre dar o melhor de nós, sempre é possível deixar cada aula como uma experiência única, pudemos ver pelos olhos de um professor e repensar também em nossas atitudes como alunas.

Capítulo 4: Entre Teoria e Prática: A Aula que Queríamos Ter Tido

Caio Almeida[1]
Laila Dias[2]

"A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida"
(Sêneca)

A escolha da matéria

O ensino superior é um patamar valioso e impreterível na vida de qualquer pessoa que queira viver, profissionalmente, de uma ou mais das diversas ramificações que a Contabilidade, enquanto ciência, proporciona. Nesse sentido, quando logramos êxito seja no vestibular ou no ENEM, um turbilhão de sentimentos e expectativas nos toma de maneira avassaladora. O problema é que expectativa se refere àquilo que é esperado ou que existe a probabilidade de ocorrer. Isto é, não há certeza líquida e certa de que a expectativa, factualmente, será realizada.

Nessa seara, não é incomum que nós, graduandos em Ciências Contábeis, tão logo sejamos confrontados pelo sentimento da frustração. Tal situação acontece, haja vista que a carga de expectações supera e muito o conteúdo e a didática que nos é ofertada desde o primórdio do curso. Além disso, não é perceptível algum incentivo, por parte da instituição, ou mesmo interesse, por parte dos estudantes, para preparar novos docentes. Assim sendo, a disciplina de Tópicos Contemporâneos em Contabilidade, ministrada pela Dra. Márcia Mineiro, se encarregou de trabalhar

[1] Estudante de Ciências Contábeis do VII semestre em 2024-1 e-mail:caioalmeidaconsultor@gmail.com
[2] Estudante de Ciências Contábeis do VII semestre em 2024-1 e-mail: diaslaila23@gmail.com

essas e outras problemáticas vivenciadas por alunos e professores ao longo de nossas experiências.

Durante 3 meses, nós narramos, em sala de aula, as vivências amargas experimentadas individual e coletivamente no decorrer da graduação até aquele momento. Concomitante a isso, trabalhamos as teorias de aprendizado, os modelos de ensino e a influência da ludicidade no Ensino Superior. Desde o princípio, foi-nos feito o convite para que, ao final de toda a discussão acadêmica sobre a efetividade do curso para o aprendizado do discente, nós pudéssemos ministrar a aula que tanto queríamos ter tido, mas não tivemos. Esse convite foi prontamente aceito e, a partir de então, embarcamos em uma viagem só de ida com destino à docência por um dia.

A vivência da matéria

Escolhemos a disciplina de Auditoria Geral em virtude da grande expectativa que criamos ao nos matricularmos na disciplina no VI semestre. Contudo, estas expectativas não foram atendidas, e isso fez com que se aumentasse ainda mais a curiosidade e o desejo de aprender mais sobre Auditoria. Dentro da matéria o que nos destacou a atenção foi o tema 'Auditoria do Ativo Imobilizado' pelo fato desses bens possuírem grande expressão nas Demonstrações Contábeis das empresas.

Todavia, com essa escolha, vieram alguns dilemas: seremos capazes de aprender e preparar uma aula sobre o assunto? Conseguiremos demonstrar esses conhecimentos em sala de aula para os colegas, de maneira que os mesmos compreendam? Preparar essa aula foi um agregado de emoções, medo, preocupação, ansiedade. A preparação do material da aula foi suave, porém a aula em si foi um pouco mais complicada do que imaginamos.

Reunir e organizar tudo que pesquisamos para apresentar em aula foi o trabalho mais árduo. A dúvida excruciante era: o que estávamos entendendo do assunto, está correto? Preocupamos em

ministrar o assunto de forma correta, de maneira compreensível e que essas informações fossem verdadeiras. Textos foram lidos e relidos para fixar o assunto e certificar que estávamos aprendendo também, afinal de contas, quando a matéria nos foi ofertada não houve aprofundamento. Imaginar estar diante da professora e dos colegas falando de um assunto complexo, causava um pouco de nervosismo. Diante disso, o tom da fala, a posição diante da turma, os gestos, tudo era pensado de maneira que os presentes se interessassem pelo conteúdo e ao mesmo tempo compreendessem.

A preparação do plano de aula nos mostrou que a aula não se inicia na sala quando o professor começa a tratar do assunto. Pelo contrário, a peleja começa muito antes, trazendo consigo muitos pensamentos, inquietação e agonia, gastando parte de nosso tempo e nos impondo uma série de preocupações. Essa fase não é vista, não é lembrada e, por isso, não é valorizada ou levada em consideração, quando se fala na docência.

O plano de aula foi uma das primeiras atividades a serem vencidas, uma vez que a aula nasce a partir dele. Não era tão simples o quanto pensávamos, claro! Tínhamos que elencar a ementa, que topicalizar cada objetivo a ser alcançado com aula (essa parte foi bastante cansativa), que definir cada ação que seria adotada na aula (desde a recepção dos alunos até o final da aula), além de "*linkar*" todo material e ferramenta que necessitaríamos em cada ação. Ao final, ainda precisávamos expor no plano qual seria a nossa estratégia de avaliação, que tivesse potencial de ludicidade.

Lembro-me que o processo construtivo perturbou fortemente Laila, minha companheira nessa empreitada. Nesse processo, chegamos a discutir sobre a cor do *slide* e isso me mostrou que a tensão da preocupação estava 'gatilhando' a ansiedade dela. Por incrível que pareça, eu que sou tão ansioso quanto ela, estava lidando bem com a situação. Contudo, como tudo passa, minha calmaria também passou e como preceitua a "lei de Murphy" o que pode dar errado, vai dar errado no pior momento possível. Que momento seria pior para se ter crise de ansiedade senão 1 hora

antes da aula? Pois é! Estava acontecendo e não conseguia acreditar que de uma hora para outra estava passando mal.

A ansiedade acomete milhões de pessoas no mundo, muitas manifestando sintomas diferentes, alguns leves e outros incapacitantes. Nessa conjuntura, o mal-estar me abateu com enjôo, dor de cabeça e cólicas. Eu suava frio e nada no meu corpo parecia funcionar direito. Foi nesse momento, no caminho até a sala, que eu disse a Laila que possivelmente precisaria de ajuda e ela se assombrou ao saber que eu não estava bem. A sensação era de impotência e inconformidade, não era possível deixar a peteca cair no momento mais importante desse projeto, a aula.

No fim, depois de alguns comprimidos, respiração, confiança e cumplicidade mútuas, as nossas expectativas foram superadas. O nervosismo, o medo, a ansiedade e a timidez foram desaparecendo à medida que percebemos que estávamos alcançando o objetivo da aula. Tudo fluiu. Nossos colegas, ali como alunos, participaram, cooperaram conosco e foi muito mais leve e prazeroso do que poderíamos imaginar.

Em um contexto social onde a empatia é tão pautada, praticá-la parece cada vez mais difícil. Talvez a dificuldade esteja na simples tarefa de compreender o comportamento empático ou na nossa incapacidade de exercê-lo. Nesse cenário, embora partamos do mesmo ponto conceitual, que define a empatia como a ação de se colocar no lugar do outro, sempre sobra a pergunta: como fazer isso? O fato é que é razoavelmente fácil se pôr no lugar de alguém, quando você já esteve naquele lugar ou posição anteriormente.

Desde que o mundo é conhecido como tal, sentimos que a vida dos nossos coadjuvantes é sempre melhor ou mais fácil que a nossa. Talvez por isso o ditado: "a grama do vizinho é sempre mais verde". Pode-se dizer que, academicamente, isso não é diferente, uma vez que, enquanto alunos, tendemos a pensar que é ligeiramente fácil a vida de um professor. Contudo, esse pensamento passou por uma profunda metamorfose, a partir do

momento em que nós vivenciamos o processo de construir uma aula apenas.

A seguir, apresentamos o plano de curso que planejamos, supondo um semestre de trabalho.

O plano de curso

UNIVERSIDADE xxxxxxxxxxx		
PLANO DE CURSO		
Professor(a): Caio Almeida e Laila Dias		
Componente Curricular: Auditoria Geral		Código: xxx [3]
Carga Horária: 60 horas	Créditos: xxx	Período: NOTURNO
EMENTA		
Auditoria Geral – Campo de atuação e marco legal da Auditoria. Classificações, princípios, normas e técnicas de auditoria. Controles internos. Planejamento, execução e avaliação dos trabalhos. Papeis de Trabalho. Pareceres e relatórios de auditoria. Atribuições e responsabilidades do auditor. Auditoria interna externa.		
OBJETIVO GERAL		
Compreender os critérios indispensáveis para Auditoria do Ativo Imobilizado		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS		
- Conceituar Auditoria; - Conceituar Ativo; - Conceituar Ativo Imobilizado; - Reconhecer o custo de um ativo imobilizado; - Debater sobre a mensuração no reconhecimento do Imobilizado; - Identificar os critérios de Depreciação do bem imobilizado; - Mensurar um ativo imobilizado após o reconhecimento; - Identificar os critérios de Depreciação do bem imobilizado; - Conhecer os métodos do teste de impairment; - Reconhecer as Baixas do bem imobilizado.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Unidade I Introdução a Auditoria:		

[3] Suprimido para efeito didático

Conceitos e Origem da Auditoria
Normas de Auditoria
Controle Interno;
Relatório de Auditoria
Papéis de Trabalho

Unidade II
Execução da Auditoria
Evidências de auditoria
Planejamento de Trabalho
Auditoria das Contas Patrimoniais
Auditoria das Contas de Resultado

Unidade III
Auditoria das Contas do Ativo:
Auditoria de caixa e bancos
Auditoria de Contas a Receber
Auditoria de estoques
Auditoria de investimentos
Auditoria do imobilizado
Auditoria das Contas do Passivo:
Auditoria para fornecedores e contas a pagar
Auditoria das contas do passivo Circulante e Não Circulante

METODOLOGIA DE ENSINO

A metodologia utilizada será participativa. As aulas serão expositivas e dialogadas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Slides, projetor, quadro branco, jogo de tabuleiro, trilha e dado.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a aprendizagem dos alunos serão aplicados questionários, em grupo e individual, participação em rodas de conversa e seminário. As avaliações terão os seguintes pesos:
Questionário: 30%; Participação em roda de conversa: 30% e Seminário: 40%.

CRONOGRAMA

Aula 1	Introdução a Auditoria: Conceitos e Origem da Auditoria
Aula 2	Normas de Auditoria
Aula 3	Controle Interno
Aula 4	Relatório de Auditoria
Aula 5	Papéis de Trabalho
Aula 6	Revisão dos Conteúdos já trabalhados

Aula 7	Aplicação de questionário Avaliativo
Aula 8	Execução da Auditoria
Aula 9	Evidências de auditoria
Aula 10	Planejamento de Trabalho
Aula 11	Auditoria das Contas Patrimoniais
Aula 12	Auditoria das Contas de Resultado
Aula 13	Auditoria de caixa e bancos
Aula 14	Auditoria de Contas a Receber
Aula 15	Auditoria de estoques
Aula 16	Auditoria de investimentos
Aula 17	Auditoria do imobilizado
Aula 18	Auditoria do imobilizado
Aula 19	Auditoria para fornecedores e contas a pagar
Aula 20	Aplicação de questionário avaliativo sobres as auditorias do ativo
Aula 21	Formação dos grupos e instruções para seminário de Auditoria das contas do passivo Circulante e Não Circulante
Aula 22	Apresentação do 1º grupo
Aula 23	Apresentação do 2º grupo
Aula 24	Apresentação do 3º grupo
Aula 25	Tirar dúvidas e falar de pontos que porventura não forem abordados pelos grupos
Aula 26	Avaliação final

REFERÊNCIA BÁSICA
ALMEIDA, Marcelo Cavalcante. Auditoria: Um curso moderno e completo. 8ª ed. São Paulo, Atlas, 2019. ATTIE, William. Auditoria: Conceitos e Aplicações. 9ª ed. São Paulo, Atlas, 2018.
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
ALMEIDA, Marcelo Cavalcante. Auditoria: Um curso moderno e completo. 8ª ed. São Paulo, Atlas, 2019. COMITÊ de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento Técnico CPC 27. Ativo Imobilizado. COMITÊ de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento Técnico CPC 01. Redução ao Valor Recuperável de Ativos (Impairment).

Preparação da aula

Ao prepararmos a aula, percebemos a necessidade de apresentar o conteúdo de forma leve e compreensível, pelo fato de ser um assunto teórico e complexo. Para isso, preparamos os *slides*

com o mínimo de texto possível[4], utilizando, em sua maioria, apenas tópicos de cada assunto que seria abordado em aula. Tomamos como base para a aula o CPC 01(R1), o CPC 27 e os livros já mencionados na referência básica do plano de curso.

Durante a montagem dos slides, nos preocupamos em estruturá-los de maneira que os assuntos estivessem dispostos gradualmente. Ou seja, primeiro os conceitos iniciais e a partir daí, aprofundando no tema da aula. Dessa forma, os alunos puderam construir uma base de entendimento do início ao fim da apresentação, sem se perder durante o processo. Partir do simples para o complexo, auxilia na preparação e estruturação da cognição (Ausubel, 2009) do discente, fomentando a aprendizagem cada vez mais significativa.

Escolha da metodologia de ensino

Depois de debatermos, durante algumas aulas, sobre as metodologias de ensino, inclusive usando toda a nossa criatividade para construir um trabalho sobre elas, chegou a nossa vez de aplicá-las. Ocorre que, como você já deve saber, essa construção foi feita por dois. Dois seres humanos diferentes, com perfis e personalidades também diferentes. Logo, a grande missão era construir a nossa metodologia respeitando as nossas diferenças, porém promovendo a harmonia, que, para nós, era imprescindível.

Embora eu tenha a predileção por abrir a roda de conversa e promover a interação aluno-professor, Laila prefere se manter no controle, não abrindo muito para interação e perguntas durante suas explicações. Isso é compreensível, uma vez que, quanto menor forem as intervenções, maior será o controle sobre a situação e ter esse domínio é uma grande ajuda com o nervosismo avassalador que nos toma em uma situação de exposição. Nesse sentido,

[4] Isso contribui com a efetividade desse recurso, deixando-o mais sucinto e compreensível.

propusemo-nos a aplicar, de forma alternada, a metodologia tradicional e a participativa.

Desse modo, foi possível construir uma aula leve, na qual nós podemos nos completar e balancear a dinâmica o tempo todo. Nossa preocupação nunca foi o aspecto quantidade, mas sim a qualidade do conteúdo que conseguimos trabalhar em 50 minutos. Este aspecto da relação entre conteúdo e tempo é uma das demandas prementes do plano de aula. Assim sendo, posso dizer, imensamente satisfeito, que conseguimos. Conseguimos, explicar, dialogar, brincar e debater tudo o que queríamos para aquela aula.

O plano de aula

UNIVERSIDADE xxxxxxxxxxxxx
Curso: Ciências Contábeis
Componente curricular: Auditoria geral
Duração: 50 minutos – Unidade: III
Docentes: Caio Almeida e Laila Dias

Plano de aula

Tema/Conteúdo: Auditoria do Ativo Imobilizado

Objetivo Geral: Compreender os conceitos e critérios indispensáveis para Auditoria do Ativo Imobilizado.

Objetivos Específicos:
1) Conceituar Auditoria;
2) Conceituar Ativo;
3) Conceituar Ativo Imobilizado no que tange à/ao:
- Valor Contábil;
- Valor Depreciável;
- Depreciação;
- Valor recuperável;
- Valor Residual;

- Vida útil;
4) Reconhecer o custo de um ativo imobilizado abarcando:
- Custos Iniciais;
- Custos Subsequentes;
5) Compreender sobre a mensuração do custo do Imobilizado;
6) Mensurar um ativo imobilizado após o reconhecimento utilizando:
- Método de Custo
- Método da reavaliação;
7) Relacionar os critérios de Depreciação do bem imobilizado conforme:
- Valor depreciável e período de depreciação
- Método de depreciação
8) Relacionar os métodos do teste de *impairment:*
- Valor justo líquido de despesa de venda
- Valor em uso
9) Reconhecer as Baixas do bem imobilizado

Desenvolvimento da aula					
	Ação	**Procedimentos metodológicos**	**Tempo**	**Recursos**	**Observação**
1	Breve recepção dos discentes.	Aguardar a chegada dos discentes com a apresentação da capa do slide e músicas.	+/- 5 min	Slides e projetor	Laila
2	Contextualização	Explicar o conceito de auditoria (interna e externa)	+/- 5 min	Slides e projetor	Laila
3	Explicação	Falar sobre Ativo no geral e Ativo Imobilizado segundo o cpc 00 e 27	+/- 5 min	Slides e projetor	Laila

4	Recapitulação	Retomar sucintamente a ideia do conceito do Ativo.	+/- 5 mi	Slides e projetor	Caio
5	Provocação	Provocar a turma a refletir quanto à imagem apresentada.	+/- 5 min	Slides e projetor	Caio
6	Discussão	Debater a "intenção" na perspectiva contábil.	+/- 5 min	Slides e projetor	Caio
7	Provocação	Provocar os alunos acerca dos conhecimentos deles sobre a operação da Localiza.	+/- 5 min	Slides e projetor	Caio
8	Simulação	Simular lançamentos contábeis.	+/- 5 min	Slides e projetor e quadro branco	Caio
9	Indagação	Indagar sobre os motivos de se realizar a depreciação e explicá-los.	+/- 3 min	Slides e projetor	Caio
10	Diferenciação	Promover a distinção da depreciação fiscal para depreciação contábil	+/- 5 min	Slides e projetor	Caio
11	Definição	Retratar e explicar a finalidade do teste de recuperabilidade, de acordo com o CPC 01.	Se der tempo	Slides e projetor	Caio

12	Teste	Trabalhar, por meio de uma questão de concurso, os aspectos da depreciação.	Se der tempo	Slide, projetor	Caio
13	Teste "lúdico"	Trabalhar, por meio de um jogo de tabuleiro virtual, questões que destacam os assuntos da aula, em clima de competição entre duas equipes.	+/- 15 min	Slide, projetor, dado e prêmio	Caio, Laila e a turma

Avaliação:

Apresentação de um Tabuleiro que será manipulado por Laila. O Tabuleiro possui 20 casas devidamente enumeradas. O jogo será operado por duas equipes. Uma equipe por vez lançará um dado que ao cair definirá qual casa a equipe alcançará com a jogada, mas, para isso, a equipe terá de ser capaz de responder à pergunta atrelada à casa alcançada. Caso contrário, a equipe regressará ao número de casas sorteada. O objetivo é que de forma divertida nós possamos perceber se o conteúdo dado em aula foi suficiente para a compreensão dos alunos. Caso haja dificuldades em resolver as questões do jogo, o tema deve ser retrabalhado.

Referências:

Básicas:

ALMEIDA, Marcelo Cavalcante. Auditoria: Um curso moderno e completo. 8ª ed. São Paulo, Atlas, 2019.

ATTIE, William. Auditoria: Conceitos e Aplicações. 9ª ed. São Paulo, Atlas, 2018.

Complementares:
BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento Técnico CPC 27 (R1). **Dispõe sobre o Ativo Imobilizado, aprovado pela Resolução CVM nº 73, de 22 de março de 2022.** Disponível em: https://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=58. Acesso em: 30 abr. 2024.
BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento Técnico CPC 01 (R1). **Dispõe sobre a Redução ao Valor Recuperável de Ativos, aprovado pela Resoluçao CVM nº 90, de 20 de maio de 2022**. Disponível em: http://https: http://https://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=58. Acesso em: 30 abr. 2024.

Atividade e avaliação

Nós escolhemos um jogo de ludo na expectativa de que, de forma divertida e com o intuito de promover um clima de competição saudável, pudéssemos trabalhar algumas questões que envolvessem o tema escolhido para a aula, no caso "Auditoria do Ativo Imobilizado". Contudo, infelizmente, nem tudo saiu como esperado, apesar da atividade com "aspectos de brincadeira" ter sido muito interessante.

No planejamento da tarefa, elencamos uma pergunta para cada casa do Tabuleiro que tinha 20 casas pré definidas. No entanto, nos esquecemos de que a mesma casa poderia ser sorteada mais de uma vez, visto que, havia duas equipes (Quadrada e Coração), e nesse processo a mesma pergunta seria repetida e essa equipe já saberia a resposta.

Essa falha fez com que nós tivéssemos que partir para um plano B, trazendo uma outra questão quando uma equipe atingir a mesma casa e já sorteada por outra equipe. Esse foi um processo que custou um tempo e de certa forma um rearranjo, mas no final concluímos um jogo com a equipe Coração como ganhadora.

Referências

AUSUBEL, David Paul. **Adquisición y retención del conocimiento:** una perspectiva cognitiva. Cognición y desarrollo humano. Barcelona: Paidos Iberica Ediciones S A, 2009.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento Técnico CPC 27 (R1). Dispõe sobre o Ativo Imobilizado, aprovado pela Resolução CVM nº 73, de 22 de março de 2022. Disponível em: https://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=58. Acesso em: 30 abr. 2024.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. Comitê de Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamento Técnico CPC 01 (R1). Dispõe sobre a Redução ao Valor Recuperável de Ativos, aprovado pela Resolução CVM nº 90, de 20 de maio de 2022. Disponível em: http://https: http://https://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=58. Acesso em: 30 abr. 2024.

Capítulo 5: A sala de aula silenciosa: A falta de participação no processo de aprendizagem

Raíssa Carvalho[1]
Rian Santos[2]

"A educação é o nosso passaporte para o futuro, pois o amanhã pertence às pessoas que se preparam hoje." - Malcolm X

A escolha da matéria

No âmbito escolar-estudantil, nós, discentes, curiosamente, estamos sempre ansiosos para uma nova fase, seja ela o início do Fundamental, Ensino Médio ou Superior. O anseio pela formação como profissional torna-se realidade por toda essa caminhada, sendo mais presente e denso durante o ensino superior, o que acarreta, consequentemente, a não-vivência do ambiente e iniciativas acadêmicas. Deste modo, com toda entrega e expectativa trazidas do ensino básico, nos tornamos cada vez mais suscetíveis às frustrações com relação ao curso, mercado, docentes e o próprio rendimento acadêmico. Partindo de um recorte para com a docência, muitas das vezes, os discentes são inundados com sentimentos de expectativas por uma disciplina, principalmente por estar, em tese, estudando/aprendendo o que seu corpo profissional projeta exercer.

Fazendo uso da expressão *do 'outro lado do balcão'*, nós, discentes do Curso de Ciências Contábeis, sob orientação da Profª Drª Márcia Mineiro por meio da disciplina de Tópicos

[1] Estudante de Ciências Contábeis do 7º semestre em 2024-1 e-mail:raissacarvgon2@gmail.com
[2] Estudante de Ciências Contábeis do 7º semestre em 2024.1 riaan994.santos@gmail.com

Contemporâneos de Contabilidade (TCC), experimentamos assumir o papel da docência, desde sua preparação a ser posta em prática - aula dada. Tal experiência permitiu entender e compreender as adversidades e dificuldades defrontadas pelos professores no ensino e na preparação do conteúdo, que, até o momento, em sala de aula, em litígio dos colegas pela disciplina, haviam sido expostas somente as frustrações e dificuldades enfrentadas pelos discentes.

Com a necessidade e provocação feita pela professora - *Qual a aula que eu gostaria de ter?* - um olhar mais minucioso para com a preparação das etapas que antecedem a ensinança do conteúdo em sala de aula foi desenvolvido.

Acabamos por perceber que não é apenas entrar e ensinar o conteúdo, existe portanto, uma complexidade que envolve a elaboração de um plano de ensino, do plano de aula e a escolha de recursos didáticos para uso com os discentes. De antemão, fica percebido que não são todos docentes que possuem esse cuidado na preparação da aula a ser ministrada.

A vivência da matéria

Em conversa com os discentes do curso de contábeis, é notório a projeção e apreciação de uma fração considerável dos alunos do curso para a execução da técnica de auditoria, consequentemente, uma formação para Auditor. Deste modo, a disciplina de Auditoria Geral desperta grandes expectativas entre os estudantes. Contudo, o risco de grandes expectativas e entusiasmo por algo é a frustração na mesma proporção. Nem sempre temos aula com o professor titular da matéria, que pode estar licenciado para estudos, ou por outras questões. Às vezes o substituto, por não ter a expertise do assunto e o traquejo do componente curricular, acaba decepcionando bastante.

Em nosso caso, as expectativas foram frustradas por uma abordagem, por algumas vezes, monótona e desinteressante, tendo como base uma metodologia tradicional, sem a participação efetiva

dos discentes em discussões e em atividades práticas da técnica/disciplina.

Para além deste impasse, pouco foi valorizado o esforço e desenvolvimento individual dos alunos, isso, por meio de avaliações que não demonstravam o barema, será que avaliavam imparcialmente e de forma adequada o conhecimento destes alunos?.

Parte do aprendizado obtido neste período foi decorrente de exposições, discussões e apresentações realizadas por outros colegas através de trabalho acadêmico. Deixando, portanto, evidente um déficit no processo de ensino-aprendizagem, no qual a "*transferência*" e abordagem de conhecimento referente à disciplina recaiu nos próprios discentes. Essas vivências expõem a necessidade de análise e reformulação na maneira com que a disciplina é lecionada, buscando desta maneira, um ensino mais exitoso e envolvente aos futuros profissionais contábeis, principalmente àqueles com projeção na realização e execução da Auditoria.

Os problemas pedagógico-didáticos vividos nas matérias do curso

É perceptível em nossa universidade discentes, mais precisamente em nosso curso, que exercem dupla jornada em seu dia: durante o dia no trabalho/estágio e à noite em sala de aula. Ao final do dia, o ambiente acadêmico tende a ser extremamente estressante e cansativo, dificultando a absorção do conteúdo lecionado. Dessa maneira, torna-se de extrema importância a necessidade de um local e de práticas acolhedoras e menos estressantes. No entanto, há uma série de problemas pedagógico-didáticos que impactaram significativamente o aprendizado e o envolvimento dos alunos.

Um dos impasses encontrados nessa jornada universitária, é a barreira entre professor e alunos. Lamentavelmente, esta vem

sendo uma realidade a qual dificulta uma maior interação e consequentemente, a troca de ideias e saberes. Acarreta-se, portanto, uma falta de interesse por parte dos alunos, pois se sentem desencorajados e apreensivos a participar ativamente das aulas. Por hipótese, atribuímos essa adversidade talvez a uma relativa postura de superioridade docente, no momento em que o educador se põe numa posição superior à dos alunos, não fazendo uso da participação dos discentes, acaba sendo criado um ambiente onde os estudantes não se sentem valorizados.

Algumas vezes, percebemos que a correção de alguns trabalhos é controversa, como se os critérios para a atribuição quantitativa da nota fosse diferente - uma mesma resposta dada por diferentes alunos recebe notas diferentes, por exemplo - nesses casos depreendemos que: ou o critério não é uniforme ou não há esse critério.

A plataforma Google - recurso implementado pela nossa universidade durante o ensino remoto e que permanece vigente, oferece ao professor um sistema de "rubrica" que nada mais é do que uma tentativa de padronizar minimamente a atribuição de notas durante a correção de atividades, permitindo um retorno informacional de melhor qualidade para o discente além de minimizar situações como essa que em algumas matérias são vivenciadas em sala de aula.

Independentemente de ser na plataforma Google ou não, é plenamente possível que nossas(os) professoras(es) criem e informem quais são os pontos que receberão atenção e "pontuação", ou seja, um barema.

Lamentavelmente, a falta de critérios bem delineados resultam na invalidação de esforços de discentes do curso, prejudicando dessa maneira, o progresso acadêmico e impactando diretamente em sua autoestima. Acreditamos que também faça parte do trabalho didático de avaliação: dispor e informar os critérios quantitativos para aferição da nota.

Essa invalidação de esforços parte principalmente da escolha inadequada de materiais: os quais podem ser ultra densos

e de difícil interpretação, pode ser um grande obstáculo para o aprendizado efetivo, pode sobrecarregar os alunos e dificultar a compreensão dos conceitos apresentados em sala de aula. Esses problemas pedagógico-didáticos são desafiadores e requerem uma abordagem reflexiva por parte dos educadores e instituições de ensino para promover um ambiente mais inclusivo, colaborativo e estimulante para os estudantes universitários.

O plano de curso

<table>
<tr><td colspan="3">UNIVERSIDADE XXXXXXXXXX</td></tr>
<tr><td colspan="3">PLANO DE CURSO</td></tr>
<tr><td colspan="3">Professor(a): Raissa Carvalho e Rian Santos</td></tr>
<tr><td colspan="2">Componente Curricular: Auditoria geral</td><td>Código: xxxxxx</td></tr>
<tr><td>Carga Horária: 60H</td><td>Créditos: xxxxx</td><td>Período: 2024.1</td></tr>
<tr><td colspan="3">EMENTA</td></tr>
<tr><td colspan="3">Campo de atuação e marco legal da Auditoria. Classificações, princípios, normas e técnicas de auditoria. Controles internos. Planejamento, execução e avaliação dos trabalhos. Papéis de Trabalho. Pareceres e relatórios de auditoria. Atribuições e responsabilidades do auditor. Auditoria interna e externa.</td></tr>
<tr><td colspan="3">OBJETIVO GERAL</td></tr>
<tr><td colspan="3">Ao final do curso, os alunos serão capazes de assimilar os conhecimentos técnicos necessários para o desenvolvimento do raciocínio lógico exigido na execução de trabalhos de auditoria.</td></tr>
<tr><td colspan="3">OBJETIVOS ESPECÍFICOS</td></tr>
<tr><td colspan="3">a) Conceituar auditoria e seus procedimentos
b) Explicar as finalidades da auditoria.
c) Preencher papéis de trabalho
d) Classificar princípios normas e técnicas de auditoria
e) Executar papéis de trabalho e relatórios</td></tr>
<tr><td colspan="3">CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</td></tr>
<tr><td colspan="2">I UNIDADE
1) Considerações introdutórias;
a) Histórico
b) Conceituação,
c) objetivos,</td><td>II UNIDADE
1) Normas de auditoria
2) Evidências de auditoria
3) Papeis de trabalho
4) Auditoria do Ativo</td></tr>
</table>

d) finalidades, 2) regulamentação do exercício profissional, a) condições para o exercício da função, b) formas de auditoria 3) Tipo de auditoria Ética profissional a) responsabilidade do auditor Controle Interno 4) Planejamento Normas Avaliação I	Avaliação II III UNIDADE 1) Auditoria do Passivo 2) Auditoria do Patrimônio Líquido 3) Relatórios de auditoria Avaliação III

METODOLOGIA DE ENSINO
A metodologia adotada será ativa e colaborativa, combinando exposições teóricas do professor com atividades práticas que incentivam a participação e o diálogo constante entre os alunos, promovendo um aprendizado mais dinâmico e interativo.
RECURSOS DIDÁTICOS
Para alcançar os objetivos definidos, serão utilizados os seguintes recursos: Exposição com slides; quadro branco; pincéis; Dinâmicas em grupos, a partir de jogos online em plataformas adaptadas à aula; interações com vídeos no youtube, entre outros.
AVALIAÇÃO
Os instrumentos usados ao longo do curso para avaliar a aprendizagem dos alunos serão: testes objetivos e dissertativos, atividades individuais e em grupo. Todo conteúdo terá sua avaliação própria e elas estão classificadas em: Participação (peso 30%) e Avaliativa (peso 70%).

CRONOGRAMA	
N.	**Assunto planejado:**
Aula 1	Apresentação da matéria, levantamento de expectativas e sondagem do nível da turma
Aula 2	Introdução à Auditoria: Definição e objetivos de auditoria
Aula 3	Introdução à Auditoria: Tipos de auditoria (interna, externa, governamental, etc.) e importância desta nas organizações
Aula 4	Normas e Regulamentos de Auditoria: Normas de auditoria interna (IPPF), Normas Internacionais de Auditoria (ISAs)
Aula 5	Normas e Regulamentos de Auditoria: Regulamentos locais e internacionais relevantes
Aula 6	Ética e responsabilidade profissional

Aula 7	Avaliação de Controles Internos: Importância e tipos de controles internos
Aula 8	Planejamento da Auditoria:Cronograma de auditoria, equipe de auditoria e recursos necessários
Aula 9	Planejamento da Auditoria: fases do planejamento da auditoria e avaliação de risco e materialidade
Aula 10	Atividade avaliativa I unidade
Aula 11	Evidência de Auditoria: Conceito e fonte de evidência de auditoria
Aula 12	Evidência de Auditoria: Qualidade e métodos de obtenção da evidência de auditoria
Aula 13	Documentação de Auditoria: Importância e requisitos da documentação
Aula 14	Estrutura dos papeis de trabalho e retenção de documentos de auditoria
Aula 15	Auditoria de Ativos: Auditoria de disponível
Aula 16	Auditoria de Ativos: Auditoria do Contas a receber
Aula 17	Auditoria de Ativos: Auditoria de Estoques
Aula 18	Auditoria de Ativos: Auditoria do Imobilizado
Aula 19	Auditoria de Ativos: Auditoria de Investimentos
Aula 20	Atividade avaliativa II unidade
Aula 21	Auditoria de Passivos: Contas a pagar
Aula 22	Auditoria de Passivos: Empréstimos e financiamentos
Aula 23	Auditoria de Passivos: Provisões e contingências
Aula 24	Auditoria do Patrimônio Líquido: Capital Social e Reservas
Aula 25	Auditoria do Patrimônio Líquido: Lucros ou Prejuízos Acumulados e Outros Componentes
Aula 26	Auditoria do Patrimônio Líquido:
Aula 27	Relatórios de Auditoria
Aula 28	Estudos de Caso e Discussão de Tópicos Avançados
Aula 29	Estudos de Caso e Discussão de Tópicos Avançados
Aula 30	Avaliação III unidade

REFERÊNCIA BÁSICA
ALMEIDA, M. C. Auditoria, um curso moderno e completo. 9ª. ed. São Paulo: Atlas, 2019 ATTIE, W. Auditoria conceito e aplicações. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

ATTIE, W. Auditoria interna. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
LONGO, Claudio Gonçalo, Manual de auditoria e revisão de demonstrações financeiras. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014

Preparação da aula

Qual a aula que eu gostaria de ter? responder essa pergunta foi um pouco difícil e trabalhoso na tentativa de executar todas as ideias tidas. A elaboração da aula da disciplina de Auditoria Geral propôs um desafio pouco trabalhoso para os discentes que naquele momento viriam a ser professores, incentivando e estimulando um pensamento crítico e didático, demandando dedicação e criatividade para como seria trabalhado o suposto conteúdo em sala de aula. Nós, alunos que, naquele momento assumimos o papel da docência, tínhamos conhecimento e consciência da necessidade de tornar o momento da aula mais participativa e envolvente, ligando-se ao fato do conteúdo ser por natureza teórico e denso, que naturalmente tendem a ser cansativos, mas necessários. Desde a idealização da aula, o objetivo era garantir que os alunos pudessem assimilar o conteúdo ali passado de maneira eficaz, sem que a aula se tornasse cansativa, monótona, densa ou excessivamente tradicional.

Objetivando alcançar essas ideias, foi pensado e utilizado de uma abordagem mais lúdica e participativa. A confecção dos *slides* foi minimamente pensada para atender um material teórico bem estruturado e de fácil entendimento que por sua vez, apresentaria o conceito, características e métodos da "Auditoria de Disponíveis", sendo esse *slide* posteriormente, ao final da aula, transformado em um mapa mental disponibilizado para os discentes.

No decorrer da aula, visamos explorar a interatividade e a integração de um *slide* mais harmonioso, que não apenas ilustrava os conceitos de forma visualmente atrativa, mas também proporcionasse uma experiência de aprendizado mais imersiva com base em tópicos que seguem um fluxograma do conteúdo, facilitando o entendimento. Utilizamos desenhos criados

anteriormente em uma sessão do jogo GARTIC[3] - Telefone Sem Fio, que tratavam especificamente do tema abordado com frases que seriam ilustradas pelos próprios discentes, transformando-os em anexos detalhados para enriquecer a explicação no *slide* referente aos métodos da Auditoria de Disponíveis.

Chegando ao fim dessa experiência como docente, fortalecemos e retomamos o aprendizado disponibilizando aos alunos um mapa mental o qual originou-se das lâminas do *slide* que trazia em seu escopo os principais pontos discutidos naquela aula, possibilitando que os discentes tivessem uma visão geral como uma espécie de resumo, facilitando posteriormente a revisão do conteúdo. Esses métodos utilizados como auxílio para realização da aula permitiram o entendimento de forma mais detalhada do conceito de Auditoria de Disponíveis, ademais incentivaram também, a participação ativa dos estudantes ao longo de toda a aula.

Mediação Didática Lúdica no Ensino Superior

Se tratando da aprendizagem a didática lúdica desempenha um papel essencial no contexto, servindo como um canal de ensino entre docente e discente, isso porque, trata-se uma linguagem estruturante que faz com que o aprendizado seja mais envolvente e estimulante para os professores e alunos.

Visando que as pessoas se sintam mais em plenitude e consequentemente as aulas se tornem cada vez mais atraentes e eficazes, é necessário fazer uso de estratégias e métodos que estimulem a maior participação dos alunos, uma participação ativa. Seguindo nessa seara, a utilização de *quiz*[4] durante as aulas sobre o

[3] é um jogo de adivinhação de desenhos online para computador, cujo objetivo é tentar adivinhar o que outros jogadores estão desenhando. Em cada rodada, uma pessoa diferente fica responsável por criar o desenho, que varia de acordo com o tema escolhido. (Bjiora, 2018)

[4] Vem do inglês "questionário", trata-se de um jogo de perguntas e respostas cujo objetivo é testar o conhecimento dos participantes sobre determinado assunto (Só escola, 2024)

referido conteúdo, a utilização de jogos lúdicos e didáticos (jogos educativos), tecnológicos ou analógicos, assim como, o incentivo à prática de atividades que geram uma interações em grupo, ou da turma como um todo, são práticas necessárias e que, por sua vez, corroboram de maneira efetiva com o processo de aprendizado dos estudantes.

Esses métodos de ensino e essas atividades potencialmente lúdico-pedagógicas realizadas em sala de aula incentivam o pensamento crítico por meio da troca de vivências e conhecimentos, ajudando também a criar um ambiente colaborativo e mais acolhedor, no qual os discentes possam se envolver com o conteúdo causando uma maior assimilação deste. Ao implementar esses métodos, os docentes, por sua vez, tendem a fazer com que suas aulas resultem em experiências mais dinâmicas, interativas e leves, favorecendo, assim, um aprendizado mais profundo e significativo.

Escolha da metodologia de ensino

Existem muitas perspectivas diferentes sobre como os professores e os alunos desempenham um papel no processo de construção do conhecimento. O termo "metodologia de ensino" refere-se ao conjunto de técnicas e processos que visam fornecer formação aos alunos em áreas de conhecimento específicas (Araújo, 2017). Desta forma, a metodologia utilizada foi a participativa, na qual há exposição do professor e diálogo com a classe.

O plano de aula

UNIVERSIDADE XXXXXXXXXX
Curso: Ciências Contábeis
Componente curricular: Auditoria Geral
Duração: 50 minutos – Unidade: II, aula 5
Docentes: Raissa Carvalho e Rian Santos

Plano de aula

Tema/Conteúdo: Introdução a Auditoria e auditoria dos Disponíveis

Objetivo Geral: Conhecer o que é e como é feita a auditoria dos disponíveis

Objetivos Específicos: 1) Conceituar auditoria e seus procedimentos; 2) Explicar as finalidades da auditoria; 3) Aprender o devido preenchimento dos papéis de trabalho

Avaliação:

A apresentação do jogo e de como funcionará, se dará por Rian Santos. Serão Separadas 2 duplas, cada uma receberá um dos procedimentos de auditoria para que seja desenhado de forma que a outra dupla descubra o que é, após feitos, os desenhos são expostos no slide, cujo intuito é que os alunos descubram, a partir dos desenhos, quais são os procedimentos. O objetivo é que de forma divertida nós possamos perceber se o conteúdo dado em aula foi suficiente para a compreensão dos alunos. Caso haja dificuldades na compreensão, o tema deve ser retrabalhado.

Desenvolvimento da aula					
	Ação	**Procedimentos metodológicos**	**Tempo**	**Recursos**	**Observação**
1	Recepção dos alunos e organização da turma	Iniciar com a recepção dos alunos, enquanto se ajeitam em seus lugares	5′		Raissa Carvalho e Rian Santos
2	Início da exposição do assunto a ser tratado	Relembrar o que foi abordado na última aula Iniciar a exposição do tema da aula (auditoria dos disponíveis) Explicar as principais áreas de	15′	slide e exposição oral	Rian Santos

		foco da auditoria de disponíveis Apresentar e responder questões sobre o que tema que acabara de ser tratado ressaltar também os objetivos da auditoria dos disponíveis			
3	Dinâmica para ap deresentação dos procedimentos da auditoria	Trabalhar, por meio de um jogo de desenho virtual (Gartic Phone), questões que destacam os assuntos da aula, em clima de competição entre duas equipes	15′	jogo virtual e slide	Raissa Carvalho e Rian Santos
4	Explicação e finalização da aula	A partir dos desenhos feitos pelos alunos, no jogo, será explicado os procedimentos da auditoria Finalizar com os papeis de trabalho	15′	slide	Raissa Carvalho

Referências:

Básicas:

ALMEIDA, M. C. **Auditoria, um curso moderno e completo**. 9ª. ed. São Paulo: Atlas, 2019

ATTIE, W. **Auditoria conceito e aplicações**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2018

ATTIE, W. **Auditoria interna**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007

LONGO, Claudio Gonçalo. **Manual de auditoria e revisão de demonstrações financeiras**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014

Atividade e avaliação

Com o intuito de avaliar o grau de compreensão da turma após a explanação dos conteúdos, propusemos uma atividade que envolvia a participação ativa dos alunos por meio de um jogo educativo e interativo. Utilizamos o GARTIC, um jogo que permite ilustrar conceitos de maneira potencialmente lúdica, no qual os alunos foram convidados a desenhar e explicar aspectos da Auditoria de Disponíveis, com o auxílio de um fluxograma apresentado no slide da aula. Essa atividade teve como objetivo engajar os alunos de forma divertida e ao mesmo tempo educativa, promovendo a interação entre os colegas e facilitando a assimilação do conteúdo de forma visual e prática.

Observamos que, ao longo da atividade, a turma mostrou-se bastante participativa e motivada, o que contribuiu para um ambiente de aprendizado mais dinâmico e colaborativo. O uso do mapa mental, ao final, permitiu que os alunos tivessem uma visão consolidada e resumida do conteúdo abordado, reforçando o que havia sido discutido durante a aula. A experiência foi positiva e trouxe um retorno valioso, pois, apesar de alguns momentos de apreensão, conseguimos manter o ritmo da aula e alcançar o objetivo de torná-la mais envolvente e menos exaustiva, considerando a natureza teórica e densa da disciplina.

No entanto, reconhecemos que ainda há pontos a serem aperfeiçoados. A questão do tempo, por exemplo, poderia ter sido melhor gerida para garantir que todos os tópicos fossem abordados de maneira mais pausada e compreensível. Também aprendemos que a interação com a turma precisa ser mais contínua e menos pontual, garantindo que todos se sintam envolvidos e possam contribuir de maneira mais efetiva. Embora tenhamos alcançado um bom resultado, sabemos que a experiência em sala de aula nos ensina que, para sermos docentes mais completos, precisamos estar sempre abertos ao *feedback* dos alunos e às necessidades do momento, adaptando as estratégias conforme a situação. A vivência nos proporcionou, sem dúvida, uma nova perspectiva

sobre o papel do professor e os desafios da docência, despertando em nós a responsabilidade de buscar sempre formas mais eficazes de ensino para o futuro.

Referências

ARAÚJO, José Carlos S. Da metodologia ativa à Metodologia participativa. *In*: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. **Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017. p. 17–54.

BIJORA, Helito. **Gartic:** como usar o jogo de desenhar online. [*S. l.*], 2018. Disponível em: https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/06/gartic-como-usar-o-jogo-de-desenhar-online.ghtml. Acesso em: 19 jul. 2024.

SÓ ESCOLA. O que é quiz. *In*: 20 jun. 2024. Disponível em: https://www.soescola.com/glossario/o-que-e-quiz. Acesso em: 19 jul. 2024.

Capítulo 6: Percepções e Experiências: Perspectivas de uma aula inclusiva

Thayná Lima[1]
Danilo Sampaio [2]

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo"
(Nelson mandela)

A escolha da matéria

No Ensino Superior, inclusive de Contabilidade, observa-se que determinadas matérias são pré-requisitos para outras, ou seja, é fundamental que o aluno tenha um aprendizado sólido e adequado nas matérias base, para que possa dar prosseguimento de forma plausível no decorrer do curso de Contabilidade. A exemplo, o componente curricular Contabilidade de custos para sua compreensão, precisa-se ter uma base sobre custos e aquela matéria é base para outras disciplinas como Análise de Custos, Contabilidade Gerencial. No entanto, muitas vezes, no decorrer do semestre a matéria base é negligenciada, mal lecionada, em razão da ausência de planejamento de aula adequado. Portanto, realizar um planejamento para o aluno, ou seja, programar suas ações e materiais para que o discente realize avaliações periódicas para testar seu aprendizado etc "e programar sua ações e materiais para que o discente alcance o aprendizado na matéria e assuntos, realizar avaliações periódicas para testar o aprendizado do aluno, etc."

[1] Estudante de Ciências Contábeis do 9° semestre em 2024-1 e-mail: thayna.assessoria.contabilidade@gmail.com
[2] Estudante de Ciências Contábeis do 9º semestre em 2024-1 e-mail: dansampaio4@gmail.com

Nesse sentido, para o processo de aprendizado é fundamental o professor ter uma flexibilização em saber lidar com as realidades diferentes de aprendizado trazidas e apresentadas pelos alunos individualmente para o sucesso da construção do conhecimento. Na Educação existem diversas formas e maneiras de aprendizagem, cada uma com suas peculiaridades, ou seja, as pessoas têm seu momento e estilo próprio para assimilar o conhecimento. Atrelado a isso há os elementos conjunturais (de ordem sócio-econômico-histórico-cultural) bem como, elementos de ordem biológica. Justamente nesses elementos residem componentes que possibilitam pensar uma Educação que contemplem as diferenças individuais. Voltada para atender e acolher às necessidades e subjetividades dos indivíduos. O professor não deve ser um mero "transmissor de conhecimento", ele deve ser um mediador entre aluno e o conhecimento, ter o papel crucial de instigar o aluno a buscar e produzir o conhecimento de forma ativa e participativa. Procurar avaliar o aprendizado do aluno, se realmente, o objetivo do que estava planejado foi alcançado, feito através de avaliações, seja no momento da aula ou posteriormente.

A matéria, no decorrer do semestre, nos ajudou a identificar os "gargalos" presentes no Ensino Superior, qual o real papel do docente em sala de aula, o papel do discente, os tipos de aprendizado e metodologias de ensino foram fundamentais para conhecê-los. As limitações apresentadas no curso mostram que há necessidade de investir em formação docente e de um ambiente mais estruturado e acolhedor, e assim se faz necessário a preparação inicial do professor, perpassando todas as etapas de formação do aluno. Isso significa garantir o acesso e a permanência, independente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social. Ademais, um dos motivos para escolha da matéria seria compreender o funcionamento do ensino acadêmico em sala de aula, principalmente, envolvendo os discentes de Ciências Contábeis.

A vivência da matéria

Durante a vivência da matéria cursada no início do curso, observou-se a ausência de planejamento e cronograma, que era perceptível, com a dificuldade dos alunos assimilarem determinados conteúdos que eram pré-requisitos para compreensão de outras matérias, como análise de custos. Ademais, parece que não houve uma certa preocupação docente em produzir ou apoiar em materiais complementares fundamentais para o processo de aprendizagem dos alunos.

Os problemas pedagógicos-didáticos vividos nas matérias

Dentre os problemas pedagógico-didáticos em algumas matérias está a ausência de um planejamento de aula e cronograma elaborado pelo professor, a ausência de seguir a sequência da ementa no conteúdo programático, bem como, uma carência de disponibilidade de materiais por parte do professor para o aluno estudar. Além disso, observou-se a ausência de recursos didáticos produtivos como *slides*, quadro ou lousa digital para atender às realidades diversas de cada aluno, visto que, durante algumas aulas utiliza-se como recurso didático somente a fala e o excel.

Uma vez que a educação está além do pensamento, ela engloba sentidos, conecta e promove experiências no âmbito de inclusão. Os recursos supracitados são meras ferramentas pedagógicas que fragilizam e apresentam desafios que estão atrelados às funções cognitivas e/ou físicas do aluno provocados por situações de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o trabalho dos docentes é pensar a adaptação no processo de inclusão, políticas e práticas pedagógicas que atendam às necessidades do alunado.

O crescimento e a potencial propriedade de um sistema chamado *educação especial* tem se destacado pela inserção no campo educacional que se integra em um ambiente comum do caminho da

comunicação, e que contribui para a expansão do ensino superior no Brasil, isso é, favorecer uma transformação de métodos para a proposta pedagógica com políticas públicas que valorizam o indivíduo, colaborando com a inclusão e aceitação pela sociedade. Essa característica tem aberto portas e possibilidades ao oferecer experiências, ao integrar grupos especiais que têm especificidades que os diferenciam e que também os fazem semelhantes.

Plano de curso

O plano de curso a seguir foi desenvolvido por mim, elaboração própria, considerando a carga horária, os objetivos, além da ementa da disciplina. Além disso, o conteúdo programático foi colocado em sequência lógica dos conteúdos, dividido por unidades, distribuídos em atividades avaliativas e prova, visto que,para essa disciplina é fundamental ter esse tipo de avaliação. A metodologia adequada escolhida foi participativa, já os recursos didáticos seriam lousa, *slide*, apostilas ou materiais complementares.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)		
PLANO DE CURSO		
Professor(a):Thayná Lima		
Componente Curricular: Contabilidade de Custos		**Código: xxxx**
Carga Horária: 60 hrs	**Créditos:** 4	**Período:** V

EMENTA
Introdução: princípios básicos de custos, terminologias, sistemas de custos. Natureza de Contabilidade de custos e os conceitos básicos. Classificação dos custos. Materiais diretos, mão de obra direta, custos indiretos de fabricação. Modelos de custeio e apropriação. Contabilização.

OBJETIVO GERAL
Compreender os aspectos e mecanismo da Contabilidade de Custos, como terminologias, princípios, natureza, classificação e a contabilização de custos.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Assimilar os princípios básicos de custos, terminologia,

Identificar os sistemas de custos
Compreender a natureza da contabilidade de custos e conceitos básicos
Realizar a classificação de custo, métodos de custeio, apropriação e contabilização

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1° Unidade:
Terminologia
Princípios básicos de custos
Classificação dos custos
Materiais diretos
Mão de obra direta
Custos indiretos de fabricação
Sistemas de custos
2° Unidade
Natureza da Contabilidade de custos
Conceitos básicos
Método de custeio e apropriação dos custos.
3° Unidade
Contabilização dos custos

METODOLOGIA DE ENSINO

Tendo em vista, o teor da disciplina para que o aluno aprenda de forma a matéria, utilizará a metodologia participativa.

RECURSOS DIDÁTICOS

Slides, lousa, apostilas ou materiais complementares.

AVALIAÇÃO

Como forma de avaliação do aprendizado do aluno, serão adotados: atividades em sala, com *feedback* imediato e com o acompanhamento do professor, bem como, atividades para casa e uma prova.

CRONOGRAMA

1° unidade: Introdução: terminologias, princípios, classificações e sistemas de custos
Aula 01: Introdução aos aspectos de custos e terminologias.
Aula 02: Princípios básicos de custos
Aula 03: Classificação dos custos
Aula 04: Materiais diretos, mão de obra direta, custos indiretos de fabricação.
Aula 05: Correção da atividade avaliativa para casa sobre terminologia, princípios e classificação de custos.
Aula 06: Sistemas de custos

Aula 07 Atividade avaliativa em sala sobre sistemas de custos com correção

2° unidade: Natureza da Contabilidade de Custos e Sistemas e Métodos de Custeio.
Aula 08: Natureza da Contabilidade de Custos e conceitos básicos
Aula 09: Atividade em sala sobre Natureza da Contabilidade de Custos e conceitos básicos e correção
Aula 10: Métodos de custeio e apropriação
Aula 11: Correção da atividade avaliativa para casa sobre Métodos de custeio e apropriação e revisão
Aula 12: Prova

3° unidade: Contabilização
Aula 13: Contabilização
Aula 14: Atividade em sala sobre contabilização e correção
Aula 15: Correção da atividade para casa sobre Contabilização
Aula 16: Revisão para a prova
Aula 17: Prova

REFERÊNCIA BÁSICA
SANTOS, Marinéia Almeida dos, Contabilidade de Custos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
DUTRA, Onei Tadeu, **Contabilidade de Custos**, Universidade do Sul de Santa Catarina, livro didático - 4° edição Revista e Atualizada, Palhoça, 2017. MARTINS, Eliseu, **Contabilidade de Custos**, Faculdade de Administração, Economia, Contabilidade da Universidade de São Paulo, Livro - 9° edição, Editora Atlas S.A, São Paulo, 2003.

Preparação da aula

A aula foi preparada tendo como base o conteúdo programático, considerando também o tempo de aula de 50 min e o nível do conteúdo, visto que, conteúdos conceituais podem ser mencionados em uma única aula, já conteúdos complexos precisam de aulas fracionadas para que o aluno assimile bem a matéria. Além disso, preocupou-se que durante a aula fossem feitas avaliações imediatas para que o aluno pudesse mediar a evolução na matéria

e o professor verificar o aprendizado do aluno, que é imprescindível.

Mediação Didática Lúdica no Ensino Superior

A mediação didática lúdica é imprescindível no ensino superior a fim de que o aprendizado para o discente seja de forma atraente. Nesse sentido, trazer questões durante a aula, jogos didáticos e interação em grupo é fundamental no processo de aprendizagem do aluno.

Nesse intuito pode-se destacar a criatividade e ludicidade como estratégia de comunicação. As mesmas podem ser entendidas como uma necessidade que proporciona integração e possibilitam a incorporação de valores, desenvolvimento cultural, assimilação de novos conhecimentos, desenvolvimento da sociabilidade e da criatividade. Desse modo, entende-se que a conscientização se extrai não apenas dos modos convencionais, mas que existem diversas maneiras de se desenvolver e se fazer entender o processo do espaço para pensar em educação.

Uma das concepções da escola inclusiva reside em reconhecer que a educação é um processo que promove o desenvolvimento e as potencialidades, bem como, com a viabilidade que é a necessidade de inclusão no sistema regular de educação. Isso significa garantir o acesso e a permanência independente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social.

A exemplo dessa mediação, a aula promovida por nós se preocupou com a acessibilidade dos materiais a pessoas com baixa visão. Desta forma, slides, textos e atividades foram redimensionadas para melhor visualização servindo como instrumento de apoio didático. Ao perceber que os materiais estavam adaptados, foi possível depreender que os alunos na condição de pessoas com deficiência, sentiram-se mais valorizadas, estando em condições de igualdade para com as pessoas sem baixa visão, em relação ao material empregado pelo professor. Dessarte,

aqueles discentes sentiram-se pertencentes, incluídos, inteiros, ou seja, lúdicos.

Escolha da metodologia de ensino

A escolha de uma metodologia de ensino é crucial para atingir o aprendizado do aluno. Nesse sentido, para a matéria de Contabilidade de Custos a metodologia que julguei ser mais adequada foi participativa, pois, o aluno não será apenas um ouvinte, mas sim, participante de forma ativa na assimilação do conteúdo, o que contribui de forma produtiva no seu aprendizado.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
Curso: Ciências Contábeis
Componente curricular: Contabilidade de Custos
Duração: 50 minutos – Unidade: I
Docentes: Thayna de Jesus Lima e Danilo dos Santos Sampaio

PLANO DE AULA

Tema/Conteúdo: Introdução aos aspectos de custos, terminologias, princípios básicos.

Objetivo Geral: Compreender as terminologias e princípios da contabilidade de custos.

Objetivos Específicos:
1) Conhecer terminologias;
2) Conceituar custos e sua aplicação
3) Diferenciar os princípios da contabilidade de custos e sua aplicação.

Desenvolvimento da aula					
	Ação	**Procedimentos metodológicos**	**Tempo**	**Recursos**	**Observação**
1	Saudar os alunos e posicionar o equipamento de aula.	1 Ao entrar na sala, saudar os alunos com um	2min	A voz	

		boa noite, ligar o equipamento e abrir os slides.			
2	Iniciar aula perguntando aos alunos a ideia do que seria custo e o que estuda a contabilidade de custos e pedir para dar um exemplo.	2 Primeiro citar o assunto da aula 3 Perguntar para os alunos a ideia do que seria custos e o que estuda a contabilidade de custos	3 min	A voz	
		4 pedir para os alunos citar exemplos de custos	2 min		
3	Após a explanação dos alunos, falar brevemente, o que estuda a contabilidade de custos, o que seria custos e citar alguns exemplos	5 Explicar brevemente o que estuda a contabilidade de custos 6- Conceituar brevemente custos 7- Citar exemplos de custos	10 min	A voz	
4	Após, um breve aspecto introdutório,iniciar efetivamente a aula lecionando sobre as terminologias. Em seguida, explanar	8- Iniciar os tópicos explicando as terminologias da Contabilidade de custo. 9- Dentre as terminologias	30 min	A voz e slide	

	sobre os princípios de custos	explicar o conceito de custos. 10- Após terminar essa parte, juntamente com questão, começar a explicar os princípios de custos.			

Avaliação: Questões durante a aula

Referências:

Básicas:
SANTOS, Marinéia Almeida dos, **Contabilidade de Custos**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018

Complementares:
DUTRA, Onei Tadeu, **Contabilidade de Custos**, Universidade do Sul de Santa Catarina, livro didático - 4ed Revista e Atualizada: Palhoça, 2017.
MARTINS, Eliseu, **Contabilidade de Custos**, Faculdade de Administração, Economia, Contabilidade da Universidade de São Paulo, Livro - 9ed, Editora Atlas S.A: São Paulo, 2003.
Slides:
https://docs.google.com/presentation/d/12xIwJczakRylg3Y9XOgoiZ0lGiH_3wonSkXxPSz3tFo/edit?usp=drivesdk

Atividade e avaliação

Em relação à avaliação da aula, os aspectos positivos identificados foram de entrosamento dos participantes, boa conexão entre teoria e prática graças a exemplos reais, e uso de recursos multimídia que diversificaram a aprendizagem. Como pontos a melhorar, foi observado que o ritmo acelerado na segunda metade da aula dificultou a assimilação de conceitos mais complexos, sendo recomendado ajustar o cronograma e fornecer instruções escritas complementares para trabalhos em grupo. Isso

nos mostrou que, embora o professor tenha realizado com esmero seu planejamento, nem sempre as coisas saem como planejado. Sendo necessário replanejar para uma próxima oportunidade, o professor, deve ficar, portanto, estar em constante autoavaliação de sua prática, para sempre poder melhorá-la.

A experiência foi marcada por um ambiente com abertura para expor dúvidas sem receio, gerando um sentimento de pertencimento e curiosidade durante a aula. Muitos relataram sair da aula com aprendizados aplicáveis a contextos acadêmicos e profissionais. No quesito ressignificação, a escuta ativa passou a ser vista não apenas como técnica de comunicação, mas como base para a construção de empatia e confiança.

Para aulas futuras, recomenda-se reforçar o cuidado para a adaptação de recursos pedagógicos tendo em vista as deficiências que por ventura os alunos tenham. Talvez ampliar o uso de ferramentas digitais colaborativas, e criar ainda mais momentos para que os participantes compartilhem depoimentos e ideias, fortalecendo o aprendizado e a troca de experiências.

Capítulo 7: Nova perspectiva do ensinar Contabilidade para os discentes e docentes

Tainá Ferreira[1]
Willian Malheiro[2]

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."
(Paulo Freire, 1996)

A escolha da matéria

No decorrer da vida acadêmica, nós como discentes, não compreendemos a necessidade e a importância de algumas matérias, mas vamos amadurecendo e entendendo que cada uma compõe da sua forma o nosso profissionalismo.

Decidimos selecionar uma matéria do sétimo semestre, a Análise das Demonstrações Contábeis, por compor a matriz curricular na reta final da graduação. Tal disciplina carrega uma fundamentação necessária para a formação de futuros analistas contábeis, além de que, o conjunto de assuntos que integra a disciplina também foi chave para a sua escolha. Pois, nela aplicamos todo o conhecimento sobre Contabilidade adquirido até tal momento da graduação. Estudar sobre análise das demonstrações contábeis é aprimorar nossa percepção, atenção, cuidado e senso crítico sobre todos os demonstrativos financeiros, administrativos e contábeis gerados por uma entidade.

Levamos em conta alguns requisitos para selecionar uma disciplina, sendo eles:

[1] Estudante de Ciências Contábeis do 7º semestre em 2024.1 e-mail: taina.ferraz.cont@gmail.com
[2]Estudante de Ciências Contábeis do 7º semestre em 2024-1 e-mail: willianmalheiro.contador@gmail.com

Importância: Ler um demonstrativo contábil, vai muito além de visualizar os números que compõem cada conta do balanço patrimonial e o resultado líquido gerado pelo demonstrativo de resultado do exercício, pois analisar esses documentos é transformar os dados neles presentes e transformar em informações, é efetivamente ler o que dispõe cada um dos registros; Interatividade: Definimos como critério fundamental selecionar uma disciplina em que podemos realizar cálculos, observar fórmulas e resultados, pois entendemos como é indispensável conhecer e compreender a teoria, mas gostaríamos de lecionar um conteúdo prático, fazendo cálculos, visualizando resultados, entre outros.

A análise das demonstrações contábeis cumpre integralmente estes requisitos, pois dentro da matéria existem diversas possibilidades de conhecer a empresa mais a fundo.

A vivência da matéria

Ao escolher a matéria foi possível vivenciar vários sentimentos ao decorrer da construção da "aula que nunca tive e adoraria ter", pois, é um conteúdo que, se tratando de uma experiência individual, não exatamente executada como deveria ser, pode deixar lacunas na nossa formação.

Como discentes do ensino superior, sempre nos alertam sobre a importância de buscarmos conhecimento além dos campos da universidade, podendo ser na internet, em livros, estágios, há várias possibilidades. Mas não pode ser descartado que o docente é o guia do discente, deve ser seu amigo, observar o tipo de turma em que está ministrando aula, para saber como orientar. Nem sempre, essa conduta foi possível de ser observada no decorrer das disciplinas, e na matéria de Tópicos Contemporâneos de Contabilidade isso foi algo pontuado como relevante de acontecer.

Nesse processo de planejar uma aula, aprendemos que muitas vezes ensinar sobre algo faz parte de um desenvolvimento muito além do profissional, pois somos expostos ao nervosismo, à sensação de medo, da insatisfação com a forma de falar, se

posicionar e organizar as ideias. Precisamos, nessa primeira experiência, entender que nem tudo sairá perfeito, mas deve ser programado cada ponto, para que o mínimo seja lecionado da forma mais compreensível possível.

Além destes sentimentos, fomos expostos também à frustração, pois, aprendemos nessa disciplina de TCC que um plano de curso deve seguir um padrão mínimo, que as informações contidas ali devem respeitar o que foi construído no projeto geral de curso pela instituição para os órgãos oficiais de Educação, e observamos a ausência desses fatores na maioria das disciplinas cursadas até o momento por nós, alunos do 7º semestre de Contabilidade na UESB.

Os problemas pedagógico-didáticos vividos na matéria

Os problemas enfrentados em sala de aula são diversos, e destacar uma causa específica seria superficial, pois discentes e docentes, principalmente, podem tornar as vivências acadêmicas árduas.

Realçar as adversidades pedagógicos-didáticos por parte do docente será o nosso foco diante da matéria selecionada para esse estudo, análise das demonstrações contábeis. A mesma, ministrada no sétimo semestre do fluxogramado curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, foi palco para algumas situações expostas pela matéria de Tópicos Contemporâneos de Contabilidade como inadequadas.

A partir do que foi estudado na matéria em destaque neste capítulo, a condução da matéria de Análise das Demonstrações Contábeis foi caracterizada como uma disciplina de metodologia tradicional, na qual a docente apenas apresentava sobre o conteúdo, sem nenhuma abertura ou estímulos para questionamentos e diálogos construtivos. Este posicionamento, inicialmente, prejudica parcialmente ou até integralmente os discentes presentes na sala de aula, pois dentre as metodologias de aprendizado, perguntar, enfatizar, exemplificar é uma das melhores formas de se firmar sobre

um conteúdo. Destacamos sobre a falta de planejamento e o uso insuficiente de recursos didáticos que foram uns dos fatores decisivos para a escolha da disciplina, pois queríamos avaliar a dificuldade de fornecer essas ações.

Se tratando de uma disciplina denominada Análise das Demonstrações Contábeis, somos direcionados a um pré-julgamento que apenas será observado sobre os demonstrativos produzidos pela empresa e realizado um parecer sobre o que foi examinado. Entretanto, ao desbravarmos sobre a matéria para a construção da "aula que não tive e adoraria ter", foi perceptível um mundo à parte da Contabilidade tradicional. Nesta situação, o analista, realiza diversos cálculos, comparações, estudos de setor, observações minuciosas entre documentos, para se chegar a uma conclusão, o mais fiel a realidade da empresa. Deste modo, apenas dispor slides, não é o suficiente tanto para esta matéria, quanto para qualquer outra, deve-se haver questionamentos, exemplos, vivências, exercícios e estudos de caso, por exemplo. Visto que, é essencial que o docente aplique em sua aula, recursos diferentes para mobilizar cognitivamente os diferentes alunos e permitir a assimilação e o entendimento sobre o conteúdo.

A nossa experiência como discente da matéria de Análise das Demonstrações Contábeis, foi essencial para o planejamento da matéria, pois a partir desta, escolhemos aplicar recursos diferentes além de *slides*, como perguntas, demonstrações e propor um estudo de caso, organizado em etapas nas quais seria ensinado de forma didática e a teoria aprendida seria aplicada na realidade de uma empresa selecionada, as casas Bahia, a fim de que todos vivenciassem o papel de um analista contábil.

Preparação da matéria

A aula em questão, foi pensada para ser dinâmica, trazer teoria e prática ao mesmo tempo. Com isso, resolvemos trabalhar o início da unidade, introduzir o que é uma análise e como é o processo de se realizá-la.

Durante os nossos estudos, foi observado a importância que há sobre um analista, pois muito além do auditor contábil que valida a veracidade dos documentos, o analista contábil expõe sobre a realidade da empresa, a que vai além dos dados divulgados nas demonstrações contábeis. Tal profissional, precisa conhecer previamente o setor da empresa em que está aplicando seus conhecimentos, pois a partir deste parâmetro pode pontuar a posição da entidade dentro do mercado, se está positivo ou negativo diante da concorrência. Após este passo, os cálculos avaliados, os detalhes levados em consideração, os dados entendidos e interpretados, o analista irá definir então o quão positiva ou negativa está a empresa.

Toda a caminhada do analista, da chegada à finalização do seu relatório, é seguida por uma ordem, um passo a passo, e nós como docentes por um dia desta disciplina, gostamos desta organização, deste parâmetro previamente definido e com isso, gostaríamos de repassar aos nossos colegas da turma de Tópicos Contemporâneos de Contabilidade, como esse assunto "estudo aprofundado dos processos de análise", poderia ser didaticamente ensinado a uma turma de futuros contadores.

Decidimos trabalhar com o *Particify*, uma plataforma que pode ser usada pelo docente como um recurso didático, nela o discente pode realizar perguntas de forma instantânea, sem chamar a atenção do docente diretamente, e responder questionários montados de diversas formas diferentes pelo "condutor" da aula. Optamos em conjunto, por trabalhar com uma apostila, disposta no apêndice desse documento, com a proposta de realizar um estudo

de caso a partir dos dados[3] da empresa da "Casas Bahia", seria utilizado 100% do recurso. Deste modo, o discente poderia ter um contato tátil com os tipos de documentos que uma empresa pode fornecer, além de utilizar as laudas de acordo com a sua necessidade, anotando ou calculando diretamente ali, como se fosse realmente um analista.

Por fim, nós mantivemos um pouco no tradicional, ao exibir *slides*, entretanto, também nos mantivemos atentos a cada lauda criada, para que fizesse sentido e que andasse em conjunto com os demais recursos trabalhados em sala.

Uma ressalva: os recursos e passos metodológicos tradicionais não devem sem subestimados tão pouco demonizados/abolidos. Em educação tudo é complexo e contextual. O professor com boa formação didática, conhecendo seu grupo discente e elementos pedagógicos disponíveis saberá escolher e se beneficiar dos recursos, independentemente deles serem tradicionais ou pós-modernos, o fito ulterior é a aprendizagem discente. Por isso, o uso ou não de *slides* não é um problema em si, mas sim, como e por que eles estão tendo espaço na aula universitária, lugar onde não pode faltar o respeito e o diálogo.

O plano de curso

UNIVERSIDADE XXXXXXXXXX		
PLANO DE CURSO		
Professor(a): Tainá Ferraz e Willian Malheiro		
Componente Curricular: Análise de Balanço		Código: xxx
Carga Horária: 60h	Créditos: xx	Período: xx

EMENTA
Análise das demonstrações contábeis. Técnicas de análise. Diagnóstico e relatórios conclusivos. Análises comparativas. Aplicação de indicadores econômico-financeiros. Alavancagem operacional e financeira. Estudo aprofundado dos processos de análise. Análise por grupo empresarial.

[3] Tratam-se de dados públicos e disponíveis na internet, visto que se trata de uma empresa de capital aberto, com ação em bolsa de valores.

OBJETIVO GERAL
Praticar os fundamentos, métodos e técnicas de interpretação e análise das Demonstrações Contábeis.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Aprofundar o conhecimento da estrutura teórica, técnica e normativa da evidenciação das informações contábeis; Desenvolver a capacidade e habilidade interpretativa e crítico-analítica dos dados e informações evidenciados nas Demonstrações Contábeis; Utilizar as formas e práticas das técnicas de análise das Demonstrações Contábeis; Desenvolver a visão sistêmica sobre a situação econômica, operacional e financeira, bem como a solução dos problemas empresariais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
1- Análise das demonstrações contábeis. Objetivos da Análise de balanços; Conceito/ Finalidade/ Beneficiário; Ajustes necessários para uma análise eficiente. 2- Estudo aprofundado dos processos de análise das demonstrações contábeis. Etapas dos processos. 3- Técnicas de análise. Análise vertical; Análise horizontal; Análise por índice. 4- Aplicação de indicadores econômico-financeiros. Indicador de liquidez; Indicador de rentabilidade; Indicador de endividamento. 5- Alavancagem operacional e financeira. Alavancagem operacional; Alavancagem financeira; Alavancagem total. 6- Análise por grupo empresarial. 7- Diagnóstico e relatórios conclusivos. Relatório do analista. 8- Análises comparativas.
METODOLOGIA DE ENSINO
Será fundamentada na metodologia participativa e utilizará: Aulas expositivo-dialogadas; Resolução de exercícios; Estudos de caso;

Relatórios; Realização de exercícios baseados em questões do ENADE e em Exames de Suficiência do CFC, entre outros.

RECURSOS DIDÁTICOS
Lousa; Projetor Multimídia; Computador; Apostilas; Aplicativos, entre outros.

AVALIAÇÃO
A avaliação do desempenho na disciplina será realizada através de um processo contínuo e sistemático, envolvendo os resultados de verificações: Uma prova no fim de cada unidade com o valor de 6 pontos. Espera-se que o aluno demonstre domínio dos conceitos teóricos; capacidade de sistematização de ideias e análise de dados com aplicação das técnicas trabalhadas em aula. Produção de relatório com foco no assunto trabalhado com o valor de 4 pontos – totalizando 10 pontos por unidade. Espera-se nessa atividade clareza na linguagem: objetividade; impessoalidade, coerência; organização dos dados; consistência e fundamentação de números e argumentos.

CRONOGRAMA	
Aula 01	Análise das demonstrações contábeis.
Aula 02	Estudo aprofundado dos processos de análise
Aula 03 a 05	Técnicas de análise
Aula 06 a 08	Aplicação de indicadores econômico-financeiros
Aula 09 a 10	Aplicação de uma atividade
Aula 11	PROVA – I UNIDADE
Aula 12 a 14	Alavancagem operacional e financeira
Aula 15 a 17	Atividade sobre aplicação de indicadores
Aula 18 a 20	Análise por grupo empresarial.
Aula 21	PROVA – II UNIDADE
Aula 22 a 23	Diagnóstico e relatórios conclusivos.
Aula 24 a 25	Análises comparativas
Aula 25 a 29	Atividade sobre construção de um relatório
Aula 30	PROVA – III UNIDADE

REFERÊNCIA BÁSICA
FIPECAFI/USP. **Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações:** aplicável também às demais sociedades, 2ª Edição, São Paulo: Editora Atlas, 2013; VICECONTI, Paulo, NEVES, Silvério das, **Contabilidade Básica**, 15. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2012; VICECONTI, Paulo, NEVES, Silvério das, **Contabilidade Avançada**, 16 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

REFERÊNCIA COMPLEMENTAR
ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços:** um enfoque econômico-financeiro. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2020. recurso online. IUDÍCIBUS, Sérgio. **Análise de balanços**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2017. Recurso online MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis:** contabilidade empresarial. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2012. SAPORITO, Antônio. Análise e estruturas das demonstrações contábeis. São Paulo: Érica, 2015.

Mediação Didática Lúdica no Ensino Superior

O significado da palavra ludicidade, para muitos, pode significar apenas jogos, brincadeiras, aquele momento leve e "bobinho" que vivíamos no ensino fundamental, entretanto, é muito, além disso. A ludicidade pode ser definida como o sentimento interno do indivíduo ao experienciar prazer no que ele está fazendo, sentimento esse que possibilita a imersão na situação exposta pela inteireza que o indivíduo sente - cognitiva e afetivamente, pelo autocentramento que o indivíduo vivencia.

No sentido apresentado, sobre o que é a ludicidade, faz sentido o julgamento inicial que normalmente é perceptível sobre o termo, principalmente pelo fato de que o estado lúdico, normalmente, não é trabalhado no ensino superior. Neste, estamos presos à fala de que "estamos lidando com adultos", sendo apenas aulas expositivas, seminários, textos e relatórios, entretanto, buscar o estado lúdico, seja em qualquer faixa etária, é garantir que a atenção do indivíduo esteja completamente na atividade que está

sendo desenvolvida. Isso, para adultos, pode exercer um poder ainda maior, pois é perceptível empiricamente como a maior idade acarreta a crescente dificuldade de aprender sobre algo.

A ludicidade no ensino superior pode se apresentar em pequenos detalhes no cotidiano da sala de aula. Por exemplo, pode emergir em uma forma simples, ao aplicar uma atividade na qual cada questão contém tirinhas que mostram uma situação e o discente pode trazer uma solução ou explicar o que está acontecendo. A informalidade da "tirinha" se encarrega de aproximar o leitor/aluno da informação, estimulando novas formas de aprendizado através do visual. Há juntamente outras possibilidades, como solicitar que os alunos escolham um *emoji* para definições de um determinado assunto e expliquem o porquê, assim é possível iniciar uma roda sobre "achismos" de determinado tema permitindo caminhar suavemente, saindo do senso comum, para o conhecimento científico.

Situações assim, são exemplos que podem ser incorporados às atividades no ensino superior, além dos jogos, brincadeiras, encenações, gincanas, entre outros. Estes, serão motivação para o aluno, o deixando confortável e com a sensação de querer aprender sobre o que está acontecendo. Destarte, naturalmente o fenômeno da ludicidade vai aflorando nas relações de ensino e aprendizagem.

Escolha da metodologia de ensino

Durante as aulas da matéria "Tópicos Contemporâneos de Contabilidade", aprendemos sobre o ensinar, descobrimos como cada estilo de aula tem um nome, um padrão de definição, um panorama sócio político subjacente.

Decidimos ministrar uma aula com características de uma metodologia participativa, buscamos trazer para perto o aluno com perguntas, exercícios e estímulos em fala, além de solicitar a participação com auxílio em cálculos, consultas em documentos ou colaboração para definições de termos. De acordo com Brandão (2002), o método de Paulo Freire propõe uma aprendizagem

construída a partir do diálogo entre educador e educando, com base na vivência concreta dos participantes e na problematização da realidade, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência crítica e coletiva. Acreditamos, como discentes, que tal metodologia de ensino possibilita que mais alunos possam aprender, pois, aqueles que utilizam do cinestésico, do auditivo e do visual se desenvolvem mais. Destacamos este ponto, pois em metodologias como a tradicional, o aluno fica restrito apenas a releituras e falas que muitas vezes não são claras e maleáveis para seu entendimento.

A partir dos comentários realizados após a aula ministrada, foi possível constatar que transpomos da melhor forma o conteúdo selecionado, visto que os exercícios dispostos, presentes no apêndice deste livro, contiveram uma taxa de acerto de 99% em sala de aula, indicando quantitativamente a eficácia e efetividade da metodologia de ensino ativa que aplicamos.

O plano de aula

A continuação apresentamos o plano da aula que empreendemos:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
Curso: Ciências Contábeis
Componente curricular: ANÁLISE DE BALANÇO
Duração: 50 minutos – Unidade: I
Docentes: Tainá Ferraz e Willian Malheiro

Plano de aula
Tema/Conteúdo: Estudo aprofundado dos processos de análise das demonstrações contábeis.

Objetivo Geral: Utilizar as formas e práticas das técnicas de análise das Demonstrações Contábeis.

Objetivos Específicos:
1) Entender quais documentos são necessários para a elaboração de boa análise;
2) Conhecer as situações em que cada tipo de analista contábil trabalhará;
3) Aplicar na prática os cálculos e os indicadores nos demonstrativos – Análise Vertical.

Desenvolvimento da aula					
	Ação	Procedimen-tos metodológicos	Tem-po	Recursos	Observação
1	Saudar os alunos	Cumprimentar os alunos e perguntar se estão todos bem; Iniciar o computador no datashow e abrir os slides no canva "análise das demonstrações das casas Bahia" juntamente com o particify Falar sobre a importância de estudar esse processo	+/-2'	Computador	Tainá
2	Apresentação sobre o tema da aula	1. Ler slide 1, título da aula; 2. Apresentar a proposta da aula.	+/- 1'	Computador; Datashow; Slides.	Tainá
3	Retrospectiva da aula anterior	1. apresentar o slide 2; 2. Explicar a proposta de	+/- 2'	Computador; Datashow; Slides.	Tainá

		rever a aula passada; 3. Ler os subitens do slide.			
4	Conceito de análise das demonstrações contábeis	Conceitualizar a frase que está no slide 3; Lincar com o objetivo das demonstrações contábeis.	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides.	Tainá
5	Objetivo da análise das demonstrações contábeis	1. Apresentar o slide 4; 2. Fazer uma analogia entre os dados que se transformam em informações.	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides.	Tainá
6	Beneficiários das demonstrações contábeis	Apresentar o slide 5; quem são os beneficiários; 3. Apresentar pelo menos uma situação em que dois beneficiários se encaixam.	+/- 1′	Computador; Datashow; Slides.	Tainá
7	Material da aula	Apresentar slide 6; Distribuir as apostilas; Pedir que acessem o particify.	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides; Celular; Impressão	Tainá
8	Introdução ao tema da aula	Apresentar slide 7; Introdução do analista na	+/- 4′	Computador; Datashow; Slides; Celular;	Tainá

		empresa contratante; O objetivo do relatório do da empresa contratante.		Impressão	
9	Explicar sobre o primeiro passo de um analista	Apresentar slide 8; Explicar sobre os documentos; Questionar se mesmo que uma empresa não tenha todos esses documentos, ela pode seguir com uma análise; Questionar se todos esses documentos são necessários.	+/-5′	Computador; Datashow; Slides; Celular; Impressão	Tainá
10	Explicar sobre o segundo passo	Apresentar o slide 9 Explicar sobre a necessidade de conferir; Pontuar sobre parecer de auditor.	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides; Celular; Impressão	Tainá
11	Colocar o questionário do particify	Pedir para que respondam as duas primeiras questões Mostrar os resultados	+/-5′	Computador; Datashow; Slides; Celular; Impressão	Tainá
12	Explicar o terceiro passo	Apresentar o slide 10 Explicar o que é a reclassificação de contar	+/-6′	Computador; Datashow; Slides; Celular; Impressão	Tainá

		Apresentar exemplos Expressar a importância de ser realizado essa etapa			
13	Contextualizar sobre o CCL	Apresentar o slide 11 Explicar o porquê vamos usar o Capital Circulante Líquido nessa etapa Explicar o que é o CCL	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides.	Tainá
14	Apresentar o exemplo	Apresentar o slide 12 Mostrar qual ajuste foi feito e o resultado do CCL Apresentar o slide 13 Demonstrar a conclusão gerada pelo CCL	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides.	Tainá
15	Realizar um exemplo	1. Apresentar o slide 14; 2. Fazer o exemplo das casas Bahia.	+/- 2′	Computador; Datashow; Slides; Lousa.	Tainá
16	Questionários	1.Solicitar aos alunos que respondam às 2 últimas questões.	+/-5′	Computador; Datashow; Slides; Celular; Impressão.	Tainá
17	Situar a turma sobre em qual etapa estamos	1. Apresentar o organograma e situar a turma sobre os pontos	+/- 3′	Computador; Datashow; Slides.	Willian

	dentro do conteúdo.	já trabalhados e os que +/- serão trabalhados a partir daquele momento.			
18	Apresentar o segundo tema da aula – Análise vertical	1. Conceituar a técnica de Análise vertical; 2. Demonstrar fórmula do cálculo e como é produzida; 3. Apresentar balanço exemplo; 4. Dar exemplos de outras aplicações da análise vertical.	+/-5'	Computador; Datashow; Slides.	Willian
19	Demonstrar a análise vertical no Balanço Patrimonial	1. Mostrar a disposição das porcentagens na coluna, iniciando pelo valor base 100%; 2. Demonstrar no quadro a aplicação da fórmula na conta clientes; 3. Fazer leitura da conta Estoque; 4. Apresentar a análise vertical no passivo e patrimônio líquido; 5. Incentivar a turma a fazer a	+/-10'	Computador; Datashow; Slides; Quadro.	Willian

		leitura com o professor; 6. Apontar as variações na conta, empréstimos bancários e fornecedores.			
20	Demonstrar a análise vertical na DRE.	1. Apresentar a análise vertical no DRE; 2. Pontuar quais contas mais consomem as receitas na situação exemplo.	+/- 5′	Computador; Datashow; Slides.	Willian
21	Concluir a aula com os pontos finais da análise vertical.	1. Tecer breve explicação sobre parâmetros relativizados com exemplos; 2. Apresentar quais os principais pontos podem ser observados para efeito de análise no balanço e no DRE.	+/- 5′	Computador; Datashow; Slides.	Willian
22	Aplicação de exercício	1.Solicitar aos alunos a resolução das questões sobre análise vertical.	+/- 5′	Computador; Datashow; Slides.	Willian

Avaliação: Realização de questionário

Referências:

Básicas: SAPORITO, Antônio. A**nálise e estruturas das demonstrações contábeis**. São Paulo: Érica, 2015.
Complementares: DINIZ, Natália. **Análise das demonstrações financeiras.** Rio de Janeiro: SESES, 201

Atividade e avaliação

Com o intuito de medir o grau de entendimento da turma, ao fim da explanação dos conteúdos, propusemos a resolução de algumas questões com o auxílio da plataforma *Particify*.

O aplicativo permite a elaboração de enquetes personalizadas *online* em que os alunos têm acesso às perguntas e respostas de forma anônima. Desse modo, conseguimos, logo após as explicações em aula, formular uma perspectiva sobre o desenvolvimento da turma de maneira interativa e dinâmica.

Observamos que não houve, por meio da turma, resistência e dificuldade da em acessar e responder as perguntas. Concluímos assim que atendemos o esperado com essa proposta de avaliação imediata.

No que diz respeito à aula e nosso desempenho como um todo, concluímos que, apesar do nervosismo, conseguimos atender nossas expectativas e atender às qualidades e características que uma aula deva ter como mencionamos em momento anterior deste capítulo.

Importante pontuar que, os momentos ápices da nossa aula se deram mediante a participação dos alunos. Considerando o nosso grau de apreensão com os futuros questionamentos, grata foi à surpresa por observarmos que as perguntas que se sucederam deram maior confiança a nós "professores" e tornou a aula mais fluida. Atribuímos a esse ocorrido, a preparação prévia da aula, desde a elaboração do plano de aula em si até o estudo do conteúdo que nos muniram de certo grau de entendimento e capacidade para lidar com aquilo que não é previsto, mas esperado, até porque, nossa proposta era de uma aula participativa e flexível.

Destarte, ainda que tenhamos logrado êxito na nossa empreitada, entendemos que há ainda o que se possa aperfeiçoar e tornar melhor num cenário real de sala de aula. Podemos, por exemplo, deixar a explanação mais compreensível conforme falamos mais pausadamente. É preciso também, atentar-se a não deixar de falar pontos importantes da aula ou saber o momento oportuno de retornar ao conteúdo sem que se deixe a aula confusa com a quebra do raciocínio lógico.

É claro que, a experiência com a sala de aula prepara o professor para tais cenários e as diversas situações comuns. Consequentemente, o nervosismo passa a não existir mais e não afetar o seu desempenho.

Contudo, podemos afirmar que a experiência proporcionada a nós na disciplina e todo o conteúdo aprendido e desenvolvido (e apresentado neste livro), nos mostrou uma nova perspectiva sobre "dar" aula e todo o processo que envolve a profissão da docência. Pudemos, assim, dar nome aos problemas vivenciados por nós nas salas de aula da UESB e a adoção de uma nova postura para lidarmos com eles. Sabemos que pouco podemos fazer para mudar a realidade atual, mas podemos contribuir - seja com esse livro ou nos tornando futuros docentes com novas condutas – para uma educação mais efetiva e promissora no futuro.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos).

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. CPC 26 (R1) – **Apresentação das Demonstrações Contábeis. Brasília: CPC,** 2011. Disponível em: https://www.cpc.org.br. Acesso em: 19 jul. 2024.

Apresentação das autoras e dos autores

Ana Paula Souza
Sou estudante de graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Apaixonada por futebol e pelos números, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma ótima oportunidade de experimentar como é ser um professor por uns dias, na qual já foi o desejo de criança e viver isso por um dia foi um sonho realizado. Quando não estou estudando, gosto de ler romances, escutar notícias sobre o meu time e descobrir curiosidades do mundo. Fico feliz em compartilhar esse conteúdo com você! Para trocar ideias, meu e-mail é: anapszap@gmail.com.

Caio Almeida
Eu sou Caio Almeida Santos, estudante de graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Apaixonado por Auditoria e Controladoria, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma ótima oportunidade de colocar em prática ideias que vão além da sala de aula. Quando não estou estudando, gosto de dirigir e assistir a seriados. Fico feliz em compartilhar esse conteúdo com você! Para trocar ideias, meu e-mail é: caioschneideroab19@gmail.com.

Danilo Sampaio
Sou graduado em Matemática e atualmente curso Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com interesse especial em finanças corporativas e análise contábil aplicada. Este livro é fruto da nossa jornada como estudantes e do desejo de tornar o ensino da Contabilidade mais acessível, dinâmico e conectado à realidade profissional. Minha contribuição está voltada para a construção de pontes entre teoria e prática, valorizando métodos que estimulem o raciocínio crítico e a

autonomia dos aprendizes. Nos momentos de descanso, encontro prazer em viajar, estar com minha família e mergulhar em boas histórias através de filmes e séries. É com entusiasmo que compartilho este material, resultado de dedicação e troca de saberes. Para conversas e trocas de experiências, estou disponível pelo e-mail: dansampaio4@gmail.com

Édson Lopes
Sou Édson Souza Lopes, estudante de graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Apaixonado por Contabilidade Empresarial e uma descoberta incrível em Perícia Contábil, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma excelente oportunidade de revisitar uma experiência que sempre desejei vivenciar durante minha formação. Quando não estou estudando, gosto de fazer academia, jogar vôlei, futebol, entre outras atividades. Fico feliz em compartilhar esse conteúdo com você! Para trocarmos ideias, meu e-mail é: edsonsouzalopes49@gmail.com

Karine Cardoso
Sou estudante de Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com especial interesse na área de consultoria contábil e em como ela pode contribuir para decisões mais estratégicas nas organizações. Este livro é resultado da nossa trajetória acadêmica e do desejo de fortalecer a relação entre ensino e aprendizagem, tornando o estudo da Contabilidade mais envolvente, prático e significativo. Minha colaboração se concentrou em propor caminhos que aproximem o conteúdo da realidade dos alunos, estimulando o protagonismo e a troca de saberes. Nos momentos de lazer, gosto de assistir filmes e séries, além de aproveitar o tempo com minha família, que é minha base e inspiração. É com satisfação que apresento este material, fruto de dedicação coletiva e compromisso com a formação contábil. Para

trocas de ideias e experiências, estou disponível pelo e-mail: karine.ssi@hotmail.com

Laila Dias
Sou Laila Dias de Aguiar, estudante de Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Interessada pela área tributária, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma excelente oportunidade de colocar em prática ideias que vão além da sala de aula. Quando não estou estudando, gosto de ler romances e obras de ficção científica. Fico feliz em compartilhar este conteúdo com você! Para trocar ideias, meu e-mail é: diaslaila23@gmail.com.

Márcia Mineiro
Sou pedagoga e contadora, professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tenho mestrado em Ciências Contábeis, doutorado em Educação e fiz Pós-doutorado em Educação também. Este livro foi uma ótima oportunidade de colocar em prática ideias que vão além da sala de aula e arrematar meu projeto de Ludicidade no Ensino Superior no curso de Ciências Contábeis. Estou muito contente com a realização deste livro feito com carinho para compartilhar saberes da educação e da Contabilidade! Para trocar ideias acadêmicas, meu e-mail é: marcia@uesb.edu.br.

Paloma Lima
Sou estudante de graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Com imenso apreço pela área de perícia contábil, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma ótima oportunidade de explorar um possível campo de atuação profissional e refletir sobre como seria exercer essa função na prática, bem como para identificar as lacunas no nosso processo de aprendizagem, que notamos, mas que não paramos para compreender. Quando não estou estudando, gosto de assistir

documentários criminais e ler. Fico feliz em compartilhar esse conteúdo com você! Para trocar ideias, meu e-mail é: contatopalomaslima@gmail.com

Raíssa Carvalho
Sou estudante de graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Apaixonada por Contabilidade geral, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma ótima oportunidade de conhecer mais um caminho em que este curso me possibilita exercer. Quando não estou estudando, gosto de assistir filmes. Fico feliz em compartilhar esse conteúdo com você! Para trocar ideias, meu e-mail é: raissacarvgon2@gmail.com.

Rian Santos
Sou estudante de graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Apaixonado pela área pública e tributária, estou sempre em busca de novos desafios e aprendizados. Este projeto foi uma ótima oportunidade de aprendizagem, combinando a atividade teórica com a prática em sala de aula. Quando não estou estudando, gosto de praticar esportes, está envolvido com a cultura, fazendo arte. Fico feliz em compartilhar esse conteúdo com você! Para trocar ideias, meu e-mail é: riaan994.santos@gmail.com.

Tainá Ferreira
Sou graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com grande interesse em Contabilidade Gerencial e Controladoria. Essas áreas me inspiram a buscar aprendizado contínuo e novos desafios. Participar deste projeto ampliou minha visão sobre as possibilidades de atuação na contabilidade e proporcionou uma vivência prática enriquecedora. Nos momentos livres, gosto de jogar videogame e aproveitar a companhia dos meus gatos. Acredito no poder do conhecimento compartilhado e fico feliz em dividir este conteúdo com você.

Espero que esta obra contribua de forma significativa para sua formação. Para conversarmos, meu e-mail é: taina.tff@gmail.com.

Thayná Lima
Sou estudante de Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com interesse especial nos aspectos da Contabilidade Pública e sua relevância. Este livro surgiu da nossa vivência acadêmica e do desejo de tornar o ensino contábil mais acessível e envolvente. Minha contribuição se concentra em explorar abordagens que conectem teoria e prática, promovendo acessibilidade aos materiais didáticos. Nos momentos de lazer, gosto de passear, ouvir boa música e curtir a companhia da minha gatinha, que sempre traz leveza aos meus dias. É com alegria que compartilho este material, fruto de dedicação e troca de experiências. Para conversas e colaborações, estou disponível pelo e-mail: thayna.assessoria.contabilidade@gmail.com .

Willian Malheiro
Sou estudante de Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com especial interesse em perícia contábil e finanças corporativas. Este livro nasceu da nossa vivência como alunos e do desejo de transformar a perspectiva sobre como a Contabilidade pode e deve ser ensinada. Minha contribuição se concentra em demonstrar o impacto de abordagens didáticas inovadoras para uma compreensão mais profunda e prática dos conteúdos. Nos meus momentos de lazer, aprecio o universo da culinária e os momentos dedicados a uma boa xícara de café. É uma honra apresentar este material, fruto de reflexão e dedicação. Para discussões e troca de experiências, meu contato é: willianmalheiro.contador@gmail.com.

Este livro, fruto de múltiplas mãos, compartilha vivências e reflexões discentes culminando na criacão e partilha da "aula dos sonhos". Ao experimentar o papel de professor por um dia, as(os) autoras(es) enfrentaram desafios do ensino e da aprendizagem desenvolvendo atitudes mais emancipadoras, participativas e empáticas, promovendo um diálogo sensível entre teoria e prática. Uma mostra de formação didática no bacharelado.

Pedro & João Editores
20 Años
pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2390-2